

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

TERÇA-FEIRA
16 DE MARÇO DE 2004
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO Nº110

ALUNOS DA FACULDADE DE LETRAS NÃO QUEREM NOVOS CURSOS

Estudantes queixam-se da falta de condições para a abertura de licenciaturas

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra prevê a criação de novos cursos nos próximos anos. A licenciatura em Turismo, Lazer e Património foi já aprovada pelo Senado universitário e órgãos de gestão da faculdade e deverá começar a receber

candidatos no próximo ano lectivo. Os alunos, contudo, opõem-se a esta medida, argumentando que a instituição não oferece as condições necessárias. As principais queixas prendem-se com as infra-estruturas deficitárias e com uma alegada falta de docen-

tes. A presidente do núcleo de estudantes de Letras, Luísa Santos, já classificou o curso de Turismo como "falacioso". Por outro lado, o presidente do conselho científico considera que os eventuais problemas não inviabilizam a nova licenciatura. A polémica

em torno da orientação estratégica da faculdade reacendeu-se na semana passada, quando os alunos apresentaram uma moção de censura no conselho pedagógico. Em sinal de protesto, os docentes abandonaram a sala. **PÁG. 7**

JONAS BATISTA



ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA COM POUCA ACTIVIDADE ACADÉMICA

Investigação realizada pelo Centro de Estudos Sociais traça perfil do estudante de Coimbra

O estudo levado a cabo por Elísio Estanque e João Arriscado Nunes, investigadores da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, revela que o interesse pela vida associativa tem vindo a diminuir ao longo dos últimos anos. Este trabalho teve como principal objectivo conhecer os estudantes da Universidade de Coimbra e saber quais as suas expectativas.

A investigação, que se baseia

num inquérito junto da comunidade estudantil da instituição durante o ano lectivo 1999/2000, demonstra também que grande parte dos estudantes provêm da região Centro e que a maioria é feminina. Contrariamente ao que tem vindo a ser afirmado por alguns estudiosos, a investigação revela ainda que os estudantes universitários se mostram preocupados com os problemas da sociedade. **PÁGS. 2 E 3**

Entrevista

"Ninguém esperava uma Académica tão forte"

Depois de três meses aos comandos da equipa de basquetebol da Académica, Samuel Veiga mostrou-se satisfeito com os jogadores. Perto do final da fase regular, o técnico considera ser um desafio pegar na herança de 100 por cento de vitórias.

PÁG.17

Pratas revisitado

Após o fecho da tasca, os donos falam dos 39 anos ao lado dos estudantes. Estórias de um mito praxístico de Coimbra. **PÁGS. 12 E 13**

Polis cumpre datas

Autarquia diz que Polis de Coimbra vai respeitar os prazos, e modificar a zona ribeirinha **PÁG. 8**

Blues voltam a Coimbra

Segunda edição do festival "Coimbra em Blues" começa na quinta-feira e traz mais uma vez um cartaz de luxo. **PÁG. 18**

MANIFESTAÇÃO DE DIA 24 JÁ MEXE

Os dirigentes associativos têm apostado em campanhas de sensibilização para preparar a manifestação nacional do próximo dia 24. Entre campanhas de informação nacionais e semanas de luta descentralizadas, os estudantes de todo o país juntam-se hoje em

Coimbra para debater o sistema do ensino superior e as estratégias a seguir. Em Coimbra, decorre amanhã uma "Marcha da Informação", que termina na Praça 8 de Maio, e na quinta-feira tem lugar a "Corrida da Educação". **PÁG. 5**

Eu estou certo que este assunto sobre 4º poder não existe. É tudo uma grande invenção dos media...

III Encontro Nacional de Estudantes de Jornalismo e Comunicação

"O 4º Poder em Discussão"

26 a 28 de março de 2004

www.enejc.web.pt

SUMÁRIO

Destaque	2	Reportagem	12
Opinião	4	Ciência	14
Academia	5	Desporto	15
Universidade	7	Cultura	18
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	9	Agenda	22
Internacional	10	Vinte&três	23



Autores do estudo realçam a abertura da universidade à sociedade

Estudantes preocupam-se com problemas da sociedade

Investigação traça o perfil do estudante de Coimbra

Saber quem são os estudantes da Universidade de Coimbra (UC) é o objectivo de um estudo realizado por investigadores do Centro de Estudos Sociais (CES) da faculdade de Economia

**Tiago Azevedo
Sara Cardoso**

Apresentado durante a VI Semana Cultural da UC, o estudo de Elísio Estande e João Arriscado Nunes mostra que a universidade tem vindo a sofrer uma regionalização e um aumento da participação feminina. O desinteresse pela vida associativa foi outra das conclusões obtidas.

Perante as alterações que o sistema de ensino superior em Portugal tem sofrido nas últimas décadas, como a democratização do acesso à universidade, a UC considerou pertinente analisar e questionar as mudanças em curso, no plano das expectativas estudantis. Deste modo, foi levado a cabo, no ano lectivo 1999/2000, um inquérito aos estudantes desta instituição, cujos resultados são agora conhecidos. No entanto, já em Outubro de 2003 foi publicada uma parte do estudo, na

"Revista Crítica de Ciências Sociais", uma edição do CES, que dedicou esse número à "Universidade e os jovens".

O inquérito foi feito a uma mostra representativa das oito faculdades, estratificada segundo o sexo, tendo sido apurados 1887 inquéritos válidos. Conhecer os estudantes que frequentam a UC, saber as suas origens geográficas e de classe, conhecer o seu nível de participação social e as suas expectativas em relação à universidade, são algumas das questões a que este estudo pretende responder procedendo, assim, nas palavras de Elísio Estande, "a uma caracterização sistemática de quais são os principais traços sociológicos da população estudantil da UC". Neste sentido, o estudo poderá servir para auxiliar a universidade na resposta a dar aos novos desafios impostos pela democratização do acesso, bem como pela internacionalização do ensino, actualmente em marcha.

Universidade heterogénea

Uma das principais conclusões a que os responsáveis deste estudo chegaram foi que a UC tende para uma crescente regionalização. Isto quer dizer que a maioria dos estudantes que frequenta esta instituição provém da região Centro - cerca de 63 por cento -, enquanto apenas 31,7 por cento é oriunda das outras zonas do país. No entanto, o sociólogo Elísio Estande sublinha que esta é uma tendência a nível nacional, uma vez que se trata de

um "fenómeno mais geral e sociológico que se coloca também nas outras regiões do país". Quanto às classes sociais a que pertencem, o estudo revela que a grande maioria da população estudantil, cerca de 33 por cento, são da classe dos "trabalhadores não qualificados", aqui entendidos como os trabalhadores assalariados, por conta de outrem e com recursos escolares pouco significativos. De acordo com Elísio Estande, este resultado exprime a tendência de democratização da universidade e o declínio do elitismo da UC. No entanto, o docente sublinha que esta "abertura e esta democratização não significam a existência de uma igualdade de oportunidades para todos os jovens, independentemente da sua classe de origem". De acordo com o sociólogo, isso ainda não acontece. "Nem sei se algum dia virá a acontecer", sublinha.

João Arriscado Nunes acrescenta que, embora a "população estudantil da UC seja bastante heterogénea, existem, ainda, uma série de características semelhantes àquelas que se encontravam na universidade do Estado Novo". Para Elísio Estande, esta abertura levanta outras questões sociais, designadamente o emprego, uma vez que hoje em dia não é por se ser licenciado que se tem acesso fácil a um emprego: "Os jovens saem do ensino superior e têm que procurar empregos precários e em áreas que pouco têm que ver com a sua área de formação".

Comparando as classes sociais e os cursos escolhidos, o estudo conclui que os alunos provenientes da classe dos "trabalhadores não qualificados" optam pelos cursos de Letras e Artes, enquanto que os que vêm de classes com maiores recursos económicos optam pelos cursos de Ciências Médicas e Farmacêuticas, Engenharias, Direito e Desporto.

Maioria feminina

Um outro fenómeno marcante que esta análise evidencia é a crescente feminização da universidade. De facto, de acordo com os dados apurados, as raparigas estão em maioria, sobretudo na classe dos trabalhadores não qualificados: 28,9 por cento de rapazes contra 34,5 por cento de raparigas. Nas palavras de João Arriscado Nunes, esta é uma tendência que "atinge praticamente todas as áreas, sendo um aspecto importante a considerar se tivermos em conta que houve tempos em que a universidade estava vedada a mulheres". Já Elísio Estande acrescenta que este fenómeno "tem influência na própria identidade da UC, pois se olharmos para os rituais, muitos deles aparecem envoltos numa clara aura de masculinidade, como a praxe e as baladas".

No que diz respeito às razões de escolha da UC, a proximidade geográfica encontra-se em primeiro lugar, com 31 por cento, seguida do prestígio da instituição, considerada por 27 por cento dos estudantes.

Já no que toca à escolha do curso, a principal razão apontada pelos inquiridos é a vocação, com cerca de 65 pontos percentuais, estando os resultados das provas específicas no segundo lugar, com 12 por cento. Nesta situação, Elísio Estande refuta a ideia de que haja "predestinação de um aluno para estudar Engenharia, História ou Medicina", considerando que se trata apenas de uma "tendência subconsciente de nos auto-justificarmos por aquilo que somos ou aquilo que fazemos".

Uma ideia que este estudo vem contrariar é a do individualismo da actual juventude. Analisando o quotidiano e as perspectivas para o futuro dos inquiridos, conclui-se que existe uma tendência para dar primazia ao envolvimento social e ao interesse colectivo. Refutam-se, assim, alguns diagnósticos acerca do individualismo, da indiferença e do vazio de valores dos jovens de hoje. Nas palavras do docente Elísio Estande a comunidade estudantil da UC "preocupa-se com os problemas da sociedade e quer, partilhando com os outros, contribuir para o desenvolvimento e para a justiça social, por exemplo".

Entre as principais conclusões a que este estudo chegou encontram-se, ainda, os números da participação estudantil. Os resultados apontam para um escasso índice de participação dos estudantes, quer nos núcleos das faculdades e estruturas autónomas, quer nos diferentes órgãos da Associação Académica de Coimbra

Menor participação no movimento associativo



PEDRO COSTA GOMES

Investigação contraria teses que afirmam que estudantes universitários são individualistas

Estudo realizado junto dos alunos da Universidade de Coimbra demonstra que os estudantes se afastaram do associativismo

O estudo realizado pelos investigadores do CES Elísio Estanque e João Arriscado Nunes, revela que existe uma "dificuldade de mobilização da massa estudantil", como acontece "com as estruturas associativas em geral". Os autores salientam o facto de, apesar da Associação Académica de Coimbra (AAC) ter muitos estudantes inscritos, isto não corresponder "necessariamente a uma associação participada pelos seus membros". Para tal, utilizam o exemplo dos actos eleitorais, onde "os níveis de votação têm oscilado entre os 18 e os 25 por cento". Deste modo, realçam os escassos índices de participação estudantil ao nível dos núcleos das faculdades e estruturas autónomas, bem como nos órgãos da AAC.

De acordo com Elísio Estanque, cerca de "80 por cento dos inquiridos

indicaram não ter nenhuma participação nos órgãos da associação académica" e uma percentagem menor, cerca de 67 por cento, indicaram "não ter tido qualquer tipo de participação activa nas próprias estruturas e núcleos de estudantes das faculdades".

De acordo com o autor, isto deve-se "à abertura da universidade, a uma heterogeneidade muito grande de estudantes, às suas próprias origens de classe e também a uma percentagem razoavelmente grande de estudantes que são oriundos da região Centro". Elísio Estanque justifica esta posição referindo que a grande percentagem de estudantes da região Centro "não se traduz numa maior presença dos estudantes na cidade, na universidade, no usufruir do dia-a-dia, na partilha e na participação intensa, quer no campo lúdico, quer no campo associativo, político, social, cultural". Acrescenta que o facto de a mobilidade no país ser muito maior contribuiu para que haja uma redução da participação nas estruturas associativas. No entanto, o sociólogo refere que esta situação "tem que ser vista no quadro mais geral da sociedade, onde a intensidade da participação tem vindo a diminuir de um modo geral, o que é preocupante".

Também o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de

Coimbra, Miguel Duarte, partilha da opinião de que este é um problema que "diz respeito a toda a sociedade portuguesa", acrescentando que após a consolidação da democracia, assistiu-se "a um desinteresse total da participação e do espírito de iniciativa nos mais diversos sectores". O dirigente traça uma "associação directa com valores de cidadania, porque obviamente o associativismo também é isso". Desta forma, aponta várias críticas à sociedade, uma vez que a "cultura de participação é posta em causa pelas próprias famílias", quando não se interessam pela participação democrática e a "democracia acaba no voto".

Miguel Duarte aponta a exigência da universidade, "que retira cada vez mais aos jovens a possibilidade de participarem na educação não formal, o que faz com que os alunos não se interessem por tudo aquilo que está para além das salas de aula, do curso e da sua faculdade". Perante esta realidade, acrescenta que, no caso dos dirigentes associativos, o desafio "é fazer com que haja aqui uma viragem, ou seja, tentar cativar as pessoas para a participação". O presidente da direcção-geral define este projecto como sendo a longo prazo, porque "se assiste a uma crescente redução de participação e agora está-se a atingir um limite onde

é preciso que haja realmente um 'volte face'". Miguel Duarte salienta ainda que este é um meio de acabar com as críticas que são feitas à própria forma como os estudantes protestam, uma vez que se pode explicar que as mani-

festações e as greves "são formas de participação cívica dos cidadãos, tão úteis como o voto ou outro qualquer processo normal ligado à democracia, mas a sociedade portuguesa é que deixou de o entender como tal".

Perceber o futuro colectivo

O Centro de Estudos Sociais (CES) está a preparar outra investigação sobre os jovens. "Culturas Juvenis e Participação Cívica: diferença, indiferença e novos desafios democráticos" é o nome do estudo conduzido por Elísio Estanque, professor da Sociologia, e Rui Bebião, professor de História na faculdade de Letras. Os dois investigadores do CES propõem-se a "desconstruir criticamente a ideia de uma 'juventude' e esclarecer o próprio processo de construção de imagem a propósito dos jovens na sociedade actual".

Este trabalho dirige-se ao sector específico dos estudantes da Universidade de Coimbra, "procurando conhecê-los confrontando duas gerações distintas" e tratando-se de uma "análise sócio-histórica" sobre as experiências estudantis que tenta combinar as dimensões cultural e política. De acordo com os autores, a análise prende-se com dois períodos históricos distintos: "O período de finais da década de sessenta - que se estende em Portugal até o pós-25 de Abril de 1974 - e a actualidade".

O principal factor para a realização do estudo deve-se à tentativa de perceber "as causas de alheamento" que têm vindo a aumentar gradualmente e tentar perceber "quais os valores emergentes entre a juventude que poderão reaproximá-la do sistema político democrático e contribuir para o revigoramento deste". No final, os estudiosos esperam conhecer novas linhas de reflexão que permitam conhecer melhor a juventude universitária, perceber esta dimensão da sociedade e, deste modo, "o futuro colectivo".

Os autores do estudo



João Arriscado Nunes

Licenciado em História, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, João Arriscado Nunes fez o doutoramento em Sociologia na FEUC. É, desde 1996, investigador permanente do Centro de Estudos Sociais, sendo também responsável pelo Seminário "Cultura, Ciência e Globalização" do programa de mestrado e doutoramento em Sociologia da faculdade de Economia. Tendo já levado a cabo várias investigações no campo da sociologia, é, neste momento, o responsável pelo estudo sobre "Os mundos sociais da ciência e da tecnologia em Portugal: os casos da oncobiologia e das novas tecnologias da informação".



Elísio Guerreiro Estanque

Elísio Guerreiro do Estanque é licenciado em Sociologia pelo Instituto Superior da Ciências do Trabalho e da Empresa e em 1999 completou o doutoramento, também em Sociologia, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). Actualmente, é membro da direcção da Associação Cívica Pro Urbe e do Centro de Estudos Sociais. Coordenador da licenciatura de Sociologia da FEUC, este docente realizou já vários estudos sociológicos, sobretudo nas áreas das desigualdades sociais e da sociologia da empresa e das relações industriais. Em 1987 foi um dos fundadores da Associação Portuguesa de Sociologia.

EDITORIAL

A pedagogia inversa

Numa altura em que a contestação estudantil começa novamente a entrar em pleno funcionamento, numa altura em que já se prepara a próxima manifestação nacional (a tomar lugar em Lisboa no Dia do Estudante) numa altura em que as baterias se voltam para o Ministério da Ciência e do Ensino Superior, a Universidade de Coimbra (UC) volta, discretamente, a dar sinais das suas feridas. Em causa está a recusa dos estudantes da Faculdade de Letras da UC (FLUC) em aceitarem novas licenciaturas.

“Para quê colocar estudantes, seja em que percentagem for, num órgão de gestão, se depois estes apenas servem para garantir quórum, e se depois as suas opiniões, mesmo que sendo, para determinadas matérias, as mais ajuizadas, não são tidas em linha de conta?”

De um lado, estão os dirigentes estudantis da FLUC, que consideram, perante a gritante falta de condições financeiras e infraestruturais em que a faculdade está mergulhada, ser impossível criar novos cursos com um patamar mínimo de qualidade. Do outro, estão os docentes, que entendem, embora as condições não sejam as melhores, que isso não deve impedir a criação de novas áreas de saber que impulsionem a FLUC rumo ao futuro e rumo às exigências da sociedade.

Ambas as visões têm a sua razão. É certo que o conformismo perante a situação actual não pode ser uma solução para uma casa que se quer, sempre, um tubo de ensaio para as utopias do futuro e um gerador de novos conhecimentos e novas valências. No entanto, também é importante, senão mesmo inteligente, conseguir separar o sonho da realidade e, da utopia, conseguir criar o real. É nesse plano que é justa a preocupação demonstrada pelos estudantes: “Sim a novas áreas de saber, mas com condições mínimas de ensino e aprendizagem”. Mais, é nesse plano que, ao contrário do que tem vindo a acontecer, a opinião do corpo discente, a quem, em primeira instância, se destina a função formadora da universidade, deve ser valorizada. No fundo, são eles que, diariamente, se confrontam com as dificuldades de uma faculdade desactualizada, uma faculdade de muito saber, é certo, mas com cada vez menor capacidade pedagógica. É assim que, numa luta desarticulada, são os alunos que guiam as discussões nos diversos conselhos pedagógicos da universidade, alunos que, depois, se vêem infelizmente esquecidos nas decisões dos conselhos directivos.

Ninguém coloca em causa a valência científica das futuras formações, de resto devidamente comprovada pelos especialistas. Porém, da mesma forma que os alunos reconhecem a capacidade científica como área dos docentes, também os docentes devem ter a humildade de reconhecer a importância e a premência das críticas estudantis no que toca à pedagogia. No entanto, porque as críticas são sempre difíceis de ouvir e porque os docentes, no fundo, guardam a “faca e o queijo na mão”, estes acabam por fazer tábua rasa dos comentários negativos dos representantes do corpo discente e avançar com o que consideram melhor.

É aqui que a democracia interna da UC encrava. Para quê colocar estudantes, seja em que percentagem for, num órgão de gestão se depois estes apenas servem para garantir quórum, e se depois as suas opiniões, mesmo que sendo, para determinadas matérias, as mais ajuizadas, não são tidas em linha de conta? É que desta forma, o que acontece, na realidade, é a criação de uma portentosa oligarquia de poderes envolvendo docentes, funcionários e estudantes, onde os últimos são o elo mais fraco da cadeia. Uma cadeia de favores, de interesses, e não uma cadeia democrática em pleno sentido.

Por isso é significativo o abandono dos docentes na última reunião do Conselho Pedagógico da FLUC. Tomando a posição que há bem pouco tempo criticavam (e com alguma razão), impediram uma decisão de um órgão legítimo da UC, boicotando, desta forma, o seu funcionamento. É assim que, nesta democracia a duas frentes, uns são mais cidadãos universitários do que outros, uns são mais informados do que outros, uns são déspotas iluminados, outros são meras massas ignaras. Emanuel Graça

Para uma cultura humanística-científica

Ana Leonor Pereira *

A tentação de acreditar que o progresso científico e tecnológico traz segurança, bem-estar físico, psíquico, espiritual e social é grande. Mas, basta abrir um atlas de história dos séculos XVIII, XIX e XX e rever as páginas de dor, morte e destruição que a ciência e a tecnologia não impediram que se gravassem na carne e no sangue dos povos americanos, europeus, asiáticos, africanos e outros para se compreender que essa tentação é cegueira.

Por outro lado, tendo presente os séculos XVIII, XIX e XX, compreende-se também que quanto mais ciência e tecnologia se produziu mais ciência e tecnologia se tornou necessário produzir. De facto, a história convida-nos a afirmar que a humanidade se tornou tecnó-dependente (incluimos aqui as ciências humanas e sociais como por exemplo as ciências da educação).

É igualmente tentador afirmar que nenhuma ciência cumprirá alguma utopia. Pelo menos, tem sido esta uma constante ao longo de todo o processo histórico. Com efeito, a história não se deixa normalizar pelas utopias nem pelas ideologias, mesmo que estas se apresentem como um produto decorrente de um corpo de conhecimentos científicos institucionalizados, seja a física, a biologia, a antropologia, a linguística, a economia ou outras.

É a história que nos impõe a aceitação de contextos, de limitações, condicionantes, obstáculos externos, políticos ou outros, ao progresso do conhecimento científico e tecnológico; mas também nos diz que a ciência é uma actividade com limites interiores, controlada pelos pares num diálogo internacional e histórico através de publicações, conferências, colóquios, etc, acerca de problemas científicos, das metodologias estabelecidas, de resoluções propostas, etc.

É a história que nos demonstra que todas as ciências, incluindo as ciências sociais, têm valor económico, independentemente das técnicas e das tecnologias que o traduzem.

A história diz que a ciência é plural, é uma pluralidade (de processos) de conhecimento e que toda a ciência foi ciência de Estado. Os exemplos são inúmeros. Pense-se na “ciência ao serviço da Nação” nos anos trinta do século XX português, nos “sabonetes republicanos”, na “higiene social aplicada à nação portuguesa” (Ricardo Jorge), no “catecismo contra a tuberculose”; a nível mais internacional, o “gene egoísta” (Richard Dawkins); a pedagogico-manifesta estatal. Ao cabo de todo o processo histórico e pré-histórico, mas sobretudo nos últimos quinhentos anos, direi com Carl Sagan: “Criámos uma civilização global na qual os elementos fundamentais - os transportes, as comunicações e todas as outras indústrias, a agricultura, a me-

dicina, a educação, as diversões, a protecção do meio ambiente e até a instituição democrática fundamental das eleições - dependem profundamente da ciência e da tecnologia. Também dispusemos as coisas de tal modo que quase ninguém compreende a ciência e a tecnologia. Isto é uma receita para a catástrofe” (Um mundo infestado de demónios). Sem dúvida, e a América estupidificada caminha na linha da frente.

A cultura científica, tal como a ciência, é plural e fundamentalmente é, como toda a cultura, uma cultura humanística. Com esta palavra humanística pretende-se dizer que é radicalmente uma cultura histórica e filosófica. Assim, a cultura científica é para nós a história social, política e económica da ciência e da tecnologia; é a história institucional e biográfica do processo de descoberta científica; é a história das revoluções científicas e da sua influência nas ideologias, nas utopias e na engenharia e re-engenharia social; é também o conjunto das epistemologias das ciências.

O destinatário preferencial da cultura científica assim entendida é a própria comunidade de cientistas. Para minorar os riscos de que fala Carl Sagan entendemos ser tão importante a cultura científica para cientistas e letrados como a cultura científica para o cidadão comum. Há muitos exemplos felizes. Um deles foi a VI Semana Cultural da Universidade de Coimbra, subordinada ao tema “Ciência e Sociedade - A cultura científica em Portugal e no mundo” (1 a 6 de Março), organizada pela Pró-Reitoria para a Cultura da Universidade de Coimbra, com coordenação do Prof. Doutor João Gouveia Monteiro. Um outro exemplo recente é a obra colectiva intitulada “Um

embrião de cultura científica. A vida em discurso aberto”, resultante da organização da Associação Nacional de Bioquímicos e Coimbra, Capital Nacional da Cultura, patrocinada pela Bluepharma-Indústria Farmacêutica S.A./Bluepharma Genéricos S.A. Esta obra colectiva trata numa linguagem muito acessível ao cidadão comum temas da actualidade científica como sejam genoma humano; clonagem; alimentos transgénicos; agentes patogénicos; sida; cancro; doenças neurodegenerativas; toxicoddependências; a questão do envelhecimento; etc.

Na cultura científica, que não é uma cultura contra a cultura religiosa ou outras, a dimensão histórica é muito importante, porque ela mostra o que fizemos dos sonhos e também o que fizemos com os sonhos. A história mostra a tragicidade da nossa existência no espaço e no tempo e isso ensina-nos a ser humildes mas não conformistas.

*Docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Carta ao Director:

Fiz hoje uma leitura atenta do jornal, como faço, aliás com muito gosto, sempre que sai. Não é, infelizmente, aqui, lugar para elogios.

Alguém terá dito um dia: “Só a verdade é revolucionária”. Acredito e respeito que não vos interesse grande coisa a revolução. Mas com o gosto pelo que fazem que evidencia o vosso trabalho, a verdade será, no mínimo, para vocês como o barro para o oleiro... Ora o que coloca já problema!... Não poder dar forma à verdade como se de uma peça de olaria se tratasse.

Refiro-me com isto ao artigo “Aborto volta ao parlamento”, na página 10, da edição nº108. A menos

que entendam que a imagem vale mais que as “mil” palavras dedicadas a outras forças, não é compreensível, para mim, numa peça sobre a (importante) questão do aborto, omitir, por completo a posição do PCP.

Como se tal não bastasse, é dada a conhecer a posição dos outros dois partidos proponentes das propostas de que se avizinha discussão, sendo o PCP o único destes partidos omitido.

Num texto que começa por referir a existência de três projectos, respeitantes a três partidos, ouve-se a JS, o BE e... uma associação... pelos vistos com mais representatividade, autoridade e importância na luta (que não é de hoje) pela despenalização da interrupção voluntária da gravidez.

A três projectos ... Dois partidos ...

não faz sentido! O projecto do PCP deu entrada logo no início desta legislação. Foi o primeiro. Não é, sequer, “consequência da entrega de mais de 120 mil assinaturas”...

Se ainda vos restasse dúvidas, dissipar-as: sou militante da JCP e do Partido Comunista Português. Mas não é nenhum orgulho ferido que me faz escrever. Respeito o vosso trabalho. Devem ter toda a autonomia para procurar (e trabalhar) a informação mas, como leitora, tenho direito a reivindicar imparcialidade no tratamento. A menos que assumam a parcialidade e assim estamos conversados. Outra maneira, continuo a acreditar que só a verdade faz um jornalista!

Isabel Seabra



"Labirinto da Educação" foi uma das medidas escolhidas para sensibilizar os estudantes

Estudantes apostam na mobilização nacional

Plenário nacional realiza-se hoje em Coimbra

A semana passada, marcada por iniciativas de luta descentralizadas, visou preparar os estudantes para a manifestação de dia 24

Ana Martins
Margarida Matos

Depois de uma semana de luta estudantil vão ainda decorrer várias iniciativas de esclarecimento e sensibilização até à manifestação do próximo dia 24. Hoje tem lugar em Coimbra um plenário nacional de estudantes (ver caixa). Já amanhã, decorre uma "Marcha da Informação" até a Praça 8 de Maio e quinta-feira realiza-se a "Corrida da Educação".

Segundo o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte, o balanço das várias iniciativas integradas na anterior semana de luta estudantil "é bastante bom". O dirigente exemplifica com o "Labirinto da Educação", organizado nas Escadas Monumentais: ao proporcionar aos estudantes um conjunto de informações referentes à política educativa e às próximas acções de protesto, "é uma forma de chegar mais próximo dos estudantes". A este respeito, o dirigente sublinha: "Um estudante informado é um estudante mobilizado."

De igual modo, a campanha descentralizada ontem lançada pelas várias faculdades visa a abordagem dos problemas das faculdades e departamentos da Universidade de

Coimbra, "para que os estudantes se identifiquem com as causas da luta estudantil".

Assim, a campanha "À Descoberta dos Números", que se centra numa comparação do ensino superior português com outros sistemas educativos europeus, "evidencia que Portugal é um dos países da União Europeia que menos investe na educação", afirma Miguel Duarte.

Deste modo, de acordo com os dados divulgados pela iniciativa da DG/AAC, a taxa de licenciados em Portugal é de 14 por cento, enquanto a média dos 30 países da Organização para a Cooperação Desenvolvimento Económico (OCDE) é o dobro. Apesar de ter o salário médio mais baixo da União Europeia, Portugal "é o quarto país com as propinas mais elevadas", referem os estu-

dantes, realçando que um outro estudo revela que a contribuição das famílias portuguesas no ensino superior português é maior do que as verbas investidas pelo Estado.

As campanhas avançadas pela direcção-geral apostam numa estratégia de informação e de esclarecimento não só dos estudantes mas também da sociedade civil, divulgando dados e documentos com iniciativas como a "Operação Flor". "Há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não" foi uma das mensagens divulgadas aquando a distribuição de flores na Baixa de Coimbra. Segundo Miguel Duarte, esta acção "teve uma boa receptividade e fez passar a mensagem de que o actual panorama educativo não é um problema exclusivo dos estudantes".

Estudantes reúnem-se em Coimbra

"Uma discussão do ensino superior como forma de informar e esclarecer os estudantes". Foi assim que o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Miguel Duarte, definiu o Plenário Nacional de Estudantes do Ensino Superior, que tem lugar esta noite no Auditório da Reitoria, segundo decisão do último Encontro Nacional de Direcções Associativas.

Por seu lado, o presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, Jorge Cristino, afirma esperar "uma discussão que demonstre à sociedade civil as causas da contestação estudantil". Acrescenta ainda que o principal objectivo "é o reforço da união dos estudantes em torno de uma causa comum: o futuro do ensino superior". Também o presidente da Associação Académica de Lisboa, Luís Semedo, refere que "o espírito do plenário deve ser o mais aberto possível, para que não seja um encontro de dirigentes, mas de estudantes, independentemente do seu vínculo à gestão associativa".

Por fim, o destaque para o trabalho contínuo de reivindicação foi feito pelo presidente da Federação das Associações de Estudantes do Ensino Superior Politécnico, Miguel Coelho: "O plenário assenta na continuidade da contestação", refere. Sublinha ainda que é necessária a "convergência das preocupações comuns entre o politécnico e as universidades".

Campanha nacional

Integradas no movimento de contestação estudantil, estão a decorrer diversas iniciativas nas várias academias para informar e mobilizar os estudantes para as acções de protesto já agendadas.

A presidente da Associação Académica da Universidade de Aveiro, Rosa Nogueira afirma que "só os estudantes informados podem ter uma participação consciente na luta estudantil", e por isso desenvolveu-se uma campanha de esclarecimento e sensibilização dos estudantes através da distribuição de panfletos diários, referentes às questões do actual pacote legislativo para o ensino superior. O culminar destas acções foi a realização de um debate, entre as juventudes partidárias, sobre temáticas do ensino superior, explicou Rosa Nogueira.

Já Nuno Reis, presidente da Federação Académica do Porto, refere que "é necessário despertar a identificação dos estudantes com as reivindicações", através de cartazes que foquem os problemas específicos da Universidade do Porto, tais como "a carência de cantinas e residências e as condições precárias das que já existem, o número reduzido de espaços desportivos, a falta de aposta do Estado no ensino nocturno e a falta de segurança".

Também o Presidente da Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Superior Politécnico, Miguel Coelho, acredita na consciencialização através de diversas campanhas e várias reuniões gerais de alunos, sempre com o "intuito de informar e integrar os estudantes nestas acções de contestação".

Dirigentes confiantes para dia 24

No próximo dia 24 de Março vai ter lugar em Lisboa a manifestação nacional de estudantes do ensino superior, que promete ter a presença dos estudantes das diversas academias do país. Este movimento reivindicativo reúne todos os estudantes em torno de uma causa comum, a revogação do actual pacote legislativo para o ensino superior. Esta medida vem já do ano passado, quando as alterações legislativas para o ensino superior tiveram início.

Para o presidente da DG/AAC, Miguel Duarte, "ainda é prematuro aferir números da manifestação, mas espera-se uma adesão visível, como reflexo das várias iniciativas desenvolvidas na academia e que visam sensibilizar e mobilizar a massa estudantil". Também o presidente da Associação Académica de Lisboa, Luís Semedo, espera "uma adesão significativa e consistente". No entanto, recorda a necessidade de "desmistificar o cliché das propinas, que torna a luta restritiva e limita os intuitos da contestação, e de apelar a uma mensagem global". Acrescenta ainda que "não se pode esquecer a dificuldade que existe em mobilizar os estudantes e sensibilizá-los para os problemas estudantis".

Já o presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, Jorge Cristino, acredita "que a manifestação faça eco junto da Assembleia da República" para que as bandeiras dos estudantes sejam incluídas nas propostas de lei para o ensino superior. Jorge Cristino evidencia que num período de discussão e aprovação das reformas para o ensino superior os estudantes "têm de ser ouvidos, porque são um dos agentes activos e a educação é uma das principais áreas para o desenvolvimento do país". E realça ainda que depois da manifestação nacional "o movimento de contestação estudantil vai continuar em força, pois os estudantes têm que continuar a lutar pelos seus direitos".

Segundo o presidente da Federação das Associações de Estudantes do Ensino Superior Politécnico, Miguel Coelho, os estudantes estão "consciencializados para a premência da luta". Depois da manifestação é "necessário fazer o balanço das acções, dando espaço para um período de avaliação".

A propósito da união do politécnico com as outras universidades, o presidente da federação realça as vantagens "de convergir as preocupações mais gritantes para uma luta comum".

Recorde-se que, para depois da manifestação nacional do dia 24, já está agendada para o próximo dia 1 de Abril uma greve nacional dos estudantes cujo slogan é "Dia da mentira: Ensino Superior Público".

Academia de Coimbra mostra cultura

Durante a segunda quinzena de Março, as secções culturais da Associação Académica de Coimbra abrem as portas e levam as suas iniciativas até à rua. Um passeio de mãos dadas entre a academia e universidade, secções e estudantes

Maria João Lopes

A partir de hoje e até ao fim do mês, o espaço cultural da Associação Académica de Coimbra (AAC) deixa de estar confinado ao edifício da Padre António Vieira. Uma mostra cultural transporta-o para as faculdades, departamentos e cantinas, de modo a estar mais próximo da comunidade estudantil.

De acordo com Fernando Neves, coordenador-geral do pelouro da Cultura, “a mostra cultural da Associação Académica de Coimbra, integrada no programa do pelouro da Cultura, tenta mostrar aos estudantes o que são as secções culturais da AAC, o que fazem e como funcionam”. Com o objectivo de “combater essa grave lacuna que passa pelos estudantes não saberem o que são as secções culturais”, a mostra pretende “trazer os estudantes das faculdades para as secções, para a associação, e torná-los seccionistas, sócios”, explica Fernando Neves. Para isso, o responsável pelo pelouro da Cultura espera ver todos os estudantes envolvidos nesta mostra, que inclui “várias actividades, workshops, conferências, ciclos de cinema, até exposições de pintura, de selos e de foto-

grafia”.

Alguns exemplos das várias actividades levadas a cabo durante esta quinzena são “um workshop de jornalismo, sessões de esclarecimento da SOS-Estudante, um espectáculo de jazz, no Centro Cultural D.Dinis, e exposições nas cantinas dos Grelhados, do Hospital Velho e do Pólo II”. A organização salienta ainda a distribuição de um livro, por todas as faculdades, que, para além de conter o historial da AAC e os eventos mais importantes, é um manual de apresentação das secções culturais e da própria cultura da associação.

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Miguel Duarte, não destaca nenhum evento em particular, porque considera que “o mais importante é a participação de todas as secções, o que cada uma delas faz e vai mostrar aos estudantes”. Miguel Duarte sublinha a importância da mostra cultural na aproximação entre academia e universidade, associação e estudantes, secções e faculdades: “Queremos levar as secções para junto dos estudantes, tirá-las de casa e divulgar o que se faz na associação académica”. A este papel da mostra cultural, o presidente da direcção-geral chama “educação não formal”. E “a ideia da mostra é exactamente essa”, conclui.

Semana da TV/AAC

Durante a semana de 22 a 26 de Março, a televisão da academia passa para lá dos limites da tela para se desdobrar em debates, onde o mais importante é o encontro com novos estudantes interessados nas actividades do projecto.

A semana da TV/AAC traça para a programação dos seus dias uma série de transmissões, a partir da associação, para as Cantinas Amarelas. De acordo com Ana Mesquita, membro da comissão instaladora da pró-sec-

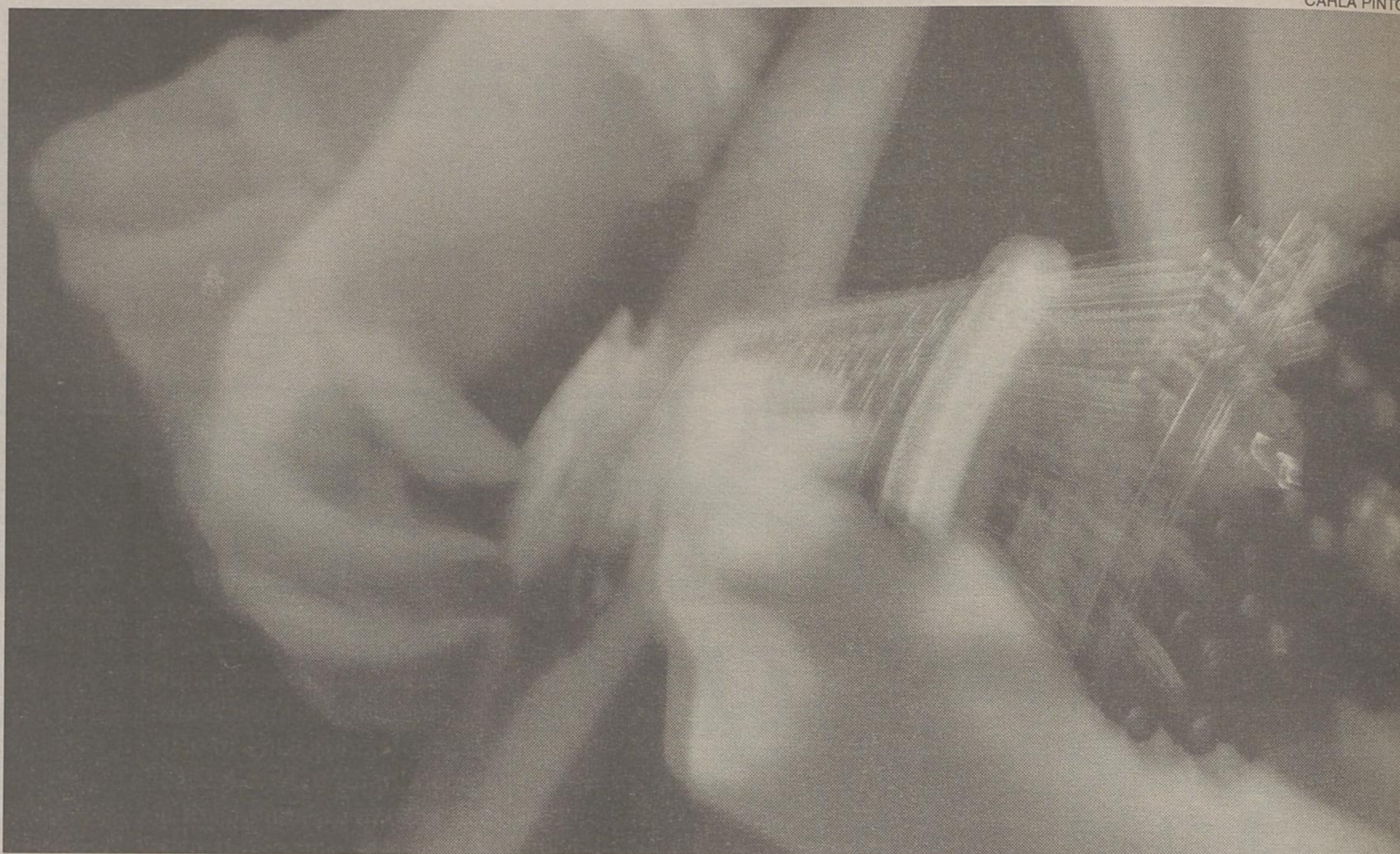
ção TV/AAC, “o fundamental é dar a conhecer o que é a TV/AAC e as potencialidades do projecto”. Para além das transmissões, estão previstos debates temáticos com painéis de convidados. Ana Mesquita adianta os temas, que se estendem de segunda a quinta-feira: “Investigação e Ciência”, “Política Educativa”, “Desporto académico/universitário e Euro 2004” e, por fim, “Cultura Académica, Local e Nacional”.

Esta iniciativa da TV/AAC pretende, acima de tudo, “chamar pessoas novas, mesmo que não possuam conhecimentos técnicos sobre televisão”. Ana Mesquita explica, a este propósito, que “esta semana funciona também como exercício final das acções de formação desenvolvidas até agora”. A TV/AAC pretende, no futuro, continuar a aposta nas acções

de formação, desta vez nas áreas do jornalismo televisivo, modulação 3D e edição não-linear: “Estas acções de formação servem para enquadrar as pessoas, que são todas bem-vindas”.

No próximo dia 18, na Cantina das

Químicas, tem lugar um convívio que, de acordo com as expectativas de Ana Mesquita, “poderá ajudar a suportar financeiramente o projecto”, uma das maiores dificuldades da TV/AAC.



CARLA PINTO

A Secção de Fado é uma das secções culturais presente na mostra cultural da AAC, que começou hoje

Cultura da academia em formato de agenda

Criar uma Agenda Cultural da Associação Académica de Coimbra (AAC) é o próximo projecto do pelouro da Cultura. O coordenador-geral do pelouro, Fernando Neves, refere que este é um “projecto necessário”, que consiste em recolher informações das secções culturais, dos organismos autónomos, da reitoria, da câmara municipal, do Teatro Académico de Gil Vicente, para depois distribuir pelos estudantes, de forma a que “tenham informação e possam participar nas actividades”.

Para já, Fernando Neves salienta que existe uma grande dificuldade: “a recolha de informação, que demora muito tempo a ser entregue”. No entanto, afirma que a agenda poderá ser muito útil, uma vez que “faculta contactos e é algo que se pode guardar num bolso e que também pode ser consultado no site da AAC”, em www.aac.uc.pt.

Dirigentes associativos satisfeitos com Fórum AAC

Discutir o ensino superior foi o principal objectivo do III Fórum da Associação Académica de Coimbra. As conclusões serão publicadas em livro

Margarida Matos

Na sua terceira edição, o Fórum da Associação Académica de Coimbra (AAC), que reuniu em Oeiras, discutiu questões que dizem respeito ao sistema de ensino superior e, em particular, à Universidade de Coimbra (UC). Durante os dois dias, os dirigentes associativos (elementos dos núcleos de estudantes, representantes dos alunos nos órgãos de gestão da Universidade de Coimbra e das faculdades e

membros da Direcção-Geral da AAC) procuraram uma troca de ideias e de soluções para o ensino superior português e para a UC.

No final dos dois dias de trabalho, os estudantes decidiram constituir grupos de trabalho para desenvolver as conclusões resultantes da discussão realizada, com o intuito de publicar, em livro, a análise que a AAC faz do ensino superior, da história do associativismo e do seu papel na sociedade actual.

O processo de internacionalização do ensino superior, a UC, a pedagogia, a acção escolar e o sistema de ensino superior foram os temas dos vários painéis de discussão. Os estudantes compararam a realidade do ensino superior em Portugal face aos sistemas educativos europeus, lembrando que, por exemplo, na Grécia e na Irlanda, países de desenvolvimento económico-social similar a Portugal, “a educação é assumida como uma prioridade ao serviço do desenvolvimento”. Os problemas da

UC foram também alvo de destaque. No entanto, a pedagogia acabou por dominar a discussão, ao ser apresentada uma proposta para a realização de um fórum de pedagogia com o intuito de avaliar as causas do insucesso escolar e apresentar soluções para combater a situação.

De acordo com o coordenador-geral do pelouro dos Núcleos e da Pedagogia, Rui Roque, a iniciativa “foi muito positiva, já que as discussões permitiram aos dirigentes associativos ficarem mais informados em relação à realidade do ensino superior”. No entanto, lamenta que, apesar da participação de um número significativo de dirigentes, “dos 22 núcleos que constituem a Universidade de Coimbra, apenas 13 marcaram presença”.

Já para Bruno Julião, estudante senador da Faculdade de Letras da UC, o III Fórum da AAC “foi uma excelente iniciativa que proporcionou aos dirigentes associativos presentes

um maior conhecimento do sistema educativo português, como também dos problemas com que se deparam as faculdades e os departamentos da Universidade de Coimbra”. O dirigente refere ainda que, de uma forma geral, “houve um aprofundamento das temáticas dos diversos painéis de discussão”, mas acrescentou que “é necessário chamar mais estudantes e dirigentes associativos a estas iniciativas”. E não deixou de referir que “o atraso na saída da comitiva e no início dos painéis acabou por condicionar a discussão exaustiva de alguns pontos”.

Para o presidente da DG/AAC, Miguel Duarte, o III Fórum da AAC “foi uma jornada de trabalho positiva, pois as discussões foram participadas e as intervenções ricas”. O estudante de economia referiu ainda “que o empenho de todos contribuiu de forma decisiva para o acertar de estratégias e para a análise profunda do estado actual do ensino superior”.

Manifestação dia 24 de Março

a cada passo, a informação em www.acabra.net

UNIVERSIDADE 7

CLARISSE MAGALHÃES



Alunos dos órgãos de gestão da FLUC consideram que a faculdade não tem condições estruturais e financeiras para abrir novas licenciaturas

Estudantes de Letras contra novos cursos

A criação da licenciatura em Turismo, Lazer e Património está a dividir opiniões

A alegada falta de espaço e de condições financeiras para garantir o bom funcionamento do curso estão na base da recusa estudantil

**Emanuel Graça
Sandra Henriques
Tiago Pimentel**

Os novos cursos que a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) prevê criar nos próximos anos estão a gerar polémica no seio da faculdade. Os alunos dos órgãos de gestão estão contra novas licenciaturas por considerarem que não estão reunidas as condições mínimas para o seu arranque.

O episódio mais recente desta polémica refere-se à aprovação de uma licenciatura em Turismo, Lazer e Património. A proposta de criação deste curso foi aprovada pelos vários órgãos administrativos, excepto pelo conselho pedagógico. Em todos os casos, os representantes dos alunos demonstraram-se desfavoráveis em relação à nova licenciatura, tendo mesmo, aquando da sua aprovação pelo conselho directivo, abandonado a sala em sinal de protesto.

O último desenvolvimento desta controvérsia deu-se na Assembleia

Magna de 4 de Março. A presidente do Núcleo de Estudantes da FLUC (NEFLUC), Luísa Santos, subiu ao púlpito para mostrar o desagrado pela criação da licenciatura, que classificou como “falaciosa”. Nesta reunião estudantil, foram aprovadas uma moção de censura aos membros dos órgãos de gestão da faculdade e um voto de solidariedade para com os estudantes da FLUC, devido à falta de condições que diariamente enfrentam.

Entretanto, na reunião do conselho pedagógico de quinta-feira, a polémica voltou a estalar. Os alunos apresentaram uma moção de censura relativa à aprovação da licenciatura em Turismo, Lazer e Património para ser votada neste órgão. No entanto, os docentes abandonaram a sala antes da sua votação, o que quebrou o quorum, impedindo o conselho pedagógico de deliberar.

Estudantes contra

Para os estudantes, a não aprovação da licenciatura prende-se sobretudo com questões práticas. Segundo a presidente do NEFLUC, “o plano estratégico da faculdade previa a criação de novas licenciaturas num prazo de dez anos, mas os cursos surgem em catadupa sem se criarem as condições necessárias para a sua abertura”.

Para Luísa Santos, é necessário reflectir primeiro sobre as condições existentes para só depois se criarem

novos cursos, de forma a que isso não se torne “numa espécie de publicidade enganosa”. Isto porque na opinião da estudante, “é condição ‘sine qua non’ que as novas licenciaturas sejam ambiciosas em termos científicos”. E para isso é “necessário mais do que uma operação de cosmética com os docentes já existentes”.

Segundo a representante dos alunos, “anda-se um pouco naquele comboio de aguardar para ver e não se pode pensar assim”. Na sua opinião, “o futuro da faculdade passa também pela valorização das licenciaturas já existentes, sempre com a preocupação de um patamar elevado de qualidade”. É por isso que, para a presidente do NEFLUC, com o panorama actual, “não há condições para Turismo arrancar, ponto final”.

Licenciatura de qualidade

Com uma visão diferente da questão, o presidente do Conselho Científico da FLUC, José Amado Mendes, considera que “há condições científicas para criar a nova licenciatura”. Sinónimo disso é que, “apesar do projecto da criação da licenciatura em Turismo, Lazer e Património ter sido chumbado pelos alunos em conselho pedagógico, foi ratificado quase por unanimidade no conselho científico, aprovado no conselho directivo, na comissão de ciência do senado e no próprio senado”. Por isso, o docente considera

que alguns argumentos dos alunos “não têm muito a ver com a licenciatura, mas com as condições da faculdade”.

Ao nível científico, Amado Mendes considera que “há condições em termos de competências para poder enveredar por esta área, muito procurada e necessitada de formação em recursos humanos competentes”.

Quanto ao financiamento, o presidente do conselho científico considera-o “detestável” e uma questão ainda por resolver, uma vez que a faculdade é financiada pelo número de alunos que entram e não pela qualidade inerente ao curso. No entanto, recusa as acusações dos estudantes de que estas novas licenciaturas surgem apenas como formas de atrair mais alunos e, consequentemente, mais financiamento. “O financiamento é importante, mas não é isso que nos move, pois com estas novas licenciaturas estamos a procurar satisfazer o interesse das pessoas, as necessidades do país e da comunidade”, explica Amado Mendes.

Deste modo, ainda que não estejam reunidas todas as condições necessárias para a abertura de novos cursos, o docente constata que, à semelhança do que ocorreu em outros casos, os problemas vão sendo resolvidos com o tempo. Para Amado Mendes, “se se estivesse à espera de reunir as condições óptimas, então Portugal não fazia nada”.

Estudos Artísticos com falta de infra-estruturas

Falta de material específico e de condições físicas - são estas as queixas dos alunos da licenciatura em Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). O curso, que abriu em 2002, deve iniciar no próximo ano a sua estratificação por ramos de especialização (Música, Cinema e Teatro). No entanto, os alunos temem que possam não estar reunidas as condições mínimas para isso.

Nestes dois primeiros anos, a licenciatura não teve um espaço próprio. As aulas decorreram em locais alternativos (como bibliotecas) e verificou-se a falta de uma sala de apoio à parte prática do curso. O Teatro Paulo Quintela seria a solução, mas as prometidas obras de requalificação só arrancaram há pouco tempo. “Queríamos fazer o Hamlet este ano, mas o projecto nunca foi para a frente porque não tínhamos sítio para ensaiar”, afirma Sílvia das Fadas, estudante de Estudos Artísticos.

Os alunos também se queixam da falta de acompanhamento da faculdade em relação ao curso - “esqueceram-se de Estudos Artísticos”, acusa a aluna. Apesar de salientar o apoio dos professores da licenciatura, especialmente dos coordenadores, Sílvia das Fadas refere, como uma das limitações do curso, a falta de docentes especializados: “Não há dinheiro”, explica. O que se passa é que se torna necessário aproveitar professores de outras áreas.

Todavia, a estudante é optimista e salienta o bom ambiente que se vive na licenciatura. Além disso, lentamente, algumas das reivindicações vão sendo atendidas - espera-se em breve a vinda de uma professora do Porto, o que dá alento aos alunos.

Quem tem uma posição diferente é o presidente do Conselho Científico da FLUC, Amado Mendes. Para o docente, “os Estudos Artísticos são um caso de sucesso na faculdade, e têm tido uma procura extraordinária”.

Amado Mendes discorda também das acusações relativamente à falta de pessoal especializado. Na sua opinião, o que se passa é que este curso aproveita valências já existentes, numa “reciclagem de saberes” positiva. No entanto, concorda que, devido às especificidades desta licenciatura, são ainda necessários alguns novos docentes. Neste ponto, o presidente do conselho científico refere o empenho do conselho directivo.

Quanto à falta de espaços, Amado Mendes considera que, apesar da situação não ser ideal, a pouco e pouco vão-se conseguindo pequenas vitórias, como é o caso da reabilitação do Teatro Paulo Quintela. No entanto, salienta que esta é uma situação de conjuntura da própria faculdade, e que isso não deve ser motivo para a não abertura de novas áreas de saber. Para o docente, “os problemas que surgem não inviabilizam a bondade do curso”.

8 CIDADE

Programa Polis não sofre adiamentos

Fases do Parque Verde do Mondego prometem ter terminado a tempo ponte pedonal, entre outras estruturas

FRANCISCA MOREIRA



As duas margens do Mondego vão ter novas estruturas recreativas e de lazer com a conclusão do Programa Polis

Autarquia garante que o Programa Polis não vai ser adiado, sendo uma das próximas prioridades a ponte pedonal sobre o Mondego

Sandra Pereira
Helder João Pinto

As obras do programa Polis de Coimbra não vão sofrer adiamentos. A garantia foi dada pelo presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Carlos Encarnação, após uma conversa telefónica com o ministro do Ambiente, Amílcar Theias. O ministro havia afirmado que cinco

ou seis cidades iriam ver os seus projectos adiados para 2007.

Na terça-feira passada, reunindo-se com a Comissão de Acompanhamento do Polis a bordo do "Basófias", Encarnação visitou o decorrer das obras relativas à terceira fase do projecto da margem direita. Com abertura prevista para Maio, o Parque Verde do Mondego irá contar com quatro bares, restaurantes, esplanadas, zona pedonal e ciclovia, espaços de animação cultural e um recinto para espectáculos.

Segundo a administração do Programa CoimbraPolis, as próximas prioridades são a ponte pedonal e ciclável e o projecto da primeira e segunda fase do Parque Verde do Mondego.

A primeira fase do Parque (na Praça da Canção) corresponde ao recin-

to para a realização de grandes espectáculos. O projecto integra as estruturas já existentes, como o palco e edifício de apoio com bar, camarins e salas de reuniões. O novo programa, que prevê a possibilidade de realização, nesta área do Parque Urbano, de eventos com novas exigências de ocupação do solo, promove alterações significativas nas pavimentações já executadas e no plano de plantação de árvores anteriormente previsto. São realizados novos percursos e locais de estadia e é aumentada a dimensão de relvados não arborizados para permitir a implementação de estruturas temporárias. Aquando da realização de espectáculos ou outros eventos, esta área pode ser separada da envolvente por meio de uma estrutura ligeira de encerramento, apoiada no cami-

nho pedonal.

Polis apoia desportos náuticos

A segunda fase do parque situa-se a poente da anterior e corresponde à localização de equipamentos de apoio aos desportos náuticos e a outras práticas desportivas. Esta área vai integrar os terrenos ainda ocupados pelos postos de abastecimento de combustíveis, onde decorrerão as obras que incluem essencialmente a construção de um parque de estacionamento arborizado, de um jardim e pavimentações, de iluminação, mobiliário urbano e sectores de ciclovia, que se liga à cidade por passagens inferiores à rede viária envolvente.

Quanto à terceira fase, o vereador das Obras Públicas da CMC, João Rebelo, afirma que a abertura do

Parque Verde ao público apenas está dependente da consolidação da relva.

Em consequência das declarações proferidas recentemente pelo ministro do Ambiente, Amílcar Theias, afirmando que não estava previsto o suficiente suporte financeiro para a conclusão dos programas Polis, João Rebelo diz apenas que "há um plano e um registo de intervenções das obras que são prioritárias, havendo uma reprogramação do plano que está entregue ao Governo e que contém o programa essencial das obras."

Ainda segundo o vereador, o que podemos esperar da zona ribeirinha de Coimbra é "uma área de lazer junto do rio que multiplica por mais de dez vezes a área actual, contendo só a terceira fase oito hectares." Assim, garante que Coimbra terá uma área muito ampla de lazer, voltada para o rio, estando as duas margens ligadas por uma ponte pedonal e de ciclovia.

Ponte pedonal altera paisagem

Ligando a zona do Liceu D. Duarte a um ponto próximo da escultura do urso, a ponte pedonal e ciclável deve contribuir para o enquadramento paisagístico em que se insere, sendo o elemento central que estrutura o Parque Verde do Mondego. Esta ponte, tendo um comprimento total de 275 metros e elevando-se a dez metros sobre a água, terá uma estrutura de metal e um piso em madeira, bem como a particularidade de ter uma plataforma central funcionando como miradouro de descanso, onde se poderá usufruir em pleno da paisagem, proporcionando boas condições de passeio.

Apesar de tudo, aquela estrutura teve vários condicionamentos geométricos, impostos principalmente pela prática das modalidades desportivas de remo, canoagem, vela e windsurf, e também pelas características topográficas e quase simétricas das margens. Isto obrigou a que a rasante da ponte fosse muito baixa, subindo apenas tanto quanto o requerido pela viabilização das práticas desportivas e pelas exigências estruturais. Também o Instituto das Águas levantou algumas questões quanto à resistência da ponte em caso de cheia.

Em resposta a estes problemas, João Rebelo afirma que vai ter uma reunião brevemente com o instituto e com dois projectistas para confirmar e clarificar essas questões. Acrescenta ainda que a Direcção Geral do Ambiente já deu parecer favorável à execução da ponte pedonal sobre o rio Mondego.

PUBLICIDADE

*Seminário
Educação Especial
Da Diferença à Igualdade
23 e 24 de Março de 2004*



*Auditório da Reitoria da
Universidade de Coimbra
Informações e Inscrições
www.fpce.uc.pt*

Economia vai dominar discussão no Parlamento

O primeiro-ministro deverá explicar recessão económica

O debate mensal da próxima semana centra-se na crise financeira, económica e social. A maioria promete apoiar o Governo na actual estratégia para o país

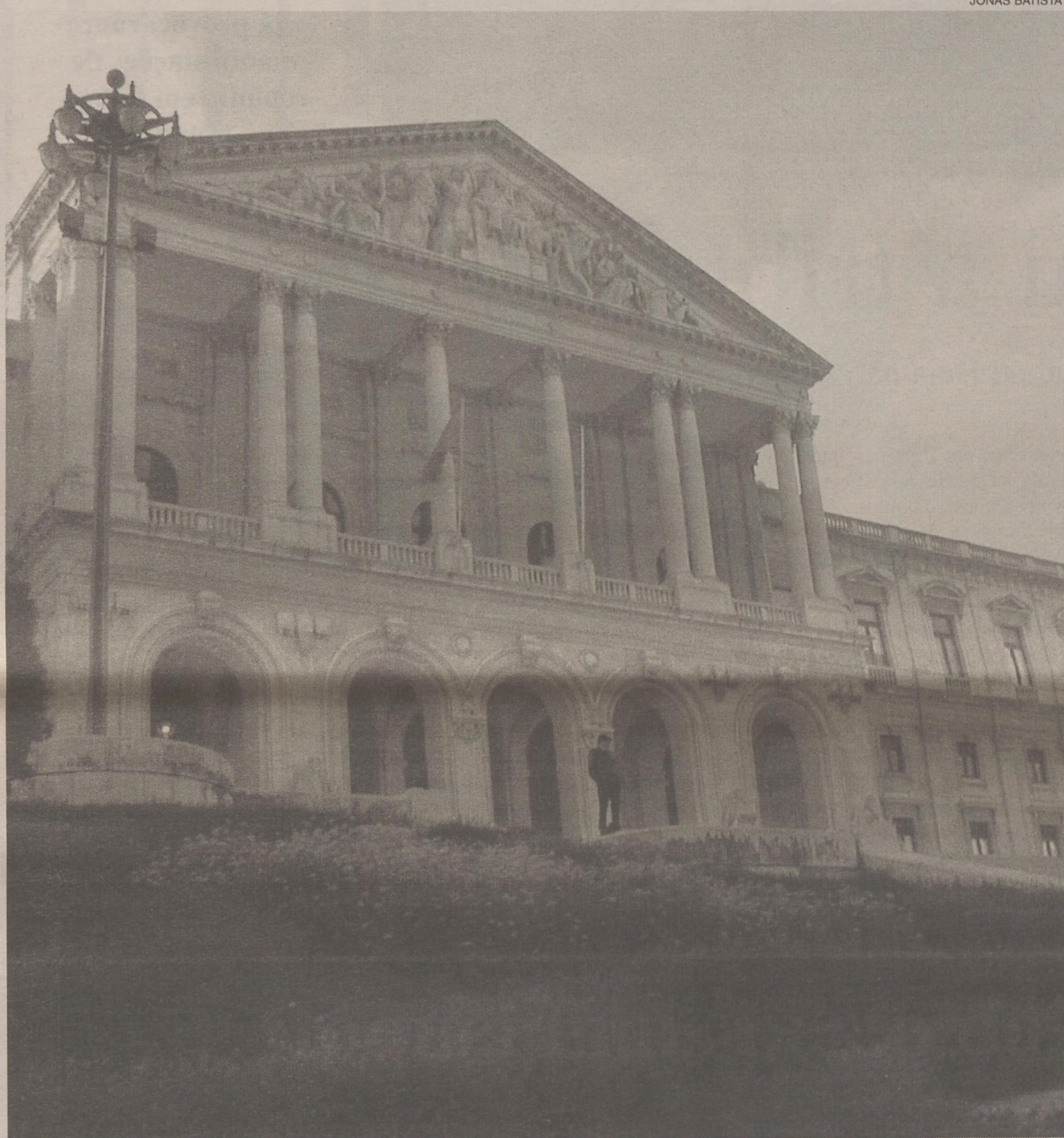
Diana Ramos
Rui Simões

Um coro de vozes levanta-se no próximo dia 26, na Assembleia da República (AR), em torno da recessão económica que o país atravessa, de acordo com dados recentemente publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). Este promete ser o principal ponto do ataque dos partidos da oposição, ainda que as bancadas mais à esquerda pretendam também focar a maneira como o Governo está a negligenciar as comemorações do 25 de Abril.

A principal força da oposição, o PS, irá confrontar a maioria parlamentar com a actual realidade do país do ponto de vista económico e social, contrapondo-a com as promessas eleitorais do primeiro-ministro, Durão Barroso, numa altura em que se comemoram dois anos desde as eleições legislativas. O porta-voz do PS, Vieira da Silva, remete para a coligação PSD/PP as responsabilidades sobre a “regressão em termos económicos desde há seis semestres consecutivos”. Pegando ainda em dados divulgados recentemente pelo INE acerca do comportamento da economia portuguesa em 2003, Vieira da Silva lembra “a queda do Produto Interno Bruto” (que quase igualou o valor de há uma década atrás) e, do ponto de vista social, “o crescimento continuado e intenso do desemprego”.

Política “contrária ao futuro da juventude”

Também o PCP vai abordar a temática do desemprego e da economia do país, ainda que, nas palavras de Jerónimo de Sousa, deputado daquele partido, o Governo possa vir a tentar “fugir às questões centrais levantadas pela oposição parlamentar”. Arriscando alguma futurologia, o deputado comunista caracteriza a política do executivo como sendo “contrária ao futuro da juventude”. Por outro lado, um outro tema pode vir a perfilar-se neste debate. No caso de vir a ser abordada a questão do 25 de Abril, o PCP admite tomar uma posição, uma vez que, segundo Jerónimo de Sousa, “há sinais claros de que o Governo quer reescrever a história, branquear o passado fascista e impedir



Recentes estudos sobre a economia do país devem marcar o debate mensal parlamentar com Durão Barroso

que os jovens percebam o que foi o a Revolução dos Cravos”.

O Bloco de Esquerda promete afinar pelo mesmo diapasão dos comunistas neste debate mensal com o primeiro-ministro. Para o bloquista João Teixeira Lopes, é importante discutir a falta de dinamismo da economia portuguesa, uma vez que a retoma económica anunciada pelo Governo é, para o deputado, “virtual”, pois, quando muito, vai ser um processo “ténue e dependente de um corte significativo das prestações sociais”. João Teixeira Lopes afirma mesmo que “a política recessiva que o Governo entende ser o remendo para a crise, é o que alimenta a própria crise”. Para além do actual momento económico, o Bloco promete desde já confrontar a maioria com a questão do 25 de Abril, uma vez que, nas palavras de Teixeira Lopes, o “Governo tenta neutralizar as comemorações da data”. Na perspectiva bloquista, “não se pode cair na tentativa de rever a história ou de pensar que nada se passou no 25 de Abril”.

Dados do INE confirmam críticas da oposição

De uma forma geral, os argumentos dos partidos da oposição com assento parlamentar são corroborados pelos valores dados a conhecer no relatório do INE. Entre as principais conclusões do estudo sobre a economia portuguesa em 2003, contam-se o decréscimo no investimento em cerca de dez por cento e o retrocesso na criação de riqueza durante o último ano. Em termos práticos, Portugal enfrenta actualmente um período de recessão técnica, comparável ao estado da economia em 1991.

Exemplo disso é o decréscimo, em relação ao ano transacto, em quase 1,3 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), um dos principais indicadores financeiros do país. Um valor que se situa longe da previsão governamental feita por Durão no processo de actualização do Programa de Estabilidade e Crescimento 2004-2007. Segundo o INE, a tendência negativa de evolução económica deve-se, sobretudo,

à “quebra intensa da procura interna”, que se reflecte agora na degradação da economia nacional.

Longe das críticas e fazendo uma interpretação diferente dos dados do INE, Pedro Duarte, deputado social-democrata, lembra que “compete ao grupo parlamentar do PSD apoiar o Governo e incentivá-lo na estratégia que tem seguido para o país”. Na perspectiva do deputado laranja, “o país já encontrou o rumo certo para voltar aos períodos de desenvolvimento, progresso e competitividade”. Em relação ao primeiro-ministro, Pedro Duarte espera que Durão apareça com “um discurso optimista, que possa elevar a auto-estima dos portugueses”. Da oposição, o deputado conta com uma interpelação sobre a actual situação económica, aguardando uma mudança de atitude, sobretudo no que toca aos socialistas: “O partido socialista deve pedir desculpa aos portugueses”, uma vez que, na opinião do parlamentar, “isto são as consequências inevitáveis do descalabro da governação socialista”.

Política orçamental aprovada em Bruxelas

Liliana Carona
Ângela Loureiro

A reunião do Ecofin da passada terça-feira confirmou o programa de estabilidade de Portugal até 2007, que também já tinha sido aprovado pela Comissão Europeia. Assim, a ministra das Finanças acredita que a União Europeia irá retirar Portugal da lista de países com défice excessivo já no próximo mês. O único aspecto que preocupa Manuela Ferreira Leite é o facto da Eurostat não confirmar as contas nacionais.

Esta situação incerta deveu-se ao facto de, em 2002, a economia portuguesa ter entrado em derrapagem e o valor do défice ter ultrapassado o limite imposto de três por cento do Produto Interno Bruto (PIB).

Os homólogos de Ferreira Leite elogiaram a política financeira do país, salientando que a recuperação do défice resultou mais da redução dos gastos do Estado e das reformas estruturais do que do aumento das receitas fiscais. Esta posição surge numa altura em que o Instituto Nacional de Estatística refere num dos seus últimos estudos que os portugueses vivem com a mesma qualidade de vida de há 19 anos atrás, apontando para uma recessão económica.

Os ministros alertaram sobre os riscos que ensombram a estratégia portuguesa: a probabilidade de um quebra das receitas fiscais em 2004 e a possibilidade de falhar a contenção social. Tendo em conta este último aspecto, é aconselhada especial atenção aos pagamentos de pensões e à saúde de modo a evitar futuros desequilíbrios, provocados pelo envelhecimento da população. A ministra das Finanças afirma não haver razões para preocupações excessivas, desvaloriza os alertas feitos pela comissão dos ministros e assegura que a política do executivo para a redução do défice será mantida.

Seguindo a linha de acção que tem vindo a traçar, o Governo espera para este ano que o défice estacione nos 2,8 por cento do PIB, valor igual ao registado no ano passado e aguarda que se concretize uma redução gradual nos próximos anos até se conseguir atingir os 1,1 por cento em 2007. Ainda que Portugal tenha demonstrado progressos e valores inferiores de défice e que consiga atingir a meta proposta para daqui a três anos, Bruxelas não considera o orçamento do país equilibrado, em virtude dos métodos usados pelo Governo para obter estes resultados.

É ainda de realçar que Ferreira Leite aproveitou a situação para revelar que Portugal não apresentará um candidato ao Banco Central Europeu (BCE), para preencher a vaga deixada pelo espanhol Domingo Solans. A decisão para a escolha do director do BCE será resolvida em Bruxelas nos próximos dias 25 e 26 deste mês.

Tendo em conta o processo de evolução da economia portuguesa e a redução dos valores do défice, o BCE qualifica o sucesso de política governamental como uma “proeza notável”.

10 INTERNACIONAL



Crianças palestinianas junto à porção do muro já erigida

Muro vai a tribunal

Israel defende que Tribunal de Haia não tem competências para o caso

O muro que separa Israel e Palestina vai ser levado ao Tribunal Penal Internacional, mas a decisão final só é esperada para daqui a alguns meses

Carla Santos
Rui Simões

Decorreram em Haia, de 23 a 26 de Fevereiro, as audiências no Tribunal Penal Internacional (TPI) que trataram do muro de separação (a que os israelitas chamam barreira de segurança) entre a Palestina e Israel.

Nestas audiências, promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), coloca-se a questão das consequências legais advindas da construção do muro que está a ser erguido por Israel. Em Haia apenas esteve representada a facção palestiniana, visto que Israel se negou a estar presente, argumentando que o TPI não é o local apropriado para tal discussão, e que na questão colocada em tribunal não estava mencionado um importante vector como o terrorismo palestiniano.

Segundo o docente coordenador da

licenciatura em Relações Internacionais da faculdade de Economia, José Manuel Pureza, “as alegações feitas pelos israelitas para justificar o seu não comparecimento em Haia não são legítimas, porque para além de haver um conflito claramente político, existe também um atentado ao processo de paz e ao relacionamento entre os dois povos, pois o Tribunal Penal Internacional tem legitimidade para julgar essa situação”.

Os países da União Europeia negaram-se a estar presentes em Haia, pois, apesar de serem contra o traçado actual do muro, também não consideram o TPI o local adequado para discutir a questão. Os Estados Unidos da América, Austrália e Canadá, decidiram não comparecer, alegando as mesmas razões.

Palestinianos exigem queda do muro

Já os palestinianos pretendem que a construção do muro seja imediatamente travada, e têm no TPI o apoio de 13 países da África, Ásia, Médio Oriente e América do Sul, tal como da Liga Árabe e da Conferência Islâmica.

A autoridade palestiniana opõe-se firmemente ao muro, pois considera que este entra profundamente na Cisjordânia, desrespeitando a linha verde (fronteira internacionalmente reco-

nhecida que separa o território israelita da Cisjordânia), enclausurando mesmo alguns palestinianos e dividindo diversas cidades e aldeias.

Do lado israelita, a construção do muro é tida como indispensável, sendo justificada por motivos de segurança, (este é mesmo chamado de “barreira de prevenção do terrorismo”), pois pretende evitar os sucessivos atentados terroristas perpetrados por diversas organizações fundamentalistas árabes.

Este muro (com custo previsto de 3,4 mil milhões de dólares), quando concluído, terá 730 quilómetros de extensão, sendo que até final de Fevereiro já haviam sido construídos 180. As paredes de betão variam entre os três e oito metros e no topo o muro está coberto de arame farpado. Em alguns pontos existem também fossos e vedações electrificadas.

Esta obra tem tido, desde já, importantes implicações na vida do povo palestiniano. Assim, o muro (ou vedação) separa ou encurrala diversas famílias, assim como as afasta de escolas, hospitais e postos de trabalho (levando a um grande acréscimo na taxa de desemprego). Outra questão que torna a edificação do muro ainda mais problemática é o facto de as populações fechadas por este estarem sujeitas às presenças aleatórias dos soldados israelitas nas escassas portas para poderem passar para o outro lado do betão.

O descontentamento palestiniano tem atingido níveis insustentáveis, tendo já ocorrido as primeiras mortes na sequência de confrontos, num dos “checkpoints” de passagem do polémico muro.

Ainda que o TPI não tenha chegado a uma deliberação final, que só se prevê para o fim deste ano, a verdade é que esta nunca terá um carácter vinculativo, podendo, quando muito, ser posteriormente aplicada pela instituição que lhe pediu o estudo da questão (neste caso, a ONU).

José Manuel Pureza conclui também que o “andamento do processo e as suas respectivas audiências poderão, ou não, levar a alguma conclusão, consoante existam elementos de prova necessários”. Contudo, o resultado definitivo advinha-se, por agora, “insondável”.

Ataques em Madrid abalam o mundo

Os sangrentos atentados em três estações ferroviárias de Madrid já provocaram manifestações de repúdio em todo o mundo

Dinarte Melim Velosa

Na quinta-feira, Madrid despertou sob uma onda de terror, naquele que é considerado o atentado mais sangrento alguma vez perpetrado em solo espanhol. A explosão em cadeia de 13 bombas a bordo de quatro comboios em hora de ponta (7h39) vitimou mortalmente cerca de 200 civis e causou ferimentos em aproximadamente 1500.

Face à catástrofe, o Governo decretou três dias de luto e promoveu uma manifestação que contou com a participação de mais de dois milhões de pessoas, só em Madrid. Também um pouco por todo o país, o povo espanhol manifestou o seu repúdio, inclusive no País Basco, onde se procurou demonstrar que os bascos não dão apoio à ETA e ao terror.

A comunidade internacional já manifestou também o seu pesar pelos lamentáveis acontecimentos ocorridos na manhã de quinta-feira. George W. Bush, afirmou estar ao lado da Espanha na luta contra o terrorismo, enquanto que o chefe do governo bri-

tânico, Tony Blair, apelou para a necessidade de cooperação internacional para proteger os cidadãos do terrorismo. Já Durão Barroso, prometeu a ajuda de Portugal na luta contra aqueles que recusam a via democrática e que enveredam pelo terrorismo.

Inicialmente, as suspeitas recaíram sobre o grupo separatista basco ETA. Mais tarde, as autoridades espanholas encontraram, no interior de uma carrinha roubada, em Alcalá de Hermes, sete detonadores e alguns versículos muçulmanos, recaindo então as suspeitas sobre grupos fundamentalistas islâmicos.

Numa chamada anónima ao jornal independentista Gara, a ETA negou quaisquer responsabilidades na autoria dos atentados, que acabou por ser reivindicada, em nome da Al-Qaeda, pela brigada de Abu Hafs Al-Masri ao jornal árabe Al-Quds-Al-Arabi, sediado em Londres. Segundo este jornal, estes atentados denominados de “Operação Comboios da Morte”, foram os primeiros de uma série que este grupo promete levar a cabo nos próximos tempos, nomeadamente em Itália, com a “Operação Fumo Negro da Morte” e nos Estados Unidos com a “Operação o Vento da Morte”.

O domingo a seguir aos atentados foi preenchido pelas eleições espanholas, com o PSOE a sair vencedor. O partido do poder, o PP de Mariano Rajoy foi a segunda força mais votada. Foi a primeira vez em Espanha que um partido passa de maioria absoluta para uma derrota.

Atentados terroristas mais graves na Europa

Reino Unido

1974: Bombas do IRA em Inglaterra matam 28 pessoas e ferem 200

1984: IRA coloca bomba no Grand Hotel, em Brighton – onde Margaret Thatcher e os seus ministros estão alojados – cinco pessoas morrem e 32 ficam feridas



França

1995: Bomba no metro de Paris fere 86 pessoas e mata oito

Espanha

1985: 18 mortos e 82 feridos em explosão em Madrid, reivindicada por extremistas muçulmanos do Shia Muslim

11 de Março de 2004: Cerca de 200 mortos e 1430 feridos foi o balanço de quatro explosões em quatro comboios suburbanos de Madrid

Itália

1980: 85 morrem e 200 ficam feridos em atentado de extremistas de direita, em Bolonha

Federação Russa

1999: Carro bomba em Daguestão mata 64. Bombas destroem bloco de apartamentos em Moscovo matando 212. Ataques atribuídos às guerrilhas tchetchenas. Cerca de 110 morrem e 400 ficam feridos em ataque de rocket em Grozni. Rússia nega envolvimento

2000-04: Bombistas suicidas tchetchenos matam mais de 300 pessoas na Rússia

2004: Dois carros bomba dirigidos a alvos Judeus e Britânicos em Istambul matam 61 pessoas e ferem 400. Ataques reivindicados por um grupo ligado à al-Qaeda – as Brigadas Abu Hafz al-Masri

1998: Avião despenha-se em Lockerbie, Escócia, matando os 259 tripulantes, depois de uma bomba a bordo ter explodido. 11 habitantes de Lockerbie também morrem

1992: Carro bomba do IRA explode em Londres e mata três pessoas, ferindo 91

1996: Dois morrem e 100 ficam feridos em atentado do IRA, em Londres

1998: Carro bomba do IRA mata 29 em Omagh, Irl. do Norte

História de um conflito

A incompreensão entre israelitas e palestinianos é um facto antigo que remonta ao século XIX - altura em que fôra fundado o sionismo, movimento que defendia a constituição de um Estado Judaico em terras palestinianas (antecedentes históricos do povo judeu).

O movimento sionista ganhou maior expressão após a Segunda Guerra Mundial, devido às atrocidades cometidas contra o povo judeu pelas forças nazis. A Palestina ficou sujeita a uma maior pressão por parte da comunidade internacional para a cedência de uma zona do seu território à causa judaica. Em 1947, a ONU assinou um acordo que dividiria o território palestiniano em dois Estados (o de Israel e da Palestina). O desagrado árabe foi sentido no ano seguinte, aquando da declaração de guerra da Liga Árabe a Israel. No final deste conflito, com a conquista de várias áreas aos Estados árabes e com a sua transformação em colonatos, os judeus saíram vencedores.

Por vezes, a constante apropriação de terra em zonas palestinianas por parte do Estado de Israel, relegaram populações palestinianas para guetos ou zonas de refugiados. Em 1987 teve início a primeira revolta palestiniana - uma luta em que os árabes usavam pedras contra o bem equipado exército israelita - a que se chamou Intifada. Depois de algumas medidas que atenuaram o conflito, a Intifada ressurgiu em Setembro de 2000, num clima de tensão em que a controversa visita de Ariel Sharon à Esplanada das Mesquitas (um lugar sagrado para os palestinianos) foi a gota de água.

10^º SUPER BOCK & ROCK



Junho

9 - Linkin Park - Korn

10 - Nelly Furtado - Avril Lavigne

11 - Lenny Kravitz - Pixies

Fatboy Slim - Massive Attack

Bilhete de 1 dia: 38€ - Passe de 3 dias: 75€

Edição Especial 10º Aniversário - Parque Tejo - Parque das Nações

www.superbock.pt



OPTIMUS



PARQUE XPO



**Bilhetes à venda aos balcões do
e nos locais habituais.**





Apesar de fechado desde 2000, o ambiente típico da velha tasca "Pratas" continua a povoar as memórias dos estudantes que por ali passaram

O Prata da praxe

Recordado com saudade, o "Pratas" foi um marco, não só para os estudantes, mas também para Coimbra

Apesar de ter as portas encerradas, a tasca do Sr. Prata, junto à Biblioteca Geral, continua viva na memória de muitas gerações, sendo sempre lembrada como um espaço de convívio, alegria, farras e união, garantida pela simpatia e amizade dos seus proprietários

**João Cortesão
Paula Velho**

Pedaços de gravatas e restos de trajes académicos, fotos antigas da equipa da Académica, mensagens de estudantes de outrora, decretos praxísticos, caricaturas... - enfim, paredes carregadas de memória. A um canto, um fogão a lenha aquece a sala de cerca de 40 metros quadrados, apenas mobilada por três mesas toscas de madeira, alguns bancos corridos e uns sofás antigos. Por todo o lado, o calor humano mistura-se com o calor do típico traçado e com o fumo dos cigarros. Entre canções perdidas nas vozes alcoolizadas, entre acordes achados no seio de uma qualquer tertúlia, entre amizades encontradas no desfecho improvável

de uma tarde de copos, entre amores quebrados e reencontrados, ouve-se uma voz. É apenas mais um caloíro que, pela primeira vez, de quatro, penetra no mundo mágico daquela pequena multidão, todos estudantes universitários. Assim era para muitos o "Pratas".

Há quatro anos que a rua José Falcão não conta com o dinamismo, cor e espírito estudantil que ecoou durante quase quarenta anos do número 18, mais conhecido como "Pratas". Os donos, o sr. Armando Prata e a sua esposa, a dona Ana, encontram-se agora mais repousados, mas também mais tristes, numa pequena casa em Santa Clara. Entre uns copos de jeropiga, pão e queijo caseiros, nozes e figos, algumas lágrimas e um tom melancólico, a dona Ana ditava o mote da conversa, e o sr. Prata prosseguia, desfiando histórias sem fim.

Dizem-lhe frequentemente que parece muito mais nova do que na verdade é, ao que a "Abelha-Mestra" (como o marido insiste em chamar-lhe) responde prontamente: "É porque passei muito tempo com jovens. Foi o convívio com a universidade que me conservou." Como refere o sr. Prata, "a minha 'casa' não era uma freguesia, mas uma família" que, de ano para ano, "ganhava novos membros".

Assim, o atendimento era sempre personalizado e, quando surgiam problemas, "apoiávamo-nos mutuamente", chegando mesmo a fazer cháinhos e comidas especiais, ga-

rante dona Ana. A este respeito o marido relembra: "Quando a minha mulher esteve internada e eu estava a trabalhar, os estudantes ajudaram-me. Eu ficava na caixa e eles faziam o resto".

Todavia, o contrário também se verificava. O que mais gostavam de fazer era auxiliar os que chegavam e afirmam mesmo que muitos estão formados graças aos seus conselhos. "Alguns estudantes diziam que iam deixar de estudar, que não se entendiam com aquilo". Assim, o tasqueiro mais conhecido de Coimbra, usa-

va da sua experiência: "Então porque não muda para um curso que gosta?" pois, como refere, "um estudante quando vem para aqui, não vem só com a ideia de ser estudante". Um estudante de Coimbra "que não chumbe um ano, não sabe o que é ser estudante de Coimbra. É uma praxe", sustenta.

Contudo, o "Pratas" mantinha este espírito comunitário porque também era o primeiro espaço que os recém-chegados conheciam, onde iniciavam o seu percurso académico. Entre os mais velhos e amantes

da praxe, quem não se lembra de ser obrigado a entrar "de quatro", beber a especialidade da casa, o traçadinho, e cantar umas coisas engraçadas?

Titulado o 'Prata da Praxe' pelos estudantes, o Sr. Prata, apesar de ser a favor da praxe, quando via abusos contrariava: "Alto aí rapazes, que isso não é da praxe". E todos acabavam por concordar com este "veterano" pois, como alude, "merecia uma certa consideração da 'estudentada', coisa que vejo em poucas casas em Coimbra".

O homem que deu uma segunda casa aos estudantes

Natural de Castelo Branco, o sr. Armando Prata veio para Coimbra em 1959 para trabalhar na construção civil. Com orgulho, refere que foi um dos que assentou a estátua de D. Dinis, esteve responsável pelas estações sanitárias do largo da Portagem, trabalhou na Cantina 1 da Universidade de Coimbra, assumindo pouco depois o cargo de fiscal do Ministério das Obras Públicas. Em 1962, tomou a casa "Pratas" por trespassse, deixando-a entregue durante o dia à sua esposa, dona Ana, aparecendo apenas à noite.

Como a faculdade de Direito era a única que não tinha bar próprio, os alunos começaram a frequentar e a fazer as farras no estabelecimento, chateando o dono para dar um nome à casa. Assim, o sr. Prata mandou fazer uma placa onde se lia: "Casa Prata - bar dos Direitos", pregando-a na porta por volta da meia-noite. Quando estava quase a adormecer, ouviu um barulho. Era um grupo de estudantes que queria tirar a placa, mas um de medicina antecipou-se. Só ouviu: "Não está cá, já a levaram". Consta que ainda hoje a tem no consultório. O sr. Prata afirma já ter pensado em marcar uma consulta e, no fim, dizer: "agora mande a conta ao

dono dessa placa".

Apesar de todo o carinho e apoio que os estudantes sempre manifestaram, a ameaça de encerramento, que já vinha desde 1986, concretizou-se em 2000, precisamente com o reitor Fernando Rebelo, o mesmo que garantiu que, no seu mandato, o Pratas não encerraria. Deste modo, a sentença foi decretada no seguimento de uma inspeção obrigatória, que declarou a casa imprópria, devido ao seu elevado estado de degradação. Contudo, o sr. Prata defende que "com um bocadinho de boa vontade a casa não tinha fechado, mas a Reitoria também tinha interesse em que eu saísse".

Embora sinta pena da situação e reconheça que a idade já estava a pesar, ainda afirma que se a universidade comprasse um espaço na Alta, montava um estabelecimento, pois sente falta da "estudentada".

No que diz respeito às recordações que as paredes da tasca ostentaram durante décadas, algumas estão na sua casa, uma vez que o Museu Académico e a Reitoria não as foram lá buscar. No seu entender, era onde deviam estar, pois "todos os interessados podiam ver, funcionando como um prolongamento do antigo bar".

O "espírito tasqueiro"

Para o sr. Prata, é preciso ter muito respeito quando se fala do "espírito tasqueiro", visto ser necessário saber lidar com diferentes tipos de clientes. "Eu tinha uma pachorra incrível, e nunca abandonei ninguém. Desde que conseguissem dizer de onde eram, ia lá levá-los, mesmo que fosse longe pois, quem faz boas acções nunca recebe coisas más", defende.

A este propósito, conta: "Uma vez fui buscar vinho e uns estudantes pediram-me para ir comigo e, no local, começaram a comer broa com azeite e a beber. Quando acabei de descarregar o carro, um estava caído numa valeta, parecia um cadáver. Então, atei-o com uma corda e levei-o no exterior do carro. Quando chegámos a minha casa, o carro era só vinho e broa. Que desperdício! Era Dezembro, o rapaz estava trajado e, como tinha uma mangueira, lavei-o todo. Ele só dizia, 'a água está fria', mas ficou limpinho", garante o tasqueiro.

Apesar do casal achar que a "rapaziada" de hoje é muito "esperta", considera que antigamente era mais, basta lembrar os saques que frequentemente faziam à velha tasca. "Um dia roubaram-nos um presunto e os 'conhecidos' viram, mas não denunciaram, são companheiros", comenta dona Ana. Então, a solução era a seguinte: "subíamos o preço dos produtos (cinco tostões), durante um ou dois meses, até recuperar o dinheiro". Desta maneira, acabavam todos por pagar e o casal Prata não ficava a perder. Aliás, quando os produtos encareciam, as pessoas já perguntavam o que tinha sido roubado. "Eu ria-me, mas nunca dizia", salienta o sr. Armando.

Mas os estudantes também eram peritos em arquitectar artimanhas para não terem aulas, na medida em que não podiam faltar, pois chumba-

vam. A Cabra anunciava ao "bom" estudante que tinha de ir para as aulas e, quando não tocasse, é porque podiam faltar. Deste modo, os estudantes mais malandros, segundo o Sr. Prata, "procuravam o homem que a ia tocar para o levar para as adegas e o embebedarem". Um dia, conta, "agarraram o homem, que tinha de tocar às sete horas, e levaram-no para Ançã". Mas, este disse que ia à casa de banho, foi a pé e a Cabra tocou à hora certa.

O Pratas tem sempre encanto

Apesar de lamentarem não terem escrito as histórias caricatas que aconteceram, elas vão surgindo na memória, não fosse o lema da casa: "Um estudante que lá fosse uma vez por mês e outro que fosse lá todos os dias, tinham o mesmo valor e eram sempre bem recebidos", sublinha o casal.

Outro dos episódios que referem está ligado aos copos que iam desaparecendo. Mais atenta a estas faltas, dona Ana relembra quando os estudantes lhe apareciam com outros, ou até mesmo com os seus, dizendo: "Ó dona Ana, está sempre a queixar-se que lhe faltam copos, tome lá". Porém, o que a dona Ana não gostou nada, mas que hoje lhe suscita riso, foi quando quatro estudantes de uma república se vestiram de luto e transportaram até ao seu estabelecimento um caixão, simulando um velório. "As pessoas por quem passavam benziavam-se e ficavam cheias de pena, pois pensavam que o estudante falecido não tinha família", graceja.

Comovidos afirmam: "Os estudantes têm coisas excepcionais, embora também tenham coisas menos boas, mas é próprio da idade". No entanto, o Pratas não fazia só as delícias dos estudantes. Funcionários, professores e a vizinhança também



Depois de uma vida de trabalho ao lado dos estudantes, o casal sente agora saudades do seu estabelecimento e clientela

frequentavam o local. Não tendo um horário fixo, o bar abria com o toque da Cabra e encerrava normalmente às 22 horas, podendo, contudo, ir até à meia-noite, duas, três, ou mesmo ficar aberto a noite toda. O sr. Prata diz que sempre manteve boas relações com as autoridades e esta flexibilidade devia-se ao facto de muitas vezes "ir levar comida aos acompanhantes dos doentes que chegavam ao hospital, bem como aos médicos e enfermeiros".

Quando Coimbra tremeu

O Pratas era frequentado pela PIDE e pelos estudantes e, quando os "bufos" lá estavam, o empregado da altura, mesmo que a casa estivesse cheia, gritava: "Sr Pratas, faça sandes para os senhores da PIDE, que estão cheios de fome!" E então, "toda a gente se ria", frisa o dono do estabelecimento.

Apesar destes pequenos momentos de riso, o ano de 1969 foi, nas palavras da D. Ana, "uma época medonha", na medida em que vieram imensos polícias de Lisboa, que ficaram "acampados" junto ao Botânico. Nessa altura, o casal estava dividido entre servir a polícia e os estudantes, andando sempre com a

cesta na mão de um lado para o outro. "Só conseguíamos andar na rua com bilhete de identidade para provar que éramos moradores", contextualiza.

Por vezes, quando regressava do mercado, a porta do estabelecimento estava aberta e não estava lá ninguém. Havia polícia de um lado e do outro, a rua estava vazia e a "abelha-mestra" pensava que o marido tinha deixado a porta aberta. De repente, ele aparecia e dizia: "Fui dar de comer aos rapazes!" Nessa altura, a Associação Académica de Coimbra era no Palácio dos Grilos e a porta do bar estava aberta, porque o sr. Prata ia levar a comida, numa cesta (puxada por uma corda feita de capas), porque os estudantes não podiam sair à rua. Aliás, "muitos vinham para a nossa casa, fechávamos a porta para os proteger e, sempre que havia barulho, não deixava sair ninguém".

Embora nunca tivesse grandes problemas com a PIDE, houve um que tentou bater num cliente do sr. Pratas, mas ele impediu, até que o polícia o tentou prender. "Montei a mota, fui à PIDE e fiz queixa do agente, que foi repreendido pelo superior pouco depois", garante.

JONAS BATISTA

Galinhas roubadas

Entre sorrisos, dona Ana recorda os dias em que os estudantes apareciam lá com sacos de galinhas para ela arranjar e diziam que as mães não tinham tido tempo de as preparar. Era enganada, mas não se apercebia: "As galinhas eram roubadas e o meu marido sabia, mas dizia: 'Arranja lá isso aos rapazes'".

Uma altura, os estudantes roubaram galinhas no Santo António dos Olivais e, aflitos por o guarda nocturno os ter visto, telefonaram ao sr. Pratas para os ajudar, pois estavam num taxi às voltas pela cidade, e o guarda a persegui-los noutro. "Eu disse-lhes para mandarem o taxi abrandar e depois acelerar quando estivessem perto de minha casa", conta o sr. Prata. Assim, abriu o portão e apagou a luz de sua casa e os estudantes atiraram o saco das galinhas para lá. Quando o guarda as apanhou e mandou abrir as batinas, já não tinham lá nada e, "quem saiu a perder foi o guarda, que pagou uma fortuna".

Dona Ana narra ainda a história de outro grupo que foi a um galinheiro e roubou as dez galinhas existentes, deixando o galo com uma gravata de traje ao pescoço e com uma placa que dizia: "Estou de luto". Um ano depois, voltou lá para festejar o aniversário.

Todavia, o sr. Prata também era alvo de saques. "Os estudantes 'bifavam-me' as galinhas e, uma vez, uns convidaram-me para ir comer à casa deles, nos Olivais". Como relembra, "estivemos todos na brincadeira, até que disse que tinha de me ir embora, ao que os 'sacaneiras' respondem: Ó Prata, não temos dinheiro para pagar o pão e o vinho". Então ripostei: "As galinhas paguei-as eu, agora vocês paguem o resto". Eles deram uma gargalhada tão forte que "estava a ver que iam partir a casa toda".

"Um espaço que dignificava Coimbra"

Às vezes, o dux veteranorum, João Luís Jesus, levava lá os caloiros para verem as gravatas, roupa rasgada, inscrições (que ao longo dos tempos foram deixadas nas paredes), que simbolizam o final do curso; a contrastar com uma raposa empalhada, que é sinónimo de chumbo, mostrando a compatibilidade destes dois processos.

O dux lembra com saudade este "ambiente agradável, onde se respirava universidade, se estava à vontade a beber uns copos a tarde inteira", e onde aprendeu a gostar de traçado branco.

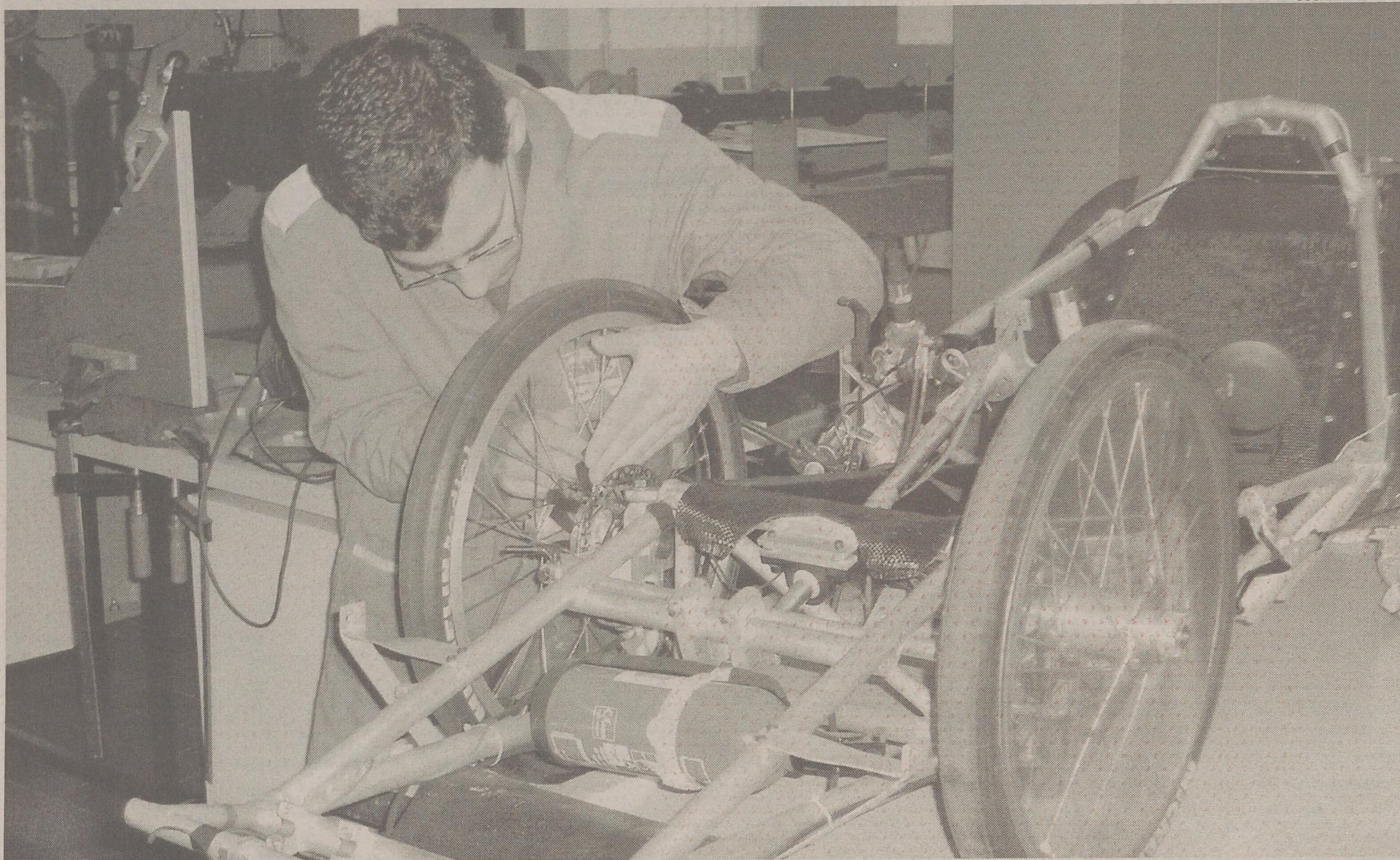
Por sua vez, Pedro Silva (mais conhecido por "Big"), frequentador assíduo do bar e agora da própria residência do casal, acrescenta: "Do Pratas, o que fica não é uma recordação, mas uma maneira de estar". Crítica ainda o modo como este foi encerrado e a "falta de vontade da reitoria em manter o último local de Coimbra que prezava o convívio, confraternização e livre expressão".

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Miguel Duarte, recorda que era um sítio muito importante para os estudantes, uma vez que representava um ponto de encontro, onde toda a academia se reunia.



O antigo edifício que albergava o "Pratas", situado nas traseiras da Biblioteca Geral, encontra-se num estado de degradação cada vez mais acentuado

14 CIÊNCIA



SUSANA VENTURA

Carro ecológico do departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Coimbra em preparação para a Shell Eco-Marathon, a decorrer em Maio

Eco-veículo em fase de testes

Falta de apoios compromete representação da Universidade de Coimbra em maratona francesa

A equipa do Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra trabalha desde Novembro no eco-veículo que pretende levar à Shell Eco-Marathon

**João Pedro Campos
João Cortesão
Jorge Mendes**

A prova realiza-se nos próximos dias 15 e 16 de Maio no circuito de Nogaro, em França. Trata-se de uma corrida anual, que tem por objectivo fomentar o desenvolvimento de veículos ecológicos.

Ainda em fase de testes, o eco-veículo do grupo de Coimbra tem vindo a obter resultados semelhantes aos do ano transacto, quando o departamento de Engenharia Mecânica (DEM) alcançou o décimo primeiro lugar, ao percorrer 1596 quilómetros com apenas um litro de combustível.

Estes resultados não animam muito o professor responsável, Pedro Carvalheira: "O desempenho do ano passado em França é cerca de noventa e seis por cento do que podemos fazer. Sem um carro novo é possível melhorar algumas coisas mas nunca podemos ter progressos

significativos", sublinha. Para alcançar este objectivo, é necessário reunir patrocínios, uma tarefa que se tem revelado "inglória". Os contactos com os patrocinadores começaram em Outubro, mas apenas uma empresa mostrou interesse em apoiar a equipa. Pedro Carvalheira refere que "a Shell apoia sempre, com um prémio de participação, desde que a equipa se classifique". O grupo já concluiu o projecto do novo carro, mas ainda não iniciou a construção por falta de apoios.

O professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra refere ainda a falta de apoios da universidade e da Câmara Municipal de Coimbra. Segundo Pedro Carvalheira, a postura da universidade tem em conta a inovação mas esquece o factor risco: "A equipa anda a trabalhar há cinco anos para ter resultados, eles querem ter patrocínios e não se comprometem com nada".

Em Maio de 2003, em visita ao DEM, o reitor da UC, Seabra Santos, mostrou-se disponível para apoiar totalmente o projecto, posição que se veio a alterar no final do ano. Para o professor, esta alteração é vista com desânimo, uma vez que "este é um dos poucos projectos da cidade que tem êxito lá fora". A falta de apoios reflecte-se no trabalho dos restantes elementos da equipa. Ricardo Teixeira, um dos alunos responsáveis pelo novo sistema de transmissão, afirma que se "torna bastante difícil avançar uma vez que não há motivação quando não se sabe se se vai conseguir concretizar ou não o que se está a projectar".

Em relação à autarquia, Pedro Carvalheira também se mostra insatisfeito, já que o vereador Nuno Freitas nunca compareceu nas reuniões agendadas. Refere que quando contactou a câmara, em Novembro, "o dossier estava pronto para o vereador assinar", situação que nunca se chegou a concretizar.

A falta de apoios é também vista como um factor de desequilíbrio em relação a outros grupos: "A equipa que venceu a competição no ano passado era apoiada por oitenta empresas. A nível nacional, por exemplo, a Universidade de Aveiro, quando participava nesta competição, era financiada com 20 mil euros". Apesar de o DEM não dar qualquer tipo de apoio monetário, a equipa de Coimbra trabalha nas suas oficinas e laboratórios e utiliza os telefones do departamento.

Perante estas contrariedades, as expectativas da equipa não são as melhores, visto que em termos aerodinâmicos pode haver poucas melhorias, tal como acontece com o motor. A equipa tornou o veículo mais leve, "mas basta que as condições atmosféricas sejam adversas para a prestação piorar em 20 por cento". Se existirem boas condições meteorológicas a prestação pode melhorar ligeiramente, mas em termos absolutos deve manter-se, uma vez que para melhorar a performance o grupo precisava "de um carro mais leve, com um motor mais eficiente e com maior aerodinâmica".

A equipa portuguesa é a melhor classificada com este tipo de motor, tendo protagonizado uma grande evolução desde a primeira participa-

ção, em 1999. Neste momento, quase todos os componentes estão no seu rendimento máximo, facto que surpreendeu, pela positiva, todas as pessoas que acompanham a competição.

Dentro de três semanas, a equipa vai iniciar os testes aos pneus na Lousã. A partir de Abril, o eco-veículo vai ser testado no circuito de Braga, permitindo ter uma ideia mais próxima do resultado que pode obter em Maio, em França.

Shell Eco-Marathon

A edição de 2004 da Shell Eco-Marathon vai reunir 217 protótipos que buscam a eficácia energética. Pelo segundo ano vão estar a concurso duas categorias distintas: uma destinada a premiar os protótipos movidos por energias renováveis e outra que coloca a concurso veículos alimentados a gasolina, GPL ou outra energia não-renovável.

Os principais objectivos desta competição continuam a ser pedagógicos, representando o culminar de um ano de trabalho por parte das escolas secundárias, institutos ou universidades a concurso. Para além da vertente formativa e pedagógica, esta competição também funciona como um meio de promoção das cidades e países vencedores.

Na edição deste ano, a França é o país com mais veículos na prova (131), logo seguida por Portugal com 13 e pela Bélgica, com 12.

Exposição antropológica em exibição até Junho

**Filipa Oliveira
Bruno Vicente**

"Babá-babu, Histórias de um berço", é o nome da exposição que o Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (UC) apresenta até Junho. A exposição, patente na sala de exposições do Colégio de S.Bento, surge na sequência da VI Semana da Mostra Cultural da UC. A iniciativa celebra ainda o centenário da posse do principal artefacto da mostra - um berço oriental.

O berço de embalar é oriundo de Goa e foi doado ao museu por Alberto Feliciano Marques Pereira, amigo do então director da instituição. Esta peça tem a particularidade de proporcionar uma relação entre o tempo histórico e uma vivência religiosa, no sentido em que permite ao público ocidental entender a mitologia hindu, mediante uma série de gravuras esculpidas no próprio berço.

O coordenador do museu, Nuno Porto, considera a exposição simples e eficaz, e vê o seu funcionamento como "um género de mediador cultural entre o nosso presente e passado e o nosso presente e outro presente que vive paredes meias connosco, mas por vezes de costas voltadas".

Podemos encontrar também provas referentes à documentação e transferência do berço para Coimbra, em 1904, nomeadamente uma missiva de doação e uma fotografia de família. As inscrições do berço foram ainda reproduzidas para uma tela gigante, que pretende revelar ao visitante a epopeia de Vishnu, um ser mitológico. Fruto de um protocolo com a reitoria, a exposição assume propósitos pedagógicos e uma vertente didactocientífica. Assim, o museu disponibiliza um filme temático e uma sala onde os mais novos podem dramatizar algumas das cenas mitológicas evidenciadas no berço.

A responsável pelo serviço educativo, Maria Arminda Miranda, afirma que "esta é uma estratégia em termos educativos, onde os mais novos podem dar vida a personagens da epopeia, apropriando-se de conhecimentos de uma forma lúdica". Nuno Porto considera que a adesão do público, no que se refere ao trabalho regular com as escolas, "é satisfatória para os meios que o museu possui".

O museu de antropologia é uma das secções da unidade orgânica de História Natural, associado à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Possui em reserva várias colecções, principalmente das ex-colónias portuguesas, bem como algumas colecções nacionais referentes ao meio urbano e rural do país. Tem também diversas representações dos povos ocidentais feitas por outros grupos étnicos. Destaque para a colecção recolhida pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, na Amazônia, datada dos finais do século XVIII, e que exemplifica as capacidades de produção das pessoas daquela região.

DESPORTO 15

Mais longe da tranquilidade

Estudantes perderam oportunidade de fugir dos últimos lugares

A Briosa raramente assumiu o jogo, face à eficácia e inteligência táctica do Moreirense, que obteve uma vitória por 0-3

**Tiago Almeida
Bruno Costa**

Depois da derrota, na Madeira, frente ao Nacional, João Carlos Pereira voltou a apostar em Flávio Dias para a frente de ataque, com Joeano (pela esquerda) e Paulo Sérgio (pela direita), numa tentativa de dar profundidade ofensiva à equipa. O quarteto defensivo voltou a ser constituído por Nuno Luís, Tonel, José António e Fredy, com o estreante Eduardo na baliza, no lugar do castigado Pedro Roma. O meio campo contou com Rodolfo, Lucas e Paulo Adriano. No entanto, logo aos seis minutos, a estrutura da equipa teve de ser alterada, devido à lesão de Rodolfo, tendo Dionnatan entrado para o seu lugar.

O Moreirense mostrou-se mais pressionante, mas a primeira oportunidade de golo pertenceu à Académica, por intermédio de Paulo Sérgio. Após uma bonita jogada ao primeiro toque, pela direita, o extremo, emprestado pelo Sporting, rematou à barra, à entrada da pequena área. Estavam decorridos dez minutos do encontro.

Esporadicamente, a Briosa conseguiu imprimir dinamismo e velocidade, falhando, à passagem da meia hora de jogo, outra boa ocasião de golo, desta vez, por meio de Joeano. A partir desta altura, o Moreirense trouxe novamente equilíbrio à partida, traduzido numa jogada iniciada por Tito, concluída com um cabeceamento torto de Armando. O primeiro golo do Moreirense surgiu aos 39 minutos, na sequência de um pontapé de canto efectuado por Bruno, com Sérgio



Moreirense leva a melhor sobre a Académica e rouba pontos essenciais à equipa de Coimbra

Lomba, num lance confuso, a cabecear para o fundo da baliza. A primeira parte termina logo depois do segundo golo da equipa visitante: depois de um remate de Tito, defendido por Eduardo, Nuno Luís acabou por introduzir a bola na própria baliza.

A Académica iniciou a segunda parte a todo o gás, protagonizando algumas jogadas de perigo, mas sem efeito. Com as entradas de Fábio Felício, aos 56 minutos e de Marcelo, aos 63, a equipa dos estudantes procurou impôr o seu futebol. No entanto, o Moreirense soube gerir a vantagem, com uma inteligente disposição táctica.

A quinze minutos do fim, o terceiro golo da equipa visitante, retirou à Briosa, definitivamente, as esperanças de dar a volta ao resultado. Manoel, à entrada da área, encontrou Castro desmarcado, tendo este rematado forte, sem hipótese

de defesa para Eduardo, sentenciando o encontro.

Embora esteja acima da linha de água, a Académica perdeu, com esta derrota, uma oportunidade de se

distanciar dos lugares de despromoção. Aproveitando os resultados dos adversários directos, a equipa de Coimbra mantém-se, no entanto, acima da linha de água.

Nas cabines...



João Carlos Pereira,
treinador da
Académica

- "Temos de dar o mérito ao adversário, porque não fomos tão fortes como desejávamos".
- "Se tivéssemos marcado na primeira oportunidade do jogo, podia ter sido tudo diferente. O Eduardo não fez defesas. Na segunda parte, entrámos com outra atitude, mas esperámos pelo desfecho, em vez de o provocar".



Manuel Machado,
treinador do
Moreirense

- "Percebemos, desde cedo, o que a Académica pretendia. Fomos taticamente irrepreensíveis, mais eficazes e inteligentes".
- "O resultado acaba por ser pesado. Tivemos sorte nos dois primeiros golos".
- "Estamos hoje mais perto dos nossos objectivos. Estou muito satisfeito com o que temos feito".

Vitória suada do futsal da Académica

Briosa distante do seu real valor venceu por 5-2

**Ana Maria Oliveira
Tiago Pimentel**

Numa partida em atraso da 23ª jornada da série B do Campeonato Nacional da 3ª divisão de futsal, a Académica recebeu e venceu a equipa do Chelo. Com o pavilhão Jorge Anjinho bem composto de público, a Académica entrou em campo com Nuno Gouveia na baliza, Rui Moreira, Zito, Benedito e Luisinho. Embo-

ra nenhuma das equipas tivesse entrado bem no jogo, as oportunidades de golo foram surgindo. Foram precisos mais de dez minutos para surgir o primeiro golo do jogo, da equipa da casa, por intermédio de João Filipe. No entanto, o Chelo precisou de apenas dois minutos para restabelecer a igualdade.

Num lance muito contestado pelo público da casa, os visitantes adiantaram-se no marcador: Batalha foi admoestado com o cartão vermelho directo e Fredy, na conversão do livre, marcou o segundo golo para o Chelo.

A segunda parte começou mais agressiva, com o público a manifes-

tar o seu desagrado com as decisões da equipa de arbitragem. A diferença de atitude dos estudantes foi visível, mostrando-se mais incisivos no ataque e compactos na defesa. Aos cinco minutos da segunda parte, Zito repôs o empate a duas bolas e, logo a seguir, Luisinho deu vantagem à equipa da casa. Com a Académica a desperdiçar várias oportunidades, o resultado final foi fixado por Luisinho que contribuiu com mais dois golos para a Briosa.

Esta vitória teve um sabor especial para Pichel, capitão da Briosa, que comemorou o seu 28º aniversário. "Foi um derby complicadíssimo para nós, mas a vontade de lutar até ao fim

para chegar ao primeiro lugar é muito forte, e conseguimos virar o resultado na segunda parte", afirmou. O atleta agradeceu o apoio aos adeptos da Académica: "Para eles, um 'muito obrigado', são do melhor que há".

O treinador Francisco Batista considerou que a Briosa jogou abaixo do seu nível habitual, muito por culpa do adversário. "Naturalmente há diferenças significativas entre as duas equipas e o valor individual dos jogadores marcou a diferença".

Com este resultado, a Académica mantém o segundo lugar, a cinco pontos do líder Fundão, e com vantagem de 14 pontos em relação ao terceiro classificado.

Orabolos!

António Gil Leitão

Opinião

"Think Test"

"Qualquer coisa que acontecia, logo perguntavam: 'E se fosse no Euro?'"

"Era uma vez um país cheio de sol e de maravilhas que a natureza oferecia. Esse país, além de sol, tinha praias e por isso tinha muito turismo. Para tentar arranjar mais turistas (viviam disso, lá, nesse sítio), faziam campanhas de promoção da sua terra nos outros sítios.

Então descobriram que o que os tornava diferentes dos outros era serem do Oeste."

- De que é que te lembrás quando se fala de Oeste?

- Cowboys!

- Então vamos lá falar de cowboys:

"Esse país tinha muitos índios e cowboys. No futebol costumavam dizer que era uma cowboiada. Cada terra tinha o seu xerife. Alguns, os mais importantes, até tinham estádios com o seu nome. Enfim, eram muito importantes. Tão importantes que até podiam entrar no "seu" estádio a meio de um jogo, interrompê-lo para criticar o árbitro, que nada lhes acontecia. Podiam até ameaçar, publicamente e em directo, pontapear outras pessoas, que estas, talvez (ou não) com medo, apenas diziam que essas ameaças eram "má educação".

Os generais desse país apenas podiam dizer que os adeptos deviam portar-se bem, assim mesmo, sem referirem o nome ou o cargo desses xerifes. Eram muito importantes estes xerifes...

Esse país ia organizar um europeu de futebol. Então, as pessoas entre-tinham-se a pensar no que poderia acontecer nessa altura.

Qualquer coisa que acontecia, logo perguntavam: "E se fosse no Euro?" O chefe dos generais desse país fartava-se de dizer: "Calma! Temos que ser Euro-calmos", mas as pessoas não o ouviam. Estavam, como dizer?, Euro-eufóricos.

Havia trânsito numa estrada? Perguntavam: "Como vai ser no Euro?", Havia um assalto numa estação de serviço? Perguntavam: "Meu Deus! Como vai ser no Euro?" Os

bombeiros não tinham material suficiente (nem para apagar um fósforo)? Afirmavam: "Isto com o Euro vai ser uma desgraça". A polícia tinha armas que de tão velhas já não funcionavam? Perguntavam: "E no Euro?". Os hospitais tinham listas de espera intermináveis? Lá vinha a pergunta sacramental: "Estaremos preparados para receber o Euro?" Podia até morrer alguém num campo de futebol (e até morreu) que a pergunta era sempre a mesma: "E se fosse no Euro?"

- Oh pai, disse o filho assustado, esse país existe mesmo?

- Não, meu filho, respondeu o pai para o tranquilizar, este país é uma brincadeira...

Uma academia para o novo século

Virada para o futuro do clube, a academia “Briosa XXI” pretende contribuir para um progressivo desenvolvimento das capacidades físicas e humanas dos atletas e para modernizar a imagem da instituição

**Tiago Almeida
Bruno Gonçalves**

Com o regresso da Académica à Superliga, nasceu um novo e ambicioso projecto na história do clube. Actualmente potencializado pela equipa sénior, a nova casa-forte estudantil vai conjugar o edifício da formação com os departamentos médico e desportivo. Trata-se de um centro de estágio, constituído por vinte quartos duplos, uma sala de refeições, várias salas de reuniões, uma sala de entrevistas, zona de massagens e um ginásio. A componente de fisioterapia não é esquecida, permitindo a prestação de um serviço de qualidade, não só ao clube, mas também ao exterior. A nível desportivo, para além do relvado existente, serão acrescentados mais dois campos sintéticos, bem como outro mais reduzido, direccionado para o treino dos guarda-redes.

Tal como assume José Eduardo Simões, interinamente responsável pela presidência do clube, não só haverá “condições para os mais novos praticarem, como também existirá um bloco dedicado à formação académica”. Neste sentido, as salas de estudo e os espaços de lazer possibilitarão aos jovens “um regime mais

favorável”. Isto porque “o ambiente criado numa academia desenvolve o jogador”, vincando a ideia de que “onde existem academias, existem valores”.

O projecto “Briosa XXI” está orçamentado, segundo José Eduardo Simões, em cerca de dois milhões e quinhentos mil euros. Este valor é assegurado através de apoios de investidores e de entidades privadas, que poderão disponibilizar materiais

de construção e equipamentos indispensáveis à continuidade das obras. Para além destes apoios, o financiamento do projecto passa também por um “exercício de imaginação”, no qual se inclui o dinheiro da própria direcção e de todas as pessoas que sentem a Académica.

A capacidade de união e concentração de esforços é, mais uma vez, posta à prova. O responsável defende que “Coimbra não tem sido ma-

drasta” e, na medida do possível, tem correspondido aos apelos feitos pela direcção académica.

O director do departamento de futebol, Vasco Gervásio, acredita que, com a academia “Briosa XXI”, tendo em conta a interligação simultânea de todos os elementos do clube no mesmo espaço, “estão reunidas as condições para que a qualidade da formação possa evoluir”. A Académica terá, nesse sentido, “uma base

sustentada que lhe permitirá ir mais além”. O “sobe e desce” não pode caracterizar o comportamento da equipa e “essa tendência tem de terminar”.

Depois da montagem do estaleiro e da aprovação autárquica para o início dos trabalhos, o movimento das terras começou a ser feito no mês passado. Até Maio, ainda antes do início do Euro 2004, prevê-se que a estrutura esteja finalizada.



Academia “Briosa XXI” pretende projectar o nome da Académica e construir uma equipa de futuro

Um espaço multifacetado

A academia “Briosa XXI” pretende modernizar e projectar o nome da Académica, no contexto do futebol português, ao mesmo tempo que proporciona melhores condições à formação desportiva e humana de jovens jogadores. A futura clínica de fisioterapia não fará apenas com que exista um acompanhamento permanente a todos os jogadores, como também pode contribuir para uma diminuição considerável dos encargos, sublinha o detentor da presidência interina, José Eduardo Simões. Igualmente, a concentração de todas as actividades do clube num único espaço, permite rigor e profissionalismo na capacidade de decisão de todos os elementos. Por outro lado, a pluralidade de espaços facilitará os métodos de treino, tendo em conta as actividades simultâneas dos diferentes grupos de trabalho. Este é, assim, um projecto que a direcção acredita que vai contribuir para o equilíbrio financeiro do clube, tendo em conta os variados benefícios a longo prazo.

Hóquei mais perto da subida

Depois da vitória no último jogo, a formação de hóquei da Académica conquistou o terceiro lugar e aproximou-se da promoção

Nuno Braga

A equipa sénior de hóquei em patins da Secção de Patinagem da Associação Académica de Coimbra enfrentou, no Estádio Universitário, a equipa do Estrela Vigorosa. Um jogo a contar para a 19ª jornada do Campeonato Nacional da 3ª divisão - zona Norte.

Uma partida que seria perfeitamente normal caso não se defrontassem o terceiro e o quarto classificados, que estão separados por apenas dois pontos. Segundo o treinador da Académi-

ca, Francisco Vilhena, a sua equipa está na corrida pelo segundo lugar, com vista à subida de divisão.

Sendo um jogo crucial para os estudantes, seria de esperar que estes entrassem nervosos, porém, tal não aconteceu. Os jogadores da Secção de Hóquei mostraram-se tranquilos e conseguiram, nos primeiros minutos, manter um jogo dinâmico com oportunidades sucessivas para as duas formações.

Foi um desafio bastante intenso, havendo constantemente recuperações de bola, ataques, contra-ataques e jogadas de grande rapidez, que imprimiram um ritmo elevado. Na primeira parte, o Estrela demonstrou um jogo mais equilibrado, com uma boa organização do seu ataque e passes precisos, enquanto a Académica defendia e respondia com um contra-ataque rápido, do qual surgiu o primeiro golo, aos 15 minutos.

A equipa do Estrela, após o golo, ficou ner-

vosa e cometeu inúmeras faltas. A desconcentração levou a formação nortenha a sofrer o segundo golo dois minutos depois. Ao minuto 19, o stick do guarda-redes da Briosa parte-se, na altura em que o Estrela recupera a bola e, sem hipótese de defesa, sofre um golo.

Seguiu-se um período muito faltoso onde foram mostrados vários cartões amarelos e um azul, por palavras dirigidas ao árbitro de Santarém. Após o desconto de tempo pedido pela Académica, a equipa da casa chega ao terceiro golo, num remate sem hipóteses para o guardião do Estrela que, antes do final da primeira parte, ainda defende uma bola que poderia dar golo.

A equipa da casa foi para os balneários com um resultado animador, 3-1, mas que não garantia a vitória pois ainda faltavam 25 minutos.

A segunda parte começou com ambas as equipas a lutar pela posse de bola e, à seme-

lhança da primeira metade do jogo, este decorreu a uma velocidade estonteante. Como consequência deste ritmo surge o quarto golo da Académica. Surpreendido, o Estrela tornou-se mais faltoso, tendo o árbitro Ricardo Rocha sido implacável na amostragem dos cartões.

Aos oito minutos da segunda parte surge um novo golo da equipa da casa, após uma recuperação de bola no meio campo adversário. No minuto 12, Canha, jogador do Estrela, vê o cartão vermelho, após ter agredido um jogador da Académica com uma cotovelada. Dois minutos depois, a formação do Estrela inicia uma recuperação surpreendente só quebrada por um golo da Briosa aos 16 minutos.

No final do jogo, o Estrela marcou 4 golos em cerca de sete minutos, ficando o marcador com 6-5 a apenas dois minutos do fim. Ainda no minuto 24, a formação da Briosa fixou o resultado num merecido 7-5 que permitiu a ascensão ao terceiro lugar.



Exploração Planetária

Curso de formação

De 24 de Março a 16 de Junho

Inscrições/Informações: Secção de Astronomia, Astrofísica e Astronáutica da AAC - 918720552 / 965300719, saccoimbra@hotmail.com

“Garantimos, na pior das hipóteses, o segundo lugar na fase regular”

Mais do que uma reflexão da sua estadia no clube, o treinador de basquetebol da Académica, Samuel Veiga, avança um balanço do que foi a época até ao momento

Bruno Vicente

Samuel Veiga tem nos comandos técnicos da Académica a primeira equipa sénior como treinador principal de basquetebol. Três meses após a sua chegada, o técnico partilha esse desafio, elogia o plantel acadêmico e pensa no futuro.

É a primeira vez que treina uma equipa sénior?

Como treinador, fui adjunto em duas equipas seniores: uma feminina, na década de 80, e outra masculina, na década de 90. É a terceira vez que estou com seniores e como treinador principal é a primeira vez.

Porque decidiu vir treinar a Académica?

Quando o convite foi feito, ponderi duas situações. A Académica tinha feito, até então, um excelente campeonato e seria um desafio tentar manter esse nível. Por outro lado, poderia levar até ao fim um projecto que foi iniciado - e muito bem - por Norberto Alves, há dois anos.

Está contente com o plantel actual? Considera-o à altura dos objectivos desta época?

Até este momento tem estado. A vitória frente ao Vasco foi decisiva para nós, porque garantimos, na pior das hipóteses, o segundo lugar na classificação final da fase regular. Vamos ter mais três jogos e o nosso aspecto competitivo a este nível - na primeira fase - fica realizado. Em relação ao plantel, temos neste momento onze atletas seniores, o que durante uma época desportiva é manifestamente pouco, devido a problemas de lesões. O plantel ideal seria o de doze jogadores seniores e dois jogadores juniores, para completar o plantel de catorze jogadores.

Depois de um período em que a Biosa esteve invicta durante 15 jogos, sofreu três derrotas em cinco desafios. Houve uma quebra de rendimento ou desmistifica essa possibilidade?

A Académica entrou na primeira volta do campeonato como um outsider, ninguém esperava uma Académica tão forte, dado que subiu da segunda divisão A. Depois, a segunda



Samuel Veiga vê a sua estadia à frente da equipa técnica da Académica como um grande desafio

volta foi muito mais complicada do que a primeira, por apanharmos equipas mais fortes fora. O terceiro factor, que levou a que a equipa perdesse alguns jogos, foi uma quebra anímica, por Norberto ter saído, o que é perfeitamente natural. Mas já ultrapassamos essa fase e continuamos com os objectivos pretendidos até final da época.

Com Norberto Alves, a marca da Académica era uma defesa asfíxiante. Foi-lhe recomendado que a mantivesse ou já possuía essa característica?

Eu vim para a Académica porque me fizeram o convite e porque o modelo de jogo de que eu sou adepto é bastante parecido com o de Norberto. Na minha perspectiva não existem equipas campeãs se não tiverem o factor defensivo como arma principal. O Norberto esteve um ano e meio para induzir questões defensivas no seu modelo e a Académica, se tenciona manter o nível competitivo muito alto, deve continuar nesse sentido. O aspecto defensivo é a única questão do jogo que não depende da sorte ou do azar, depende de nós que

remos ou não queremos. E nós vamos continuar a ser uma equipa com que ninguém gosta de jogar.

Equipa jovem e dedicada

Prefere treinar uma equipa com jogadores nacionais na Proliga ou uma equipa predominantemente estrangeira na Liga TMN?

Eu vou utilizar uma frase dita por Luís Magalhães, treinador do Porto, em que ele dizia preferir jogadores que trabalhem independentemente da sua nacionalidade. E nós neste momento conseguimos ter uma equipa predominantemente portuguesa com jogadores jovens e, acima de tudo, que gostam de trabalhar. Não está fora

“Vamos continuar a ser uma equipa com quem ninguém gosta de jogar”

de questão a hipótese de adquirir jogadores que sejam estrangeiros, desde que eles tenham vontade de trabalhar e tenham ambição.

Acredita que a Académica conseguirá, por parte das empresas, os apoios necessários para a subida à liga TMN?

Essa é uma boa questão para pôr à direcção da Académica, que respon-

derá se tem capacidade ou não para realizar encaixes financeiros nesse sentido. Mas, neste momento, preocupa-me a realização do trabalho do dia-a-dia e a parte desportiva que é a que me compete e aos jogadores.

Coloco-lhe, então, a questão de outra forma. Se a Académica não subir este ano por questões financeiras, para o ano será possível voltar a ter um bom desempenho?

Eu penso que é sempre possível. Se a Académica, este ano, não tiver poder económico, a parte directiva irá fazer todos os esforços para o sucesso não suceder esporadicamente num ano, mas para tornar a equipa competitiva. É importante que haja a consciência que este ano é uma boa experiência para toda a gente, inclusive para a parte directiva. É igualmente importante manter e criar estruturas que possibilitem ganhar sempre. Ganhar sempre não é fácil - é impossível, mas temos que trabalhar para isso acontecer.

Há alguma mensagem que gostaria de passar para o exterior?

Gostaria de passar uma mensagem de apoio ao treinador Norberto Alves. Desejo-lhe que rapidamente consiga estabilizar a equipa de basquetebol do Benfica e ter os resultados que merece.

Académica vence já no prolongamento

O pavilhão Jorge Anjinho juntou duas equipas com objectivos diferentes. A Académica luta pelo primeiro lugar na Proliga; o Vasco da Gama, no fundo da tabela, luta pela manutenção na prova. A 26ª jornada da fase regular da Proliga esperava-se tranquila para os estudantes, facto que não veio a acontecer. A líder da Proliga quase viu a sua invencibilidade caseira ser quebrada, uma vez que o Vasco, movido pela necessidade de vencer, soube responder ao favoritismo da equipa de Coimbra.

O jogo teve duas tendências distintas: uma em cada parte da partida. Assim, nos primeiros vinte minutos, o Vasco incutiu uma agressividade acrescida na sua abordagem ao encontro, jogando sempre no limite da falta. Bem pelo contrário, a Académica entrou na partida com uma passividade e um desempenho ofensivo debilitado. Desta forma, o Vasco justificava plenamente a vantagem de dezasseis pontos que levou para o intervalo, onde vencia por 30-46.

O desequilíbrio patente na primeira parte foi trazido para a segunda metade do desafio mas, desta vez, favorável à Académica. Os estudantes tentavam dar a volta ao resultado, através de outro tipo de atitude, que passou pela correcção da postura dos jogadores em campo. Assim, a equipa de Samuel Veiga igualou a agressividade do Vasco, realizando uma rápida recuperação, o que no início do quarto período levou a Académica à liderança do marcador por 64-63.

O quarto período foi o mais equilibrado da partida, ao ponto de o jogo com 86-86 ser arrastado a prolongamento, onde a Académica fez a diferença, vencendo por cinco pontos. O resultado final foi de 100-95. É de salientar que o carácter agressivo do confronto, denotado por ambas as equipas, resultou na expulsão de três jogadores da equipa visitante e outros dois da equipa da casa.

Na equipa da Académica, destaca-se para Bruno Costa nos pontos (27), Gregory Morgan nos ressaltos (14) e Hélder Afonso e Rui Rochete nas assistências (5). Após o encontro, Bruno Costa, extremo da Académica, considerou o jogo “difícil porque o Vasco veio com o objectivo de ganhar para não descer de divisão.” O jovem jogador desmistifica uma quebra anímica, e salienta antes o facto de “a equipa estar cansada por ser o final da época.”

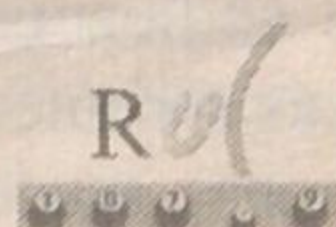
A três jogos do final da fase regular, a vitória dos estudantes e do rival Sampaense, que também venceu nesta jornada, coloca os dois clubes do distrito de Coimbra na disputa do primeiro lugar da fase regular da Proliga. Isto porque o próximo adversário da Académica, o Basket Almada (terceiro classificado) está já longe das duas primeiras posições.

EUSÉBIO na RUC.



OFF THE RECORD

5ª, 18 de Março
22h00
107.9FM



18 CULTURA

Blues invadem Coimbra

Três dias com concertos, conversas, exposições e documentários, tudo em torno de um som único

Segunda edição do Festival Internacional de Blues de Coimbra traz novamente cartaz de luxo e um programa com outras vertentes

**Mário Guerreiro
Jorge Mendes
Cláudio Vaz**

Começa na quinta-feira o Coimbra em Blues, o Festival Internacional de Blues de Coimbra. A produção conjunta da Câmara Municipal de Coimbra e do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) regressa mais rica.

Para além dos concertos, está agendado um conjunto de actividades paralelas, como uma retrospectiva fotográfica da primeira edição. Há ainda uma mostra de vídeos sobre o blues e também uma conversa com o tema "Blues: novo milénio, novos caminhos?", que conta com a presença de Zé Pedro (Xutos e Pontapés), Álvaro Costa (radialista), António Ferro (Festival de Blues de Gaia), Paulo Furtado (Wray Gunn e The Legendary Tiger Man) e do músico Skip McDonald. Outra novidade é a venda directa de CD's e DVD's ao público. Segundo Paulo Furtado, assessor artístico do festival, este pretende também informar, "traduzindo-se depois num maior interesse pelo blues". O objectivo é que "Coimbra viva intensamente o blues durante estes três dias".

As noites este ano são de blues acústico, eléctrico e novos caminhos do blues. O primeiro dia é dedicado à vertente acústica e conta com a dupla Cephas and Wiggins. John Cephas nasceu na década de 30 e aos oito anos tinha o seu primeiro contacto com o blues, através de uma tia que tocava guitarra. Cephas profissionalizou-se como músico na década de 60, na banda de Wilbert "Big Chief" Ellis.

Também natural de Washington DC, "Harmonica" Phil Wiggins, como é conhecido, nasceu na década de 50 e aprendeu a tocar harmónica sozinho, a ouvir nomes como Little Walter ou Sonny Boy Williamson II.

John Cephas e Phil Wiggins conheceram-se em 1976 durante uma "jam session" e até 1977 integraram os Ellis's Barrelhouse Rockers, de Ellis. Nesse ano Ellis morre e um ano depois a dupla Cephas and Wiggins é formada, aliando a voz e guitarra de Cephas à harmónica de Wiggins, com uma sonoridade mais calma que a de outros Estados do Sul. O duo é uma referência do Piedmont Blues, subgénero originário da região que se estende dos Montes Apalaches à costa Atlântica dos EUA.

Blues eléctrico e novos caminhos

A sexta-feira é de blues eléctrico. Nascido em 1941, Roscoe Chenier é filho de Arthur "Bud" Chenier e primo de Clifton Chenier (dois dos nomes mais sonantes do blues feito no Louisiana), sendo o primeiro a grande in-

fluência de Roscoe, que toca guitarra e canta. O seu último álbum data de 2001 e é reconhecido pelos entusiastas do blues como o melhor trabalho da sua carreira. Chenier foi incluído no Louisiana Blues Hall of Fame, em 1999, como forma de reconhecimento pelo contributo para o blues da região.

Depois de Chenier, sobe ao palco uma lenda viva da harmónica. Carey Bell é um dos poucos músicos do género que aprendeu directamente com o som dos seus mestres, como Little Walter, de quem Bell dizia ser "um louco que já tinha feito todo o tipo de maluquices com a harmónica que um músico não poderia fazer".

Bell é um veterano do Mississippi, que se estabeleceu depois na electrificada Chicago, onde soube unir a emergência do blues, à soul e ao funk, produzindo assim um estilo que o colocaram entre os maiores nomes do blues. A gravar desde 1969, Bell deixou a sua marca registada na Alligator Records, também considerada a "Motown" do blues, além de passar pelos palcos de todo o mundo. Carey Bell é um dos nomes mais sonantes do cartaz e para Paulo Furtado "um grande espectáculo" em perspectiva.

Reverend Vince Anderson e o seu órgão vão iniciar a noite de sábado, com o seu Dirty Gospel, um género criado pelo mesmo para definir o seu estilo, onde os ensinamentos divinos esbarram nas tentações diárias. Dirty Gospel é também o nome da sua própria editora, onde editou os seus três discos, sendo o último "The Blackout Sessions".

A génese de Reverend Vince Anderson dá-se quando conhece um pastor de neo-hippie de São Francisco. Anderson muda-se então para Nova Iorque onde entra para um seminário, mas a sua descença na forma normal de pregar leva-o a abandonar o seminário, passando a apregoar a fé nas ruas. Reverend Vince Anderson é um reverendo oficial da Universal Life Church, após ter respondido a um anúncio na contracapa da Rolling Stone. Conhecido por se fazer ouvir apenas munido da sua voz, a lembrar Tom Waits, e do seu órgão impregnado de blues, gospel ou até funk, é assim que o reverendo se vai apresentar.

O festival promete terminar numa nota alta, com a actuação de Little Axe, uma criação do músico, performer e produtor Skip McDonald que integrou as fileiras da banda residente da editora de rap Sugarhill em 1979. Nos anos seguintes, McDonald participa em álbuns marcantes do género, como "The Message", de Grandmaster Flash. O pseudónimo Little Axe surge em 1992. Para trás já estavam colaborações com bandas como Megadeth ou Nine Inch Nails. Little Axe estreia-se nos discos em 1994, com "The Wolf that House Built", influência para Moby criar "Play". O universo onde a soul, o dub, o funk e o blues se fundem atinge novos patamares com o seguinte, "Slow Fuse". O seu último disco, "Hard Grind", foi editado pela Fat Possum Records, do Mississippi, que tem trazido para a ribalta grandes bluesman desconhecidos.



Carey Bell, lenda viva da harmónica vai pisar o palco do TAGV na sexta-feira, no II Coimbra em Blues

Um toque de Martin Scorsese

Na quinta e sexta-feira vão ser exibidos dois documentários dedicados ao blues. Na quinta pode-se ver "The Soul of a Man", realizado por Wim Wenders (Buena Vista Social Club, As Asas do Desejo). Este é um de sete filmes e documentários que compõem a série Martin Scorsese Presents The Blues, coordenado pelo realizador de Taxi Driver para a PBS, em homenagem a 2003, o Ano do Blues nos EUA. Scorsese realiza um dos filmes e convidou seis outros realizadores para conceberem os restantes, obedecendo sempre a uma vontade de dar a conhecer as raízes e os frutos do blues.

Em "The Soul of a Man", Wim Wenders explora a vida de Skip James, Blind Willie Johnson e J.B. Lenoir (os seus bluesman favoritos), juntando ficção e realidade. À semelhança dos demais filmes da série, também neste se encontram inúmeras entrevistas e actuações de bandas de hoje e de ontem, que tocam blues ou que a eles foram buscar a sua alma, como os Jon Spencer Blues Explosion, Nick Cave and The Bad Seeds, ou Chris Thomas King. Apesar de apenas um documentário da série ser exibido, os restantes seis vão estar a passar em ecrãs no Teatro Académico de Gil Vicente

durante os dias do festival.

A exhibir na sexta-feira, pelas 18 horas, também no foyer do TAGV, vai estar outro documentário, "The Search for Robert Johnson", de John Hammond Jr.. De acordo com Paulo Furtado, esta escolha deveu-se ao facto de "Robert Johnson ser um dos nomes incontornáveis do blues". Nascido em 1911 e falecido em 1938, Johnson deixou gravadas apenas 29 músicas. Morreu (muito provavelmente envenenado por uma amante ciumenta) aos 27 anos, a poucos dias de actuar no maior evento do género (o Spirituals of Swing). Era um bluesman secundário até ter desaparecido e reaparecido, depois de alguns meses, com uma arte que impressionou.

Para muitos, Johnson vendeu a alma ao diabo. Em troca, o mafarrico deu-lhe a arte mas colheu-lhe a vida cedo.

Neste documentário, Hammond percorre as pegadas de Johnson e entrevista quem conheceu o bluesman que Keith Richards julgava tratar-se de duas pessoas. Para o guitarrista dos Stones, era impossível que alguém pudesse tocar guitarra e cantar ao mesmo tempo como Robert Leroy Johnson o fazia.

Viagens estelares e bolinhos de canela

“Além do Infinito” estreou-se, em versão reduzida devido ao mau tempo, no passado dia 6 de Março. Um espectáculo que pretende cativar o público universitário

Gustavo Sampaio

“Além do Infinito”, uma peça apresentada pela Escola da Noite, está em cena no Museu de Física da Universidade de Coimbra até ao próximo dia 27 de Março, de quarta-feira a sábado, sempre pelas 21h30.

Com a encenação a cargo de António Augusto Barros e um elenco constituído por António Jorge, Carlos Marques, Margarida Dias, Marta Gorgulho, Ricardo Correia, Sílvia Brito e Sílvia Lobo, “Além do Infinito” reúne cinco textos da autoria de Abel Neves: “Keóps e bolinhos de canela”, “Leitora de versos”, “O dia meteorologicamente”, “Se estivesse na pele de um índio seria uma tatuagem” e “Além do infinito”, utilizado como título do espectáculo.

Cada um dos textos representa um quadro distinto no interior do espectáculo, explorando sempre um espaço diferente, desde as escadas de pedra ao velhinho anfiteatro. Mas, devido às más condições climáticas, os dois últimos textos não têm sido apresentados, uma vez que foram idealizados para espaços ao ar livre.

Obra versátil

“Além do Infinito” teve origem num desafio proposto pelo pró-reitor para a Cultura à Escola da Noite, para que, a partir de um espectáculo anterior da companhia - “Além as Estrelas São a Nossa Casa” (2000) - fosse criada uma versão especial que se enquadrasse de alguma forma na temática da ciência, tendo em conta a Semana Cultural da Universidade de Coimbra.

António Jorge, da Escola da Noite, refere que este espectáculo “não é uma coisa nova”. “É um espectá-



António Jorge e Sílvia Brito, da Escola da Noite, propõem viagem “Além do Infinito”

culo que faz parte de um livro que Abel Neves escreveu e que já nos pôs nas mãos há bastante tempo, do qual nós gostamos muito e já fizemos espectáculos”, explica. O livro em questão intitula-se “Além as Estrelas São a Nossa Casa” e foi a base do espectáculo homónimo apresentado no ano de 2000 pela companhia.

“Esse livro é composto por 30 pequenos textos que ele próprio sugere que podem ser alinhavados e cozinhados de diversas maneiras, para fazer espectáculos diversos”, afirma António Jorge. “Nós voltámos a este grupo de textos porque achámos

que da primeira vez que o trabalhamos, o material era bastante rico para não se voltar a ele”, acrescenta.

Intervenção inacabada

Sílvia Brito, da Escola da Noite, sublinha que “Além do Infinito” é o último texto do livro da autoria de Abel Neves. “Seleccionámos um dos textos que tínhamos escolhido para dar o título a este espectáculo”, explica. Mas, ironicamente, é precisamente um dos quadros que não tem sido apresentado devido ao mau tempo.

“Além do Infinito” não se trata apenas de um espectáculo. “Nós não

gostamos propriamente de lhe chamar espectáculo”, afirma Sílvia Brito. “Consideramos isto um pouco mais como uma intervenção do que propriamente um espectáculo acabado”, argumenta.

Uma intervenção que será desenvolvida em várias fases ao longo do ano, com diferentes momentos de apresentação ao público. “Temos previsto, precisamente durante todo este ano em que estamos, continuar a trabalhar no material do livro para no final do ano, aí sim, apresentarmos uma nova versão para teatro com textos que já trabalhamos”, refere Sílvia Brito.

“O pai de todas as artes”

Laura Bastos
Liliana Gonçalves

“O teatro é o pai de todas as artes. Esta é uma verdade que ninguém pode negar e, por isso, é a minha única e exclusiva paixão”. Assim começa a mensagem do Dia Mundial do Teatro, este ano escrita por Fathia El Assal, dramaturga egípcia com cerca de 200 trabalhos realizados que incidem, sobretudo, nas condições sociais da mulher no seu país.

O Dia Mundial do Teatro, que se comemora a 27 de Março desde 1962, teve a sua origem em Viena, na Áustria, corria o ano de 1961, durante o IX Congresso Mundial do Instituto Internacional do Teatro. O então presidente da instituição, Arvi Kivimaa, decidiu propor a existência de um dia dedicado ao teatro. No ano seguinte, surgiu em Paris o primeiro Dia Mundial do Teatro. A partir dessa data, este dia passou a ser comemorado um pouco por todo o mundo. Este ano, a cidade de Coimbra também se associa à festa.

Inserido no mesmo âmbito das comemorações, decorre também no Teatro Académico de Gil Vicente, hoje e amanhã, pelas 21h30, a peça “No Estaleiro Geral” da autoria de Luís Patraquim, com encenação de João Mota e interpretação do grupo Bica Teatro. O TAGV recebeu já nos passados dias 9 e 10 a peça “Stand-Up Tragedy”, com texto de Luís Filipe Borges e Nuno Costa Santos e produção da Mundo Perfeito, numa primeira abordagem às comemorações.

Ainda no Gil Vicente, destaque especial para a peça “Do Desassossego”, em cena nos dias 26 e 27 de Março. A actuação é baseada no “Livro do Desassossego” de Bernardo Soares/Fernando Pessoa, tem adaptação de Carlos Paulo, encenação de João Mota e conta com a interpretação de Carlos Paulo e Hugo Franco.

As comemorações de 2004 integram também o ciclo “Cinema em Cena”, iniciado no dia 8 e com fim previsto para o dia 22. As sessões de literatura “Vozes Amanhecidas”, de Abel Neves, com leituras efectuadas pela Escola da Noite e comentários de António Augusto Barros, também vão marcar presença.

Já a companhia de teatro Marionet prepara um novo espectáculo de nome “Tomada de Consciência”, com estreia prevista para dia 24 de Março, prolongando-se até dia 3 de Abril. O espectáculo vai ter lugar no Teatro do Inatel.

Quanto à companhia de teatro Camaleão, está a organizar a peça “Oficina de Computadores”, a estreiar no próximo dia 29, bem como a reposição de “Flatland”, agendada para os dias 31 de Março, 1 e 2 de Abril, esta última acerca de aventuras matemáticas.

Fora do âmbito de Coimbra, a Camaleão apresenta ainda os espectáculos “Ridiculum Vitae” e “Cu Dádá”, a decorrer actualmente em Lisboa, no palco do Teatro da Trindade.

Em vista para o fim de Abril está ainda um espectáculo de um autor belga, cujo nome (sujeito a confirmação) poderá ser “Valência princesa do mundo”.

Problemática da imigração sobe ao palco

Duas culturas, dois passados e um país de acolhimento onde sonhos, frustrações e experiências se envolvem são as inquietações de um “Estaleiro Geral”

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

Visando as Comemorações do Dia Mundial do Teatro, o grupo Bica Teatro apresenta hoje e amanhã no Teatro Académico de Gil Vicente o espectáculo “No Estaleiro Geral” de Luís Patraquim.

A peça retrata a questão da imigração e as dificuldades que giram em torno desta problemática. A acção passa-se num estaleiro de construção de casas para um bairro social e desenvolve-se em torno de dois imigrantes: um de origem africana e outro de leste. Segundo o autor da peça, problematiza-se a questão das identidades e relatam-se acontecimentos passados, frustrações, experiências numa busca incessante por “utopias que se perderam”.

Duas pessoas derrotadas partilham um diálogo de sobrevivência, fazendo uma viagem pelo passado, por situações vividas na guerra colonial ou, como prefere referir Luís Patraquim, na “guerra de libertação do africano”. As referências da realidade imediata confundem-se no tempo conduzindo a uma inevitável tra-

gicidade.

O autor diz que “esta é uma temática actual com problematização em Portugal dada a discussão da Lei do Imigrante”. Luís Patraquim, que para além do teatro faz também poesia e jornalismo, afirma ainda que o seu lado poético é o que o influencia mais neste trabalho, que evidencia uma “pretensão de transcender a condição humana”.

No entanto, a faceta jornalística também deu alguma contribuição à produção do texto uma vez que o tema dos direitos dos imigrantes está na ordem do dia. Tanto que as notícias recentes apontam para uma pesquisa realizada entre a população nacional de vários países da Europa sobre a concessão ou não de igualdade de direitos aos trabalhadores imigrantes. Portugal e Espanha acre-

ditam que trabalhadores nacionais e imigrantes deveriam ter os mesmos direitos. Já no que diz respeito à Alemanha, por exemplo, os números descem drasticamente. Por isso, Luís Patraquim considera que esta “é uma peça forte e polémica dado o tema em debate e o tipo de linguagem utilizada”.

O espectáculo conta com a encenação de João Mota, fundador da Comuna e do Teatro de Pesquisa (companhia que ainda dirige). A produção é da responsabilidade de Cristina Mascarenhas. Em palco, Miguel Sermão e Paulo Patraquim dão vida a Lucas e Evgueni. Miguel Sermão desempenha as funções de actor e assistente de encenação na Comuna enquanto Paulo Patraquim é membro fundador do grupo “Bica Teatro”.

FEITAS

ARTES

Vê-se...



Sofia Coppola

"Lost in Translation - O Amor é um Lugar Estranho"

com Scarlett Johansson, Bill Murray e Giovanni Ribisi - 102 minutos, cor. M/12, Drama/Comédia

10/10

A simplicidade como premissa essencial da perfeição

Bob (Bill Murray) é um reconhecido actor norte-americano que parte para Tóquio durante uma semana para participar numa campanha publicitária. Charlotte (Scarlett Johansson) acompanha John (Giovanni Ribisi), o seu marido, o qual está a realizar um trabalho fotográfico em Tóquio. Bob é casado e tem filhos, sentindo-se por vezes sufocado por tamanho compromisso. Charlotte acaba de se formar em filosofia e ainda não sabe o que pretende fazer no futuro. Bob é mais velho e emana um certo charme. Charlotte é imensamente bonita, inteligente, terna, delicada, com um brilho especial na face que nos faz sustar a respiração sempre que ergue aquele olhar muito meigo, muito doce, na nossa direcção. Bob é um indivíduo deslocado num mundo bastante diferente. Charlotte ressent-se de um certo afastamento do seu marido. Bob não tem grandes expectativas e vive de uma forma serena. Charlotte procura o afecto, o carinho, a atenção, a companhia que não encontra num John demasiado ausente e superficial. Bob vê-a pela primeira vez no elevador do hotel. Charlotte esboça um leve sorriso do qual se esquece instantaneamente. Bob refugia-se na bebida, com gelo, calmamente engolida no bar do hotel ao som de uma voz feminina acompanhada por um piano negro de cauda. Charlotte repara nele e oferece-lhe algo. Ele agradece. Ela volta a sorrir-lhe, mas desta vez não se esquece.

A amizade entre Bob e Charlotte surge de uma forma muito natural, muito espontânea. Ambos procuram a companhia um do outro e geram rapidamente um sentimento recíproco de grande cumplicidade.

Partem à descoberta de um mundo novo e estranho, com cores diferentes, cheiros inéditos, sons distintos, um mundo em constante movimento, de pessoas, de carros, de barulho, abrihantado pelo néon colorido dos anúncios publicitários. Caminham perigosamente sobre a tênue linha que demarca a amizade da paixão, como que desafiando a lei da gravidade. Mantêm os lábios muito próximos, quase juntos, como que pedindo um beijo, mas não chegam a tocar-se, embora sintam o calor da respiração na boca um do outro. Preservam a pureza de um sentimento impossível mas simultaneamente belo e verdadeiro, com um leve toque platónico, talvez devido a essa mesma impossibilidade. Uma relação de tal maneira profunda e inatingível a partir do exterior, que nos é negada a possibilidade de ouvir o segredo que ele lhe sussurra ao ouvido numa das cenas mais intensas que alguma vez experienciei no escuro do interior de uma sala de cinema.

"Lost in Translation - O Amor é um Lugar Estranho" é uma verdadeira obra-prima, mais uma, de Sofia Coppola, após um não menos especial "The Virgin Suicides" (1999). Um filme que revigora um grande actor - Bill Murray - e que confirma a excelência e o impressionante talento de uma actriz em franca ascensão - Scarlett Johansson (já tinha reparado nela em "The Man Who Wasn't There", 2001, dos irmãos Coen). Um filme profundamente bonito, poético, sereno, conciso, com uma enorme precisão técnica, nunca resvalando para os territórios movediços do sentimentalismo banalizado. Um filme apaixonante, na mesma medida que a personagem interpretada pela actriz Scarlett Johansson. **Gustavo Sampaio**

Em negativo...



José Braga,
presidente da
Rádio
Universidade de
Coimbra

Um filme especial - "A Laranja Mecânica" (1971), realizado por Stanley Kubrick

Um realizador essencial - George Méliès

Actor preferido - Groucho Marx

Actriz preferida - Kitten Natividad

Uma cena marcante de um filme - Em "2001: Odisseia no Espaço", a cena em que o primata atira um osso para o ar, aparecendo, logo de seguida em grande plano uma nave especial, numa elipse temporal de milhões e milhões de anos.

Uma banda sonora - "Vampiros Lesbos", de Jesus Franco

Navega-se...

Terrorismo

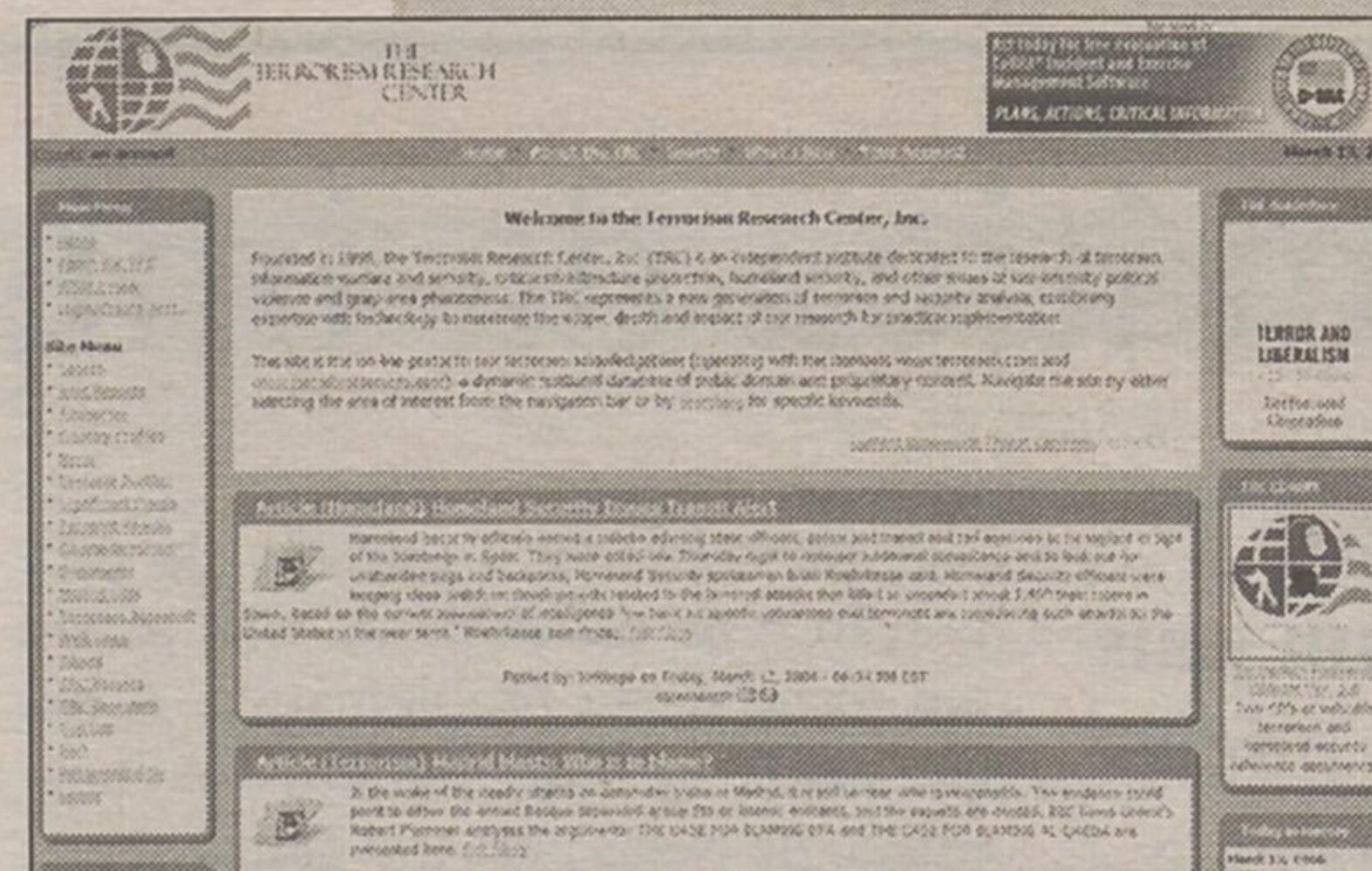
Este é um portal sobre o terrorismo, com informações sobre segurança, protecção de infra-estruturas vitais, e outras áreas de violência com fins políticos. O sítio é gerido por um grupo (Terrorism Research Center) criado em 1996, que é constituído por analistas e especialistas em terrorismo e segurança. As pessoas ligadas ao grupo trabalham ou trabalharam na indústria, em governos ou são académicos. Na página inicial há uma lista com as últimas notícias do mundo que estejam relacionadas com o tema. Do lado direito, encontra-se um painel com efemérides acerca do dia actual e uma citação de relevo acerca do terrorismo ou segurança. Do lado esquerdo estão as secções que compõem o conteúdo principal deste sítio: as análises; os relatórios; os perfis de países, pessoas e organizações. Existe ainda uma livreria, fóruns sobre o sítio e os seus conteúdos, bem como uma lista com livros sobre terrorismo.

<http://www.terrorism.com>

A Grande Loja

Sabiam que a maçonaria também existe na Internet? A Grande Loja Nacional Portuguesa abre as suas portas virtuais aos visitantes e deixa-nos vasculhar alguns dos seus segredos. Há uma divisão da informação existente em três secções principais. Uma sobre a loja em si, outra sobre a maçonaria em geral e outra zona de acesso restrito. É possível conhecer a história da loja, dados sobre a sua constituição e eventos com ela relacionados. Também estão disponíveis artigos escritos pelos seus membros. Relativamente à maçonaria, há um espaço a explicar o que é e quais os marcos mais importantes desde a sua implantação em Portugal, a sua noção de Deus, a fraternidade entre irmãos e o que é entendido por iniciação maçónica. A página ainda não se encontra finalizada: há espaços ainda em construção.

<http://www.glnp.pt>



Terrorismo

"Terrorism"

www.terrorism.com

Uma mulher no Islão

"Al-muhajabah" é uma palavra árabe que significa "aquela que usa vestes islâmicas". Este é um projecto de uma americana convertida ao islamismo que depois do 11 de Setembro de 2001, decidiu lançar um sítio com informações sobre o Islão. As informações estão divididas entre assuntos para muçulmanos, não-muçulmanos e secções que são actualizadas com regularidade. Neste último grupo, encontram-se vários blogs. Destacam-se um dedicado aos pensamentos dela como mulher dedicada ao Islão e um sobre a relação entre os muçulmanos e a Lei dos Estados Unidos. Para os não crentes, há FAQ (Frequently Asked Questions) sobre o Islão, uma introdução à religião, um guia para quem se quiser converter, uma lista de livros acerca do Islão e ainda uma colecção de artigos sobre o mesmo tema. Para os crentes, estão disponíveis artigos escritos pela autora do sítio, uma lista com recursos para se viver como um muçulmano e uma lista de livros recomendados.

<http://www.muhammad.com>

Nuno Curado

Lê-se...



Ondjaki
“Bom dia Camaradas”
Ed. Caminho, 2003.

7/10

Ondjaki ou um novo modo de ver

Todos nós temos ou tivemos alguém conhecido que estivesse estado em Angola, esse país enorme, do rio Zaire ao Cunene, que alimenta histórias e o nosso espírito, por uma ou outra razão. Angola, diga-se, infelizmente, Luanda, teve filhos que chegaram, pelos livros, até nós: Pepetela, Manuel Rui, Luandino Vieira e, agora, Ondjaki.

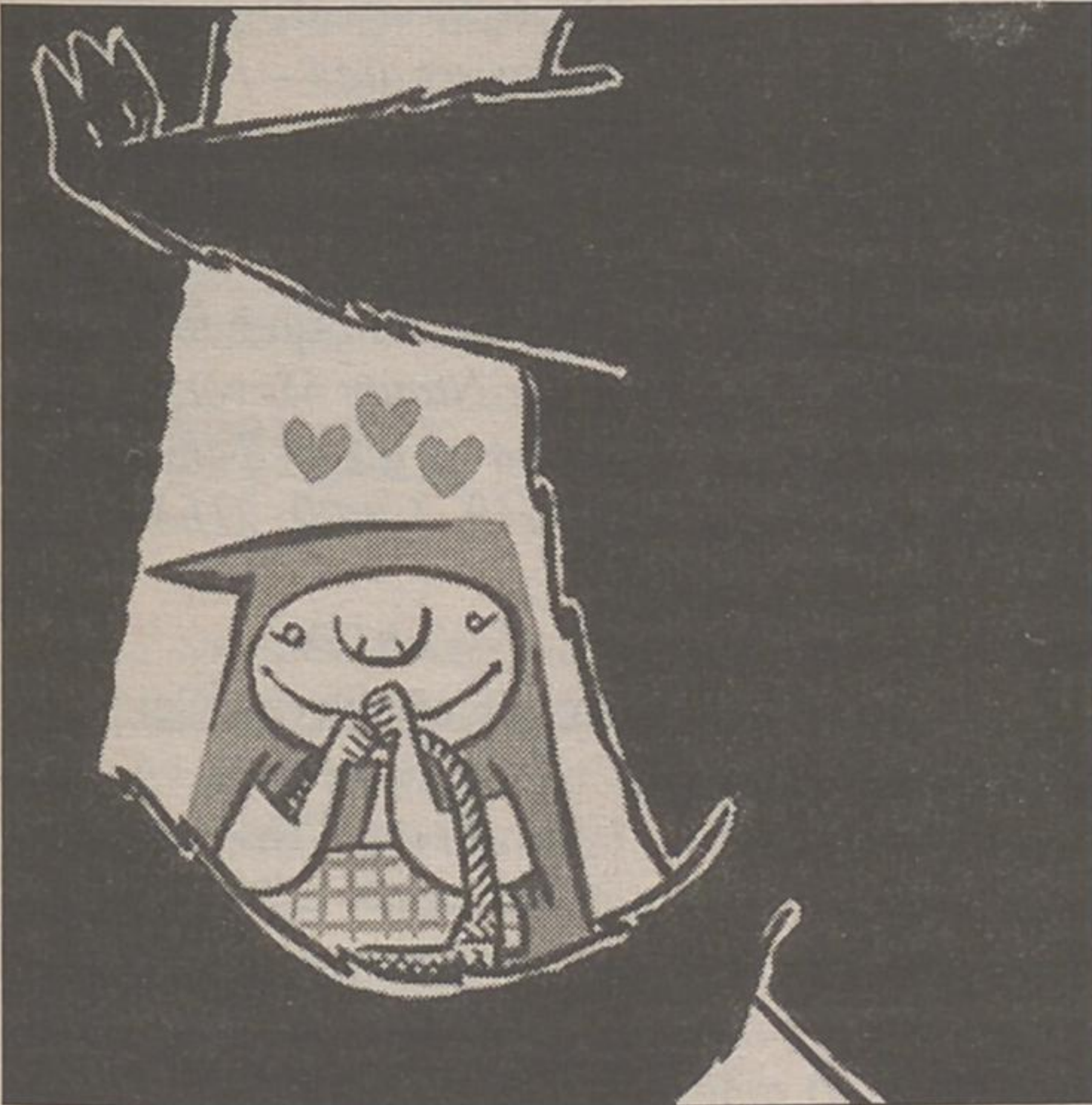
“Bom Dia Camaradas” é narrado na primeira pessoa, de um puto que frequenta a escola, que atravessa as ruas de Luanda, dizendo-nos do quotidiano da cidade: as manhãs com o nascer do Sol, que tem um cheiro especial e que faz o abacateiro espreguiçar-se; as notícias na rádio; o almoço preparado pelo camarada António; a tia de Lisboa, que cede ao pedido da criança levando-lhe, como presente, batatas; o medo já epidémico do vandalismo; os professores-militares cubanos.

Neste livro de Ondjaki, uma linguagem nova para quem não estiver familiarizado com outros modos de escrever português dá-nos uma imagem nova de Luanda (digo Luanda, porque Angola é imensa e heterogénea), quadro de costumes da década de oitenta, que nos diz, de forma ligeira e humorada, da história desta cidade, mas que não esconde as idiossincrasias e contradições desta existência. Uma imagem reinventada, de, parece-me, uma aposta no futuro, no desejo de mudança que, independentemente da nossa nacionalidade, todos desejamos. Alguma coisa está a mudar em Angola, todos sentimos - e não me refiro ao casamento da filha do presidente - e a escrita de Ondjaki é já disso prognóstico.

No entanto, aqui o que parece interessar é o mundo de uma criança de Luanda. Uma criança, depressa o compreendemos, que vive como poucas crianças de Luanda, que habitam nos musseques, ainda que também esta criança passe privações. Uma criança que compreende bem cedo que uma coisa é o Governo e outra o povo, uma criança que sabe, de modo quase inato, as regras do jogo para sobreviver. Uma criança que faz os seus pequenos sonhos com o matéria da sua vida, que não sabe e fica assustada com outros mundos possíveis (que surge, como contraponto, com a chegada da tia Dada de Lisboa). Uma criança, como todas as outras, que quer - e esta pode - brincar - brincar, jogo de criança, brincar com o próprio sistema. Mas uma criança - e aqui residirá a sua diferença existencial - que sabe que o mundo é mudança e esquecimento e tem medo.

Um livro que se lê de um só fôlego, escrito de forma simples, inteligente e terna. Uma nova visão do mundo angolano, nesta época de mudança deste imenso e injustiçado povo, trinta anos após o 25 de Abril. **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Richard Câmara
“O Capuchinho Vermelho”
Polvo Edições, 2003.

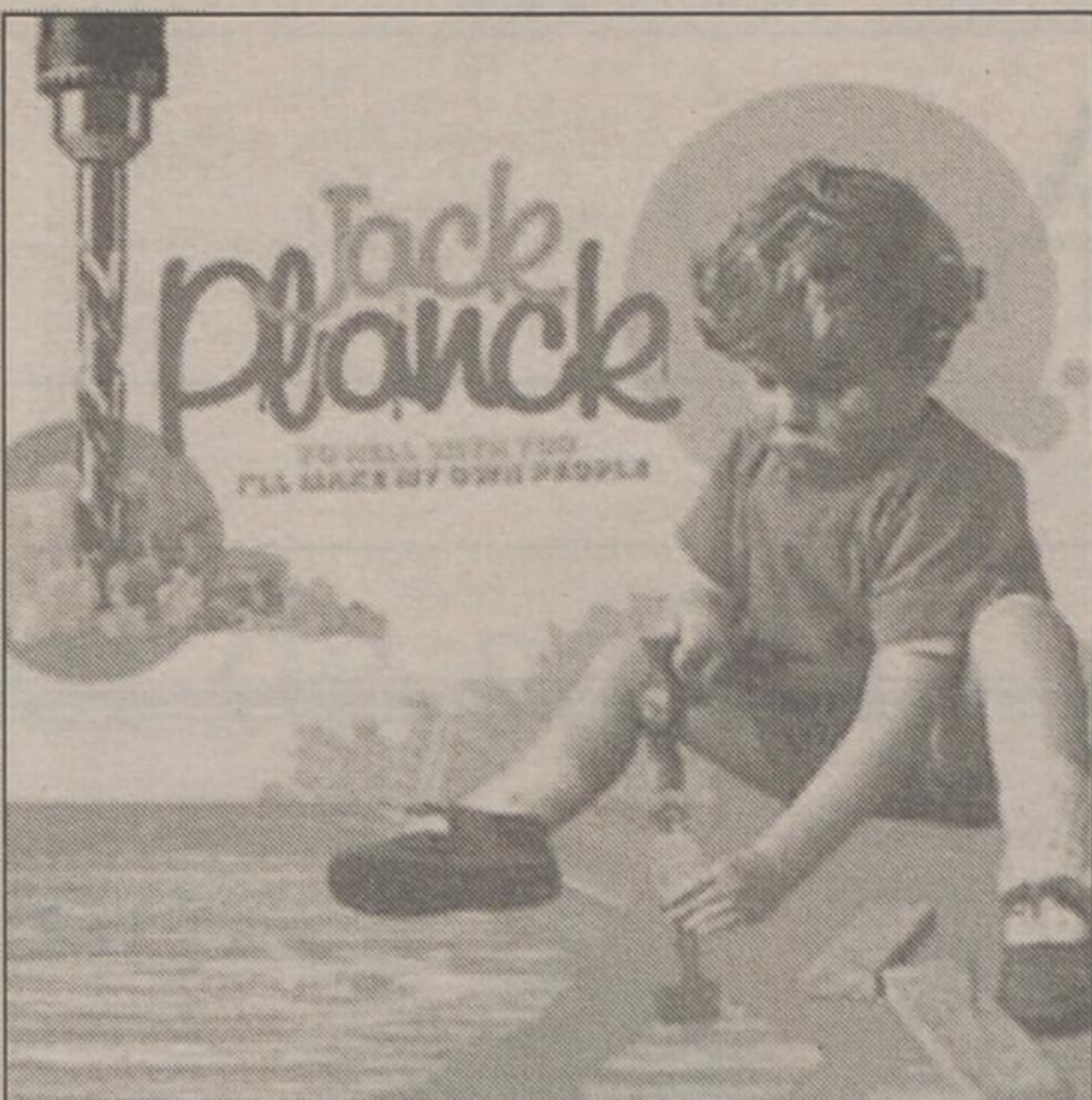
3/10

Um clássico moderno

“O Capuchinho Vermelho, Na Versão Que As Crianças Mais Gostam!”, nome completo da obra, é o mais recente trabalho do autor português Richard Câmara. Este recria a história clássica da menina que leva um cesto para a sua avozinha e se depara com um lobo. No entanto, as semelhanças ficam-se por aqui. A história é apresentada numa versão mais adulta - contrariamente ao que o título possa fazer pensar - e adaptada aos dias de hoje. Ao longo das suas 64 p*ginas a 3 cores (vermelho, preto e branco), o livro mostra-nos um capuchinho vermelho pouco ortodoxo, vaidoso e até atiradiço; a sua avó usa telemóvel e um baton vermelho choque; o lobo é posto fora de casa pela sua companheira; assim, nada a não ser o conceito-base, se assemelha ao enredo original...

Richard Câmara aplica neste livro uma experimentação narrativa inovadora, através do uso de técnicas do cinema e da literatura, contando a história sobre o ponto de vista dos seus quatro intervenientes, Capuchinho, Lobo, Avozinha e Caçador. A estrutura das páginas é semelhante, com a visão de cada personagem a ocupar sempre um quarto da página. Contudo, se esta experiência por parte do autor é interessante, não existe mais nenhum aspecto a favor do livro. O traço é demasiado simples e despreocupado, desrespeitando qualquer regra de anatomia ou perspectiva. E se, contudo, este facto é característico do autor nas suas outras obras, então a ausência total de diálogos faz com que a maior parte dos leitores se limitem a folhear rapidamente o livro e, sem uma boa imagem que lhes prenda a atenção, o coloquem de lado. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Jack Planck
“To hell with you, I'll made my own people”
One Little Indian, 2004.

9/10

A roçar a excelência

Fazer música como quem brinca e criar sons a partir de moldes para criar pessoas é o propósito deste irrequieto e criativo rapaz que, injustamente, ainda não conseguiu muitos ecos do seu trabalho.

Criando temas como “The Boy with the Raccoon Penis” e “Milkman Vs the Screen Actor’s Guild”, começou a ser mais conhecido pelos títulos das músicas do que pelos sons produzidos.

O segredo está mesmo na produção “cut-copy-create-paste” que consegue tocar o easy listening via soul, gospel, jazz e aventurar-se por novos caminhos bem mais dançáveis.

É claro, chamar Garret Lee, que era o vocalista e guitarrista dos Compulsion, também pode não ajudar muito, mas se esclarecermos que é apenas um alter ego para o também músico e produtor Jacknife Lee, o aparente anonimato tende a distanciar-se dos mais atentos.

Em 2001 Jacknife começou as suas aventuras e remisturou (através de um bootleg) Missy Elliot. A partir daí criou algumas remisturas brilhantes para os Beatles, Radiohead, Oasis e Busta Rhymes.

Com excertos vocais samplados que roçam o sublime e ambientes ora melancólicos, ora frenéticos, Jack Plack constrói as suas próprias pessoas a partir de matérias primas recicladas com o selo de qualidade garantida.

“Pass the Amunition” é a música que Moby sempre quis fazer mas nunca conseguiu, e desvarios como “I Love You Mp3 Sample” provam que a inteligência aliada à criatividade e ao bom ouvido conseguem, nos dias que correm, criar um disco que pode surpreender e constituir uma das grandes surpresas do ano.

Muitas vezes, e enquanto Jacknife Lee é comparado a Beck ou a Cornelius, assume agora uma nova designação para recomendar do zero uma carreira que se espera longa e cheia de momentos de incomensurável deslumbramento como este “To hell with you, i’ll made my own people”. **Hugo Ferreira**



Electrelane
“The Power Out”
Too Pure, 2004.

8/10

“Rock sem género”

As Electrelane são um quarteto feminino oriundo de Brighton. Do seu actual alinhamento fazem parte Emma Gaze (bateria), Verity Susman (teclados, guitarra, voz e saxofone), Rachel Dalley (baixo) e Mia Clarke (guitarra). Começaram em 1998, com uma formação diferente, sofreram várias alterações e apenas por volta do ano 2000 conseguiram solidificar-se, enquanto banda, em torno destas quatro figuras. Lançaram três singles nesse ano e em Abril de 2001 saiu o álbum de estreia Rock It To The Moon. Mais uns quantos singles, facilitados pelo facto de terem criado a sua própria editora (de nome Let’s Rock! - que, convenhamos, é uma forte declaração de intenções), e depois a passagem para a Too Pure...

Nesta importante editora independente britânica - que já albergou nomes como P. J. Harvey, Pram, Long Fin Killie, Bows ou Stereolab - lançaram, em Outubro de 2003, o single On Parade. Além desta canção, que lhe dá título, como complemento havia ainda “Teach The Sailor To Pray” e uma versão do clássico “I’m On Fire”, de Bruce Springsteen. Um importante vislumbre sobre o futuro...

Estes três temas, em conjunto com todos os outros que agora surgem no segundo álbum, editado no passado mês de Fevereiro, foram registados em Chicago por Steve Albini durante cerca de cerca de três semanas, em Abril e Maio do ano passado. O objectivo era conseguir um som mais próximo daquele que o quarteto produz nos seus concertos.

O primeiro álbum, que demonstrou um projecto já maduro e com uma aproximação bastante personalizada às estruturas do formato canção, era quase exclusivamente instrumental. Muitas vezes melancólico e soturno (assombrado mesmo), continha também alguma dose de energia mas parecia nunca pedir vocalizações - esse foi um excesso quase sempre considerado desnecessário.

Neste segundo disco, as vocalizações surgem como um passo natural, algo pedido pelos próprios temas, até então incompletos. E há de vários tipos: em francês, em inglês, em alemão, em espanhol, com coros, com gritos, com o fantasma de Laeticia Sadier a pairar em segundo plano... Nota-se sobretudo que permanece vincada a personalidade de um projecto que tem ideias definidas sobre o que quer fazer. Junta-se apenas um pouco mais de rock e de energia, ritmos pós-punk e kraut, guitarras no wave, um soneto do poeta espanhol Juan Boscan, excertos de Nietzsche...

Um dos pontos altos do disco é o surpreendente “The Valleys”, onde um coro de cidadãos de Chicago interpreta o imaginativo arranjo que Verity Susman fez para um poema de Siegfried Sassoon.

Imaginativo, enérgico, sensível e inteligente. E ainda por cima é Rock. Sem preconceitos nem género. **Rodrigo Paulino**

22 AGENDA

Em palco...

“Jemima Stehli” a nu...

“Jemima Stehli”
Fotografia de Jemima Stehli
Centro de Artes Visuais/
Encontros de Fotografia
Até 21 de Março de 2004

17 fotografias, 17 corpos femininos semi ou totalmente nus e uma sensação estranha de ser-se constantemente observado, trabalho de Jemima Stehli, exposto no Centro de Artes Visuais - Encontros de Fotografia (CAV), até 21 de Março.

Resultado de uma parceria com a Galeria Lisson, de Londres, a mostra comissariada por Julião Sarmento foca as problemáticas do corpo, da auto-representação, da erotização do nu, do desejo fetichista, do narcisismo, do “voyeurismo” e da relação entre identidade sexual e poder, tão características em Stehli.

Em muitas das fotografias, a artista londrina utiliza o seu próprio corpo, num desafio constante entre as noções de desejo, narcisismo e prazer. Sempre provocadora, Stehli procura estabelecer um duelo incessante e íntimo entre observador e artista. Jogo cujo exemplo máximo



Um corpo feminino nu, objecto por excelência da fotografia de Stehli

é “Strip”, trabalho realizado em 1999, onde, a convite da artista, vários críticos de arte a fotografam enquanto esta se despe.

O erotismo hilariante de Helmut Newton, a mulher-objecto-falo de Allen Jones, a clastrofobia hedionda de Francis Bacon e a fantasia exótica e erótica, ou vice-versa, de Bert Stern, refe-

rências declaradas do trabalho de Jemima Stehli, são parte integrante desta mostra.

Curioso o olhar sedutor, sensual, excitante e manifestamente feminista de Jemima Stehli sobre o mundo, construído a partir da desconstrução do corpo feminino e do “voyeurismo” latente. **Crónica de Jonas Batista**

Outros rumos...

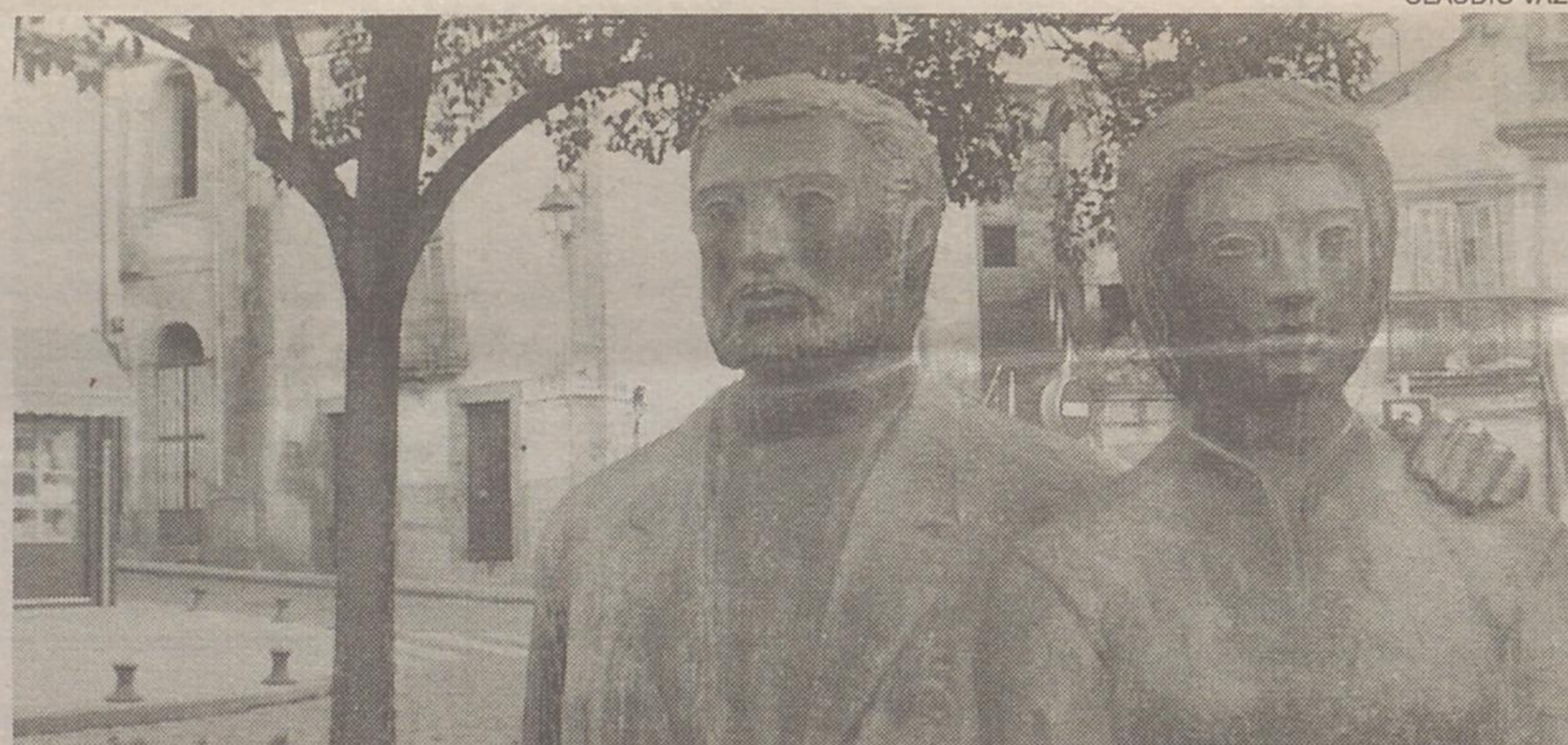
Monção

Ares do Norte

Uma Vila nortenha com história

Não é necessário ir tão longe para refrescar a cabeça e conhecer lugares fabulosos e aconchegantes neste Portugal de vários lugares típicos. Com isto o leitor pode concordar, mas seria necessário um argumento significativo para convencer alguém a viajar algumas centenas de quilómetros só para chegar a uma cidadezinha de que mal ouvimos falar e que nem faz parte dos grandes e importantes circuitos nacionais de turismo.

Mas como não se viaja só pelo prazer de ver, mas também pelo prazer de contar, falo aqui sobre uma vila longe de Coimbra e das dimensões do espaço do quotidiano de muitas pessoas, chamada Monção, no norte minhoto português. Uma vila com características bem locais, com muita história e paisagens dignas das demais terras que contornam o território lusitano irrigado pelas águas



Monção, terra característica pelos seus pratos à base de lampreia

do rio Minho.

Depois da sua fundação em 2104 a.C. pelos babilónios (ou iberos), Monção ainda foi terra de povos como Celtas e Suevos que a batizaram com outros nomes como “Orosion”, nome grego para Monte Santo, e, mais tarde, “Mons Sanctus” do latim, em 410 d.C, na altura em que os romanos foram expulsos da península. Mas foi D. Afonso III que a refundou com o nome de Monção, depois de ter extinguido as vilas vizinhas de Badim e Penha da Rainha, no local actual que só em 1258 veio a receber estatuto oficial de vila.

Terra dos pratos de lampreia, do forte e da fileira de árvores de carvalho da avenida das Caldas, Monção destaca-se também pelo formato e imponência dos muros em granito, que me levaram a recordar os paredões das ruas da cidade de Cuzco, no Peru, berço da antiga civilização Inca.

Realmente não é necessário ir tão longe para saber sobre tudo isso, bastava comprar um bom guia turístico. Mas, como dizia Blaise Pascal, se a vida fosse um livro, viver e não viajar seria como se lêssemos apenas uma página deste livro. **Crónica de Cláudio Vaz**

A não perder...

Teatro

- TAGV -
No Estaleiro Geral
Bica Teatro,
encenação de João Mota,
Hoje e amanhã
Do Desassossego
Comuna - Teatro de
Pesquisa,
encenação de João Mota,
Dias 26 e 27

- Museu dos Transportes -
Passagem
Teatrão,
encenação de António
Mercado
A partir de amanhã
até dia 28
(Quarta a Domingo)

- Museu de Física de
Universidade de Coimbra -
Além do Infinito
Escola da Noite,
encenação de António
Augusto Barros
A partir de sábado
até dia 27
(Quarta a Sábado)

- Teatro do Inatel -
Tomada de Consciência
Morionet,
encenação de Mário
Montenegro
De 24 de Março a 3 de
Abril

Música

- TAGV -
Coimbra em Blues
Organização da Câmara
Municipal de Coimbra e
TAGV
Cephas & Wiggins
Dia 18
Roscoe Chenier Bluesband
Carey Bell
Dia 19
Reverend Vince Anderson
Little Axe
Carey Bell
Dia 20

Exposições

- Centro de Artes Visuais -
Jemima Stehli
Fotografia,
Até 21 de Março

- Edifício Chiado -
Exposição de pintura de

Tran Hong Duc (Vietname)
Pintura abstracta,
Até 28 de Março

- Círculo de Artes
Plásticas -
Core

Obras e instalações da
autoria Miguel Ângelo
Rocha,
Até 23 de Março

Cinema

- Cinemas Millenium
Avenida -
Cine-Teatro
A Paixão de Cristo
De Mel Gibson
Todos os dias - 14h30,
17h00, 19h30, 22h00, 0h30

Estúdio 1
Alguém tem que ceder
De Nancy Meyers
Todos os dias - 14h15,
16h45, 19h15, 21h45,
0h15

Estúdio 2
O Amor é um
lugar estranho
De Sofia Coppola
Todos os dias - 14h00,
16h30, 19h00, 21h30,
00h00

Sessão Especial
Playtime - Vida Moderna
De Jacques Tati
Hoje - 19h00,
amanhã - 19h00 e 00h00

- Cinemas Girassolum -
Sala 1
Cold Mountain
De Anthony Minghella
Todos os dias - 13h45,
16h30, 19h15, 22h00

Sala 2
Alguém tem que ceder
De Nancy Meyers
Todos os dias - 14h15,
16h40, 19h00, 21h30

- TAGV -
Ciclo Cinema em Cena
Sabe-se Lá!
De Jacques Rivette
Segunda - 21h30
Tudo sobre a minha mãe
De Pedro Almodóvar
Dia 23 - 21h30
Barton Fink
De Joel e Ethan Coen
Dia 24 - 21h30

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director Emanuel Graça Chefe de Redacção João Pereira Editor de Fotografia Jonas Batista Editor de Academia e Universidade Tiago Azevedo Editor de Cidade, Nacional e Internacional Mário Guerreiro Editora de Ciência Lurdes Lagarto Editor de Desporto João Cortesão Editor de Cultura João Vasco Secretária de Redacção Liliana Guimarães Paginação Emanuel Graça Redacção Ana Maria Oliveira, Ana Martins, André Jegundo, Bruno Costa, Bruno Fernandes, Bruno Gonçalves, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carla Pinto, Carla Santos, Carlos Portela, Cecília Santos, Cláudio Vaz, Cristina Bastos, Diana Ramos, Dinarte Melim Velosa, Filipa Oliveira, Gustavo Sampaio, Hélder João Pinto, Hugo Ferreira, Inês Saraiva, Joana Moreira, João Pedro Campos, João Pedro Marques, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Marco Pereira, Margarida Matos, Maria João Lopes, Marília Frias, Marilene Alves, Marta Póiares, Nuno Braga, Nuno Curado, Nuno Felício, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Costa Gomes, Pedro Santos, Rita Delille, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Almeida, Tiago Pereira de Carvalho, Tiago Pimentel, Vitor Aires, Vitor Rodrigues e Oliveira Colaboradores Adalgisa Leitão, Ana Elisa Varelas, Andreia Ferreira, Ângela Loureiro, António Gil Leitão, Arlete Moraes, David Jacob, Diana Duarte, Jorge Mendes, José Miguel Abrantes, José Miguel Pereira, Laura Bastos, Marisa Ferreira, Nádia Albasini, Patrícia Ramos, Ricardo Duarte, Rita Faria, Rita Gouveia, Rosa Ramos, Rui Simões, Sandra Henriques, Sandra Pereira Fotografia Ana Laura, Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Carla Pinto, Clarisse Magalhães, Cláudio Vaz, Daniel Sequeira, Francisca Moreira, Joana Fonseca, Jorge Vaz Nande, José Sousa, Marilene Alves, Pedro Costa Gomes, Pedro Bonifácio, Rui Couto, Susana Ventura Publicidade Sofia Carvalho - 239821554; 914941677 Impressão CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com Tiragem 3000 exemplares Produção Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Propriedade Associação Académica de Coimbra Agradecimentos Retórica da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt

Actriz colabora com a CIA

A actriz Jennifer Garner, protagonista da série “Alias” – “A Vingadora”, em Portugal -, dá a cara por uma campanha de recrutamento da CIA.

A actriz concordou, sem receber nada em troca, em aparecer num vídeo convidando as pessoas a candidatar-se à CIA. No site dos serviços secretos pode ler-se que a personagem que Jennifer Garner representa é a personificação da integridade, patriotismo e inteligência que a CIA procura nos seus oficiais. Ainda no mesmo site, a actriz refere que os serviços secretos americanos precisam de uma maior diversidade de pessoas nos seus quadros.

D.R.



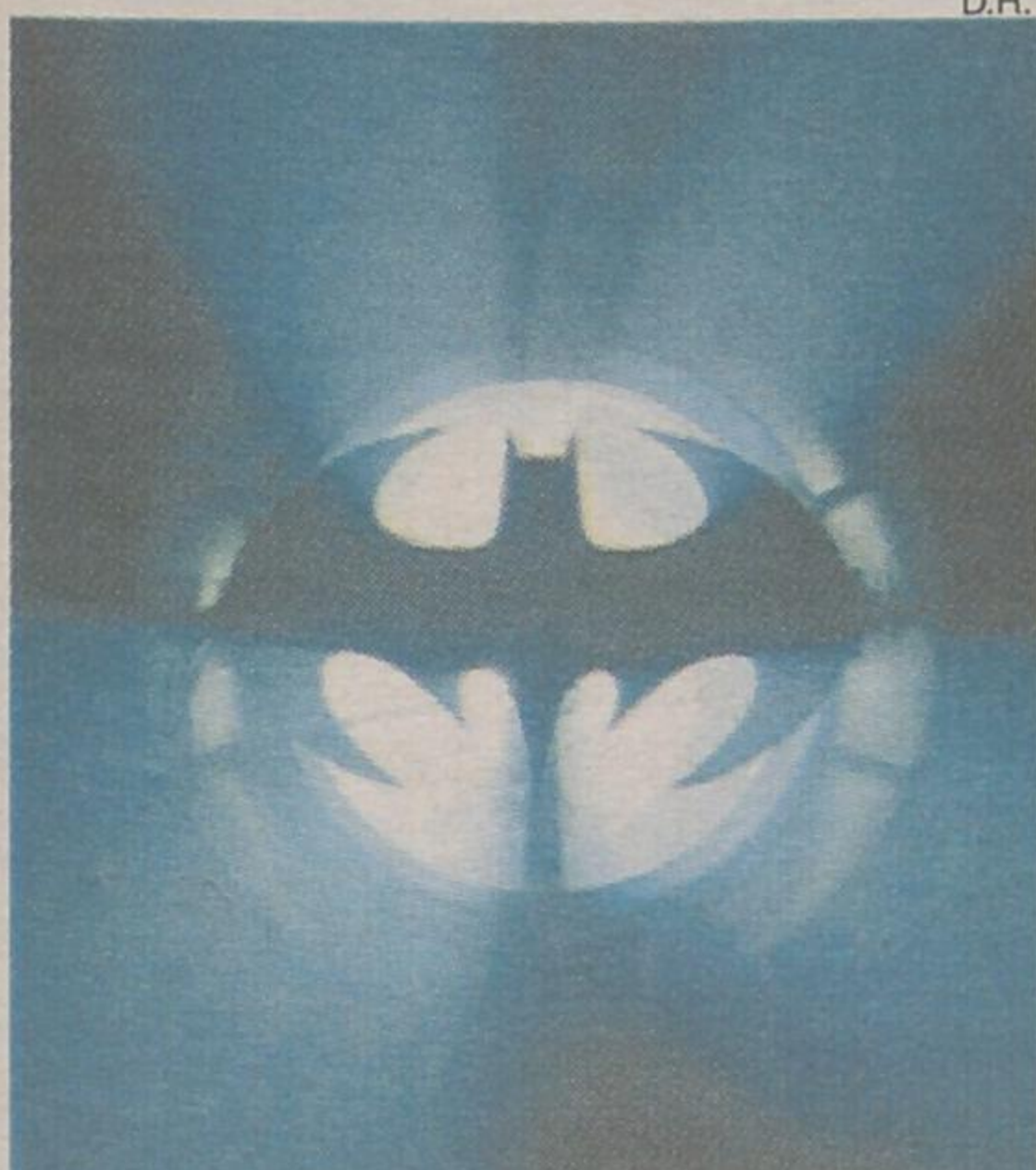
Jennifer Garner

Outra vez Batman

Está em pré-produção o próximo filme do herói-morcego de banda desenhada. Batman volta aos grandes ecrãs no Verão de 2005. O filme vai chamar-se “Batman Begins”.

O novo filme contará com actores como Morgan Freeman, Michael Caine and Liam Neeson. Também o director de “Insomnia”, Christopher Nolan, e o argumentista de “Blade”, David Goyer, estão envolvidos na produção da película.

D.R.



Batman de volta aos cinemas em 2005

George Michael de saída do circuito comercial

“Patience” é o último álbum que os fãs de George Michael vão poder comprar nas lojas.

O cantor declarou à BBC Radio One que não vai colocar mais nenhum dos seus trabalhos à venda nas lojas. Em vez disso, os próximos discos do cantor vão estar disponíveis na Internet, para que as pessoas possam fazer download das músicas gratuitamente.

Em entrevista à BBC Radio One, o artista justifica a sua decisão dizendo que não necessita de dinheiro e não quer mais fama. George Michael admite ter sido sempre muito bem pago pelos seus talentos, pelo que não necessita do dinheiro do público. Assim, o numerário que fizer com o download das músicas será doado a instituições de caridade.

As receitas deste disco vão depender da boa vontade dos fãs do cantor, já que os downloads são gratuitos. Porém, as pessoas são convidadas a doar dinheiro às instituições que o cantor considera mais importantes.

George Michael desmentiu ainda à rádio inglesa que esteja a tentar fingir não ser famoso. No entanto, o artista acredita que daqui a alguns anos não será um alvo dos media. Acredita ainda que vai ser um homem mais feliz dando a sua música e fazendo algo de positivo com ela do que continuando a vendê-la em proveito próprio.

Aos 40 anos de idade, George Michael lançou ontem em Portugal e no Reino Unido o seu último álbum, “Patience”. Este é o primeiro



George Michael pretende doar os lucros dos seus futuros discos para caridade

álbum de originais do artista em oito anos. O cantor conta já com quase duas décadas de carreira e mais de 67 milhões de discos vendidos. O artista, de nome real Georgios Kyriacos Panayiotou, já alcançou

11 singles número 1 na tabela britânica e, em 1996, foi eleito o melhor artista masculino pela MTV Europe. George Michael participou ainda no concerto de beneficência “Live Aid”.

Vestir “O Sexo e a Cidade”

D.R.

A série “Sexo e a Cidade” chegou ao fim em Fevereiro nos EUA. Na quinta-feira, centenas de mulheres fizeram fila para entrar na loja “Ina”, em Prince Street, Nova Iorque. À venda estavam roupas e acessórios das personagens da série.

A dona da loja comprou as peças ao departamento de guarda-roupa do canal HBO. Disse ao New York Times que lhe ofereceram 1000 euros para entrar na loja e fazer compras na quarta-feira à noite. Declara ainda acreditar que muitas das peças acabarão em leilões on-line, já que nem todas as nova-iorquinas vestem o tamanho de Carrie Bradshaw, a personagem interpretada por Sarah Jessica Parker.

Algumas das peças de roupa, por serem excessivamente caras, foram compradas por membros do elenco e outras foram leiloadas para caridade. Outras peças, como um par de sapatos vermelhos, foram arrebatadas por preços nada baratos. Os saltos altos usados por Carrie (que alimentava uma tara por sapatos) foram comprados por cerca de 275 euros. O artigo mais apetecido era um mini-vestido preto Chanel que foi vendido por 5000 euros.

Alguns dos artigos para venda, tinham uma fotografia da cena em que foram usados. É o caso de uma camisa de dormir cor-de-rosa que Carrie usou num encontro com um amante russo.

Carrie, Miranda, Charlotte e Samantha, as trintonas de Nova Iorque, estiveram no ar durante cerca de seis anos fazendo acreditar que ser solteira é muito sexy.

A queda do mito chinês

A Grande Muralha da China, ou a ideia de que esta se vê do espaço, vai desaparecer dos manuais escolares. O primeiro cidadão chinês no espaço reportou que não conseguiu ver a muralha.

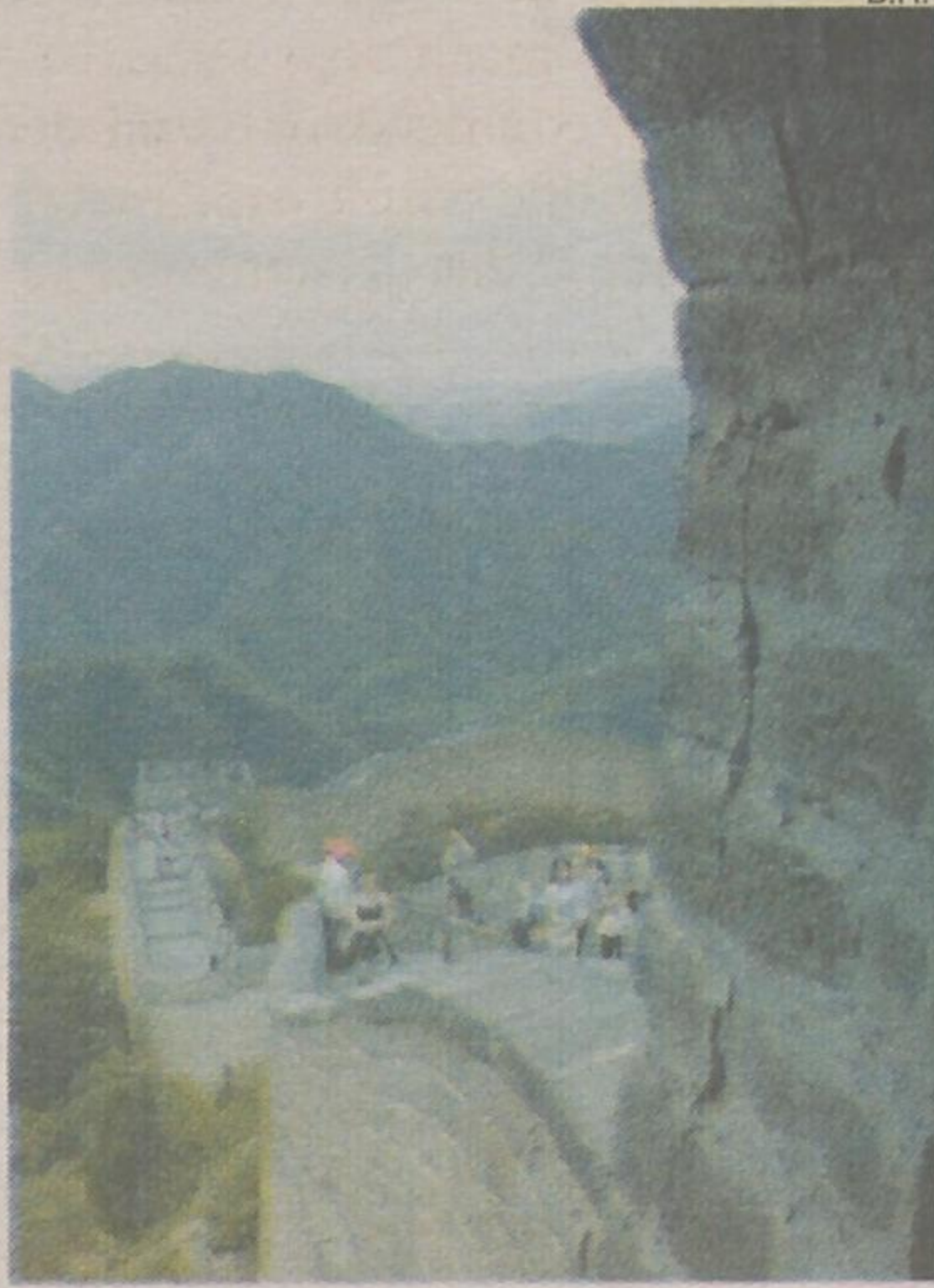
No ano passado, quando Yang Liwei voltou da sua missão de mais de 21 horas, referiu que não foi capaz de ver a Grande Muralha da China. A experiência a bordo do Shenzhou V fez com que, uma vez em terra, tornasse público o que não viu.

A reacção do ministério da Educação é retirar dos manuais escolares as páginas onde se diz que a Grande Muralha da China se vê do espaço. Esta vê-se, sim, em imagens de radar. O jornal Beijing Times cita um oficial do governo chinês que afirma “talvez seja o facto de esta ideia errada estar nos manuais escolares que a tenha tornado um mito”.

A Grande Muralha da China é uma das maiores construções do Homem. As memórias das primeiras

etapas de construção remontam ao século cinco a.C., tendo sido unida e ampliada durante a Dinastia Qin, entre 221 e 206 a.C. A maioria das secções que ainda hoje resistem foram reconstruídas durante a Dinastia Ming, entre 1386 e 1644.

D.R.



A Grande Muralha da China

Eau de Britney

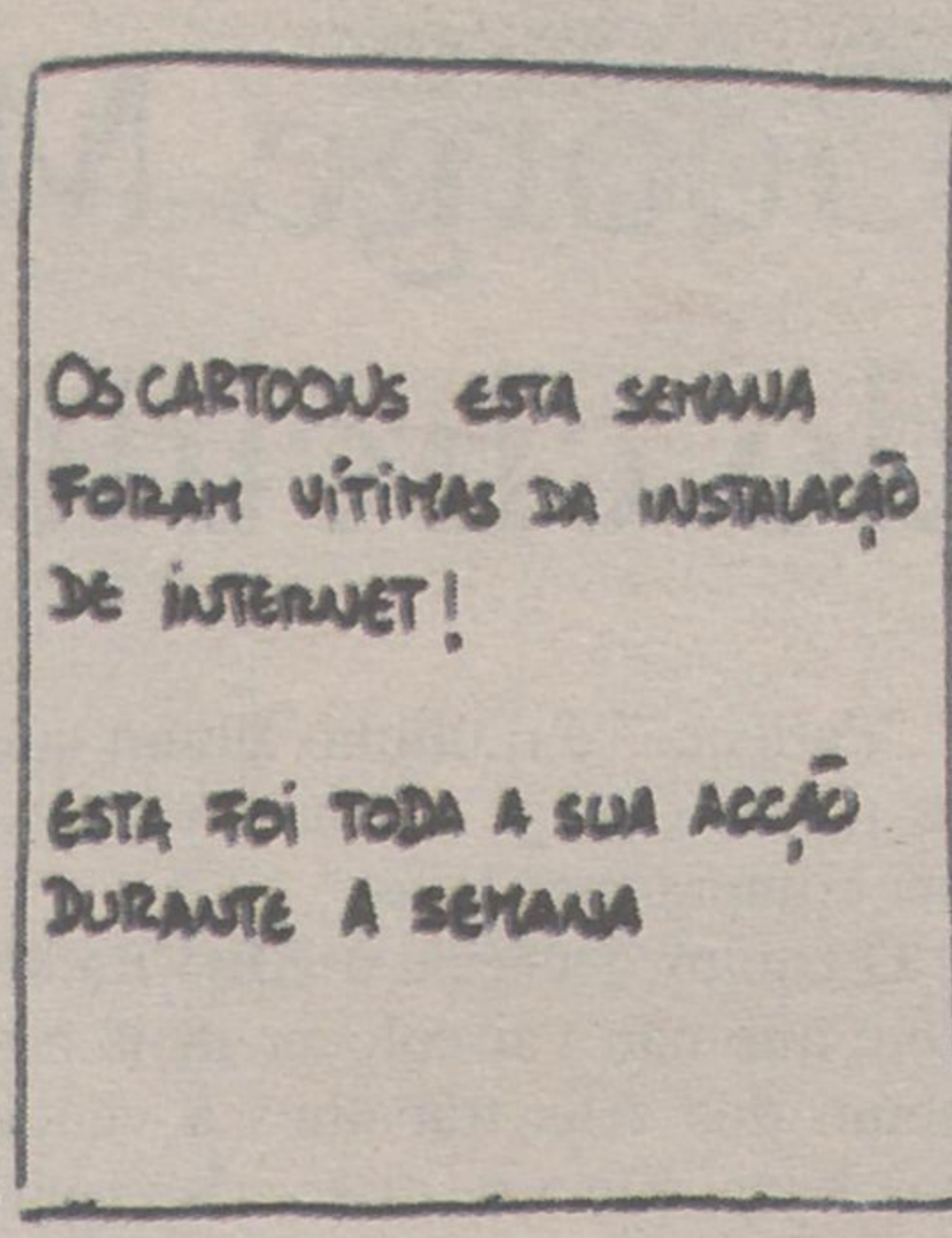
A companhia de cosméticos Elizabeth Arden Inc. assinou um contrato com Britney Spears, o qual se prevê o lançamento de uma linha de perfume, maquilhagem e cuidados faciais. A empresa não é conhecida pelos apelos que faz a jovens. No entanto, decidiu agora tentar penetrar no mercado das “teenagers” através da princesa da pop.

O presidente da empresa, Paul West, afirmou publicamente que Britney Spears está pessoalmente envolvida no processo de criação da fragrância que terá o seu nome. O perfume será o primeiro elemento da linha Britney Spears a ser lançado, o que deve acontecer já no próximo Outono.

A cantora norte-americana junta-se assim a duas outras caras famosas que trabalham actualmente com a companhia de cosméticos Arden: a actriz Elizabeth Taylor e Catherine Zeta-Jones.

Britney lidera a tabela britânica, com o seu mais recente single”. Entretanto, prepara a sua próxima incursão cinematográfica, com a adaptação da obra “Door to Door”, de Tobi Tobin.





IMAGETICA

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

O palco. Luz. Cor. Vermelho-vivo. Vermelho-sangue. Vermelho-paixão. Os corpos desfigurados pela fina película plastificada da aparência. Objectos duplicados. Ambipia. Ou diplopia. Visão errática de uma realidade diagonal aos anseios que nos pretendem incutir a partir de um surgimento próprio como identidade de consumo. Ignóbil. Instantâneo. Intransponível. Irrepreensível. Inverosímil. Intransigente. Tudo começado por 'i' - prenúncio de uma catarse apoteótica, irreversível. Algo de extravagante. Choque! Morticínio. Carnificina. A lâmina que rasga a carne e a divide em postas. Ou os vestígios de pólvora seca na boca ressequida. Crime passional - cadáver decepado no interior do armário, ininteligível. Um odor nauseabundo. Mas a plateia ri-se, alegre e jovial, sabendo de antemão que tudo aquilo não passa de um mero espectáculo, que na-

da é real, mas uma encenação previamente ensaiada. A ignorância também começa por 'i' - prenúncio de escrita rendilhada, utilizada como leitura de casa-de-banho. Primeiro delírio 'camp'; segundo divertimento 'gore'; terceiro absurdo 'kitsch'. O pretensioso recorrente. Do costume. Com os mesmos 'ismos' de sempre. Os tiques. Os gestos. As citações. O tributo ao anterior. Pura clonagem criativa, para mera recreação pessoal e egocêntrica. Proveniente de uma personalidade exageradamente mastodônica. Inerte nas suas ideias. De carácter andrógina - hermafrodita nas suas ambições. «Reparem em mim que sou actor!» Um verdadeiro artista. Na mais pútrida abjeção televisiva. Sob o falso aroma adocicado do 'glamour'. Com os olhos ofuscados por um brilho intenso. E mergulhados no láudano negro da breve morte warholiana.



Educação especial em debate na próxima semana

Uma reflexão sobre a educação das pessoas com deficiência e sobre a sua integração no mundo do trabalho e na sociedade é o mote do seminário "Da Diferença à Igualdade", que o Núcleo de Estudantes de Psicologia e Ciências da Educação (NEPCE) organiza já nos próximos dias 23 e 24, no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra.

De acordo com a vice-presidente do NEPCE, Vera Joaquim, o seminário destina-se não apenas a profissionais e estudantes, mas "a todos os cidadãos interessados". Ao longo dos dois dias, temas como o emprego e a formação profissional, os estudantes com necessidades educativas especiais e a importância da arte no desenvolvimento das pessoas com deficiência vão ser debatidos por docentes, investigadores e representantes de várias instituições que desenvolvem trabalhos nesta área. A Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação e a Associação Portuguesa de Protecção ao Deficiente autista são algumas das entidades que marcam presença.

Mas o evento não se fica pelas mesas redondas. Na manhã do segundo dia, tem lugar uma exposição de obras de artistas com necessidades especiais, que vão ainda realizar alguns trabalhos no local. Já a encerrar o seminário, o grupo infantil Teatro a Fingir, da fundação AMI, em colaboração com o Centro Porta Amiga de Chelas, traz a público a peça "Todos Diferentes todos Iguais!".

Jornalismo e Comunicação em Coimbra

Numa altura em que os media falam no Euro 2004, no segredo de justiça e na Guerra do Golfo, também os estudantes querem debater temas polémicos da actualidade

Filipa Oliveira

A terceira edição do Encontro Nacional de Estudantes de Jornalismo e Comunicação (ENEJC) promete reunir alunos de instituições de todo o país nos dias 26, 27 e 28 deste mês. Subordinado ao tema "O quarto poder em discussão", o evento pretende juntar em debate vários

profissionais da área, bem como proporcionar workshops e convívios aos participantes.

Vários assuntos como o Euro 2004, o segredo de justiça, a liberdade de imprensa, as fugas de informação, a Guerra do Golfo, táticas publicitárias e política são debatidos por oradores como o director do diário "A Bola", Vítor Serpa, os repórteres Carlos Fino (RTP) e Carlos Raleiras (TSF) e o conhecido publicitário Edson Athayde, entre outros.

No primeiro dia do encontro, sexta-feira, o debate centra-se no papel dos media no Euro2004. Segue-se um jantar-convívio. Já no segundo dia, os estudantes podem participar em workshops de rádio, televisão, escrita jornalística, relações públicas e assessoria de imprensa. À tarde, estão em discussão "A utilização dos media na guerra para propagan-

da e contra-informação" e "A comunicação nos media regionais". No último dia, fala-se sobre publicidade, ética e deontologia.

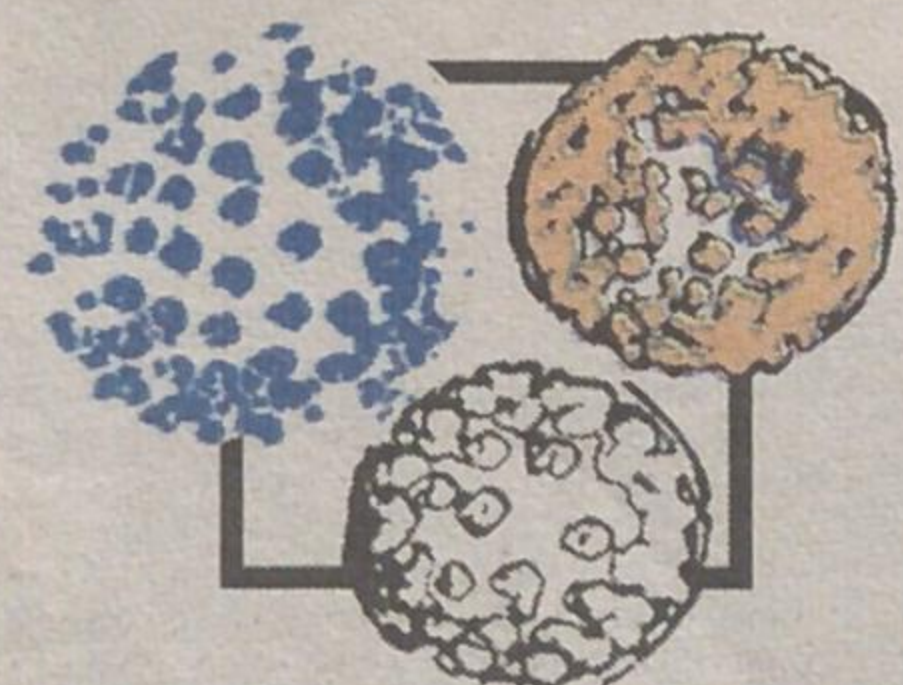
O evento termina com a votação do local de realização do IV ENEJC. Os estudantes de Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra organizam o ENEJC já pelo terceiro ano consecutivo. A necessidade de dar ao encontro uma dimensão mais abrangente e o interesse manifestado por alunos de outras instituições em organizar o evento levou a que os estatutos (aprovados no ano passado) estabelecessem a rotatividade da iniciativa, o que impossibilita a sua realização em dois anos consecutivos no mesmo local.

Segundo o coordenador-geral do III ENEJC, Filipe Sousa, esta iniciativa pretende "dar a conhecer a

perspectiva dos que já são profissionais, para que os estudantes se apercebam o que os espera no futuro". O principal objectivo é "conseguir, cada vez mais, uma presença de estudantes", afirma.

A organização do ENEJC espera ainda uma resposta por parte da Câmara Municipal de Coimbra e da reitoria no que diz respeito aos patrocínios, afirmando que a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra e o Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra são os principais apoios da iniciativa.

Os bilhetes gerais variam entre os 40 euros para estudantes e 50 euros para não-estudantes; com alojamento rondam os 75 euros e 80 euros, respectivamente. Mais informações acerca do evento disponíveis em www.enejc.web.pt.



VIII Encontro Nacional de Estudantes de Biologia

Coimbra > 3.4.5 Abril > 2004

www.uc.pt/eneb2004

Inscrições para: NEB/AAC, Apartado 1006, 3001-501 Coimbra
E-mail: eneb2004@ci.uc.pt
Tlm.: 966 311 616 | Fax: 239 820 780

Organização:



Associação Nacional de Estudantes I ANEBIO
BIOLOGIA

Biologia em Comunidade